

Maiacovski

V = 25,

# ANTOLOGIA POÉTICA

Estudo biográfico e tradução  
de Emílio C. Guerra

EDITORA MAX LIMONAD LTDA.  
Rua Quintino Bocaiúva, 191 — 4.º  
São Paulo — Brasil

**Titulo:**  
**Antologia Poética**

**Autor:**  
**Maiacovski**

**Tradução:**  
**E. Carrera Guerra**

**Capa:**  
**Walkyria Suleiman**

- 1.ª edição: (Editora Leitura S.A.) 1963
- 2.ª edição: (Editora Leitura S.A.) s/d
- 3.ª edição: (1.ª pela Editora Max Limonad Ltda.) 1981
- 4.ª edição: (2.ª pela Editora Max Limonad Ltda.) 1984
- 5.ª edição: (3.ª pela Editora Max Limonad Ltda.) 1984
- 6.ª edição: (4.ª pela Editora Max Limonad Ltda.) 1987

**Copirraite da tradução:**  
**Isadora Coutinho Guerra**

**Copirraite da presente edição:**  
**EDITORA MAX LIMONAD LTDA.**  
**Rua Quintino Bocaiúva, 191, 4.º andar**  
**CEP 01004 — São Paulo — SP — Brasil**  
**Tel.: (011) 35-7393**

## Prefácio

*Aos jovens poetas do Brasil*

Começamos a escrever e a publicar este estudo sobre Maia-covski nas páginas da extinta revista *Temário* (n.ºs 2 a 5; 1951-1952).

O trabalho — que foi ultimado, mas ficou em sua maior parte inédito — dividia-se em duas partes, acentuando-se, na primeira, de preferência a vida do poeta dentro de seu tempo e lugar e, na segunda, a obra, focalizando-a em seus diversos aspectos e em suas repercussões universais.

É essa primeira parte do ensaio, refundido e resumido, que ora reproduzimos aqui. Todavia, o leitor interessado também encontrará aqui as indicações fundamentais sobre a obra do poeta, de vez que a vida e a obra de Maia-covski estão de tal modo entrelaçadas que não se pode escrever sobre uma sem mencionar a outra.

Por outro lado, se vida e obra se interpenetram, com igual vigor inserem-se ambas nos grandes acontecimentos da época que testemunharam. Maia-covski é o poeta da Grande Revolução Russa de Outubro de 1917, o poeta do socialismo nascente, donde a necessidade de, tratando-se de sua vida, esboçar o quadro histórico em que atuou. Pela mesma razão, fomos levados a descrever o panorama da literatura soviética anterior a 1930, pois fora de seu âmbito específico não se compreendia a atividade do poeta participante.

Neste ensaio, a intenção de informar predomina sobre a de interpretar. Daí a abundância de citações e as referências da bibliografia.

A exposição segue, tanto quanto possível, a ordem cronológica.

Desejamos apresentar Maia-covski às pessoas que, já o conhecendo de nome, não tiveram por tal ou qual motivo oportunidade de conhecê-lo mais de perto e, sobretudo, à inúmera gente que, nunca tendo ouvido falar dele, terá uma revelação feliz no vulto do grandioso poeta.

De fato, muito pouco foi escrito sobre Maia-covski, em nossa língua. Mário de Andrade foi provavelmente o primeiro a mencioná-lo de passagem, com simpatia, — e como futurista apenas — no seu *A Escrava Que Não é Isaura*, escrito em 1924. Outros se têm limitado à simples referência nominal. Tudo que pudemos coligir em nossa língua, com caráter de estudo ou

de informação especial, foi a conferência (1946) de Carlos Burlamaqui Kopke, inserida entre os ensaios de *Fronteiras Estranhas*. Sua única fonte, porém, no que tange ao poeta, parece ser a *Antologia de Maiacovski* da escritora argentina Lila Guerrero, que tem sido, aliás, a maior e melhor artífice da glória de Maiacovski na América Latina.

Também para nós, foi o livro de Lila Guerrero (1943) o veículo da “descoberta” admirável, logo registrada, com entusiasmo, no artigo “Maiacovski, mensagem aos incrédulos”, então publicado na revista estudantil *Renovação*.

Só muito recentemente é que Maiacovski pôde aparecer em livro pela primeira vez, em nossa língua, com os quatro poemas traduzidos e enfeixados no luxuoso volume da coleção *Maldoror* (Philobiblion, Editora Civilização Brasileira, 1956).

Ao que sabemos, a isto se reduz, até agora, a bibliografia de Maiacovski entre nós\*.

Por isso — e para não fugir à presunção de todos os prefácios — acreditamos que este trabalho venha, realmente, preencher uma lacuna e corresponder ao que em outros países cultos se tem feito pela divulgação do grande poeta russo.

Os poemas que compõem a Antologia são quase todos rigorosamente inéditos em português e alguns o são em espanhol. Para traduzi-los, confrontamos versões francesas, espanholas e inglesas e, em questões de somenos, consultamos algumas vezes o texto russo. Não obstante, em certos casos, tivemos que optar antes por uma adaptação do que por uma tradução propriamente dita.

Com a publicação deste livro, esperamos servir sinceramente à Poesia, aos leitores e poetas brasileiros, bem como à grande obra comum, pacífica, de aproximação cultural e de amizade entre os povos.

Rio, 30 de novembro de 1956.

E. CARRERA GUERRA

---

\* Cabe aqui citar:

*Poemas*, apresentação, resumo biográfico e notas de Boris Schnaiderman, tradução de Augusto e Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967.

*A Poética de Maiakóvski*, Boris Schnaiderman, Editora Perspectiva, São Paulo, 1971.

*Poética, como fazer versos*, Maiakóvsky, Global Editora Distribuidora Ltda., 1.ª ed. 1978, 2.ª ed. 1979, 3.ª ed. 1981. (N. E.)

## A VIDA DE MAIACOVSKI

### I — ANTES DE OUTUBRO

INFANCIA E JUVENTUDE. MAIACOVSKI E BURLIUK. O GRUPO FUTURISTA. ELSA TRIOLET TAMBÉM DESCOBRE MAIACOVSKI. O FUTURISMO RUSSO E MARINETTI. GORKI E MAIACOVSKI. LILA BRIK.

Vladimir Vladimirovitch Maiacovski nasceu a 7 de julho de 1893, na aldeia georgiana de Bagdadi, que hoje tem o seu nome. A 19 de julho, pelo novo calendário. O próprio Maiacovski informa:

*Nascido a 7 de julho de 1894 ou 1893. A opinião de minha mãe não coincide com os documentos de meu pai. Antes, com certeza, não nasci.*

Era filho do guarda florestal Vladimir Maiacovski e sua mulher Alexandra Alexándrovna, tendo duas irmãs mais velhas que ele, Ludmila e Olga.

A infância de Maiacovski se passa naquela região do Cáucaso, em contato libérrimo com a natureza, impregnando-se da grandiosa paisagem de montanhas, florestas e rios. Morava numa casa de madeira, cuja situação descreveu mais tarde numa autobiografia de estilo telegráfico e humorístico:

*Em cima vivia a família e em baixo havia uma pequena fábrica de vinhos. Uma vez por ano traziam carros de uva. Eu comia. Eles bebiam. Tudo isso acontecia próximo à fortaleza de Bagdadi. A fortaleza fica enquadrada em suas quatro muralhas. Nos ângulos, os canhões. Nas muralhas, as ameias; detrás da muralha, o fosso. Detrás do fosso, os bosques. E também chacais. E por cima dos bosques, as montanhas.*

Em versos assim fixaria essa quadra de sua vida:

*Quando garoto  
a gente, preocupada, trabalhava  
e eu escapava  
para as margens do rio Rion  
e vagava sem fazer nada.  
Aborrecia-se minha mãe:  
"Garoto danado!"  
Meu pai me ameaçava com o cinturão.*

*Mas eu  
com três rublos falsos  
jogava com os soldados sob os muros.  
Sem o peso da camisa  
sem o peso das botas*

.....  
*torrava-me ao sol de Kutais  
até sentir pontadas no coração.*

**Aprendeu a ler quase sozinho:**

*Eu aprendi o alfabeto nos letreiros  
folheando páginas de estanho e ferro.*

Suas primeiras leituras são o *D. Quixote*, livros de Júlio Verne e os clássicos da poesia russa, principalmente o *Eugênio Onéguin* de Púchkin, que o pai lhe ensina para que recite nos dias em que há visitas.

Ingressa na escola secundária da cidade de Kutais e já a esse tempo manifesta-se muito bem dotado para as artes plásticas, desenhando com facilidade, a ponto de entusiasmar um professor local que lhe dá aulas gratuitas.

Mas o imperialismo czarista empenhara-se na guerra contra o Japão e, no ano de 1905, em seus tenros onze anos, Maiacovski, favorecido pela estatura precocemente desenvolvida, ia travar os primeiros contatos com a revolução, em seu "ensaio geral".

Dá-se a célebre greve dos operários de Baku. Todo o Cáucaso se agita. O odiado general Alikanov, representante e executor da política opressora do trono, é justificado pelo povo georgiano.

*Para mim — conta Maiacovski — a revolução (de 1905) começou assim: meu companheiro era cozinheiro de um padre. Chamava-se Isidoro. Ao ter notícia da morte do general Alikanov, Isidoro, de alegria, subiu descalço sobre o teto do forno.*

Fervilhavam os círculos de estudos marxistas e Maiacovski logo aderiu a um deles. Começou, desde então, a considerar-se social-democrata.

*Apanhei — diz ele — os trabucos de meu pai e os levei ao comitê do Partido.*

Lê muito. Sua irmã Olga, vinda de Moscou, traz e lhe dá para ler boletins revolucionários, ilegais.

*Em segredo me deu uns papéis grandes. Agradaram-me. Muito arriscado.*

Acendia-se-lhe a imaginação de heroísmo juvenil. Em sua casa se discutiam os acontecimentos, lia-se em voz alta a *Canção do Albatroz*, poema de Gorki. Referindo-se a esse período, diria:

*Não sei como se juntaram em minha cabeça os versos e a revolução.*

A derrota da revolução de 1905 é seguida de uma onda de terror policial. O menino Maiacovski, partícipe de muitos comícios, é atingido pela violência.

*Durante o pânico, quando dissolviam uma manifestação, atiraram-me ao chão e caiu-me na cabeça um tambor enorme. Assustei-me. Quando explodiu, pensei que eu mesmo tivesse arreventado.*

A morte inesperada do pai muda o destino da família Maiacovski, obrigando-a a trasladar-se para Moscou.

O tumulto que imediatamente se segue é assim resumido por Elsa Triolet:

*O pai está morto. A família se muda para Moscou. É a miséria negra. 1906-1907, Maiacovski está no liceu. Aos treze, quatorze anos se apaixona pela filosofia, por Hegel. Pela história natural. Mas, sobretudo, pelo marxismo. Em 1908, aos quinze anos, adere ao partido socialista russo (bolchevique). É preso, pela primeira vez, acusado de escrever proclamações, depois solto. Um ano de trabalho militante. Preso uma segunda vez, como implicado na evasão das mulheres do cárcere de Novinski, em Moscou. Condenação. Durante os onze meses de prisão (tem 15-16 anos), se põe a devorar literatura. Lê os contemporâneos e os clássicos: Byron, Shakespeare, Tolstói.*

Da viagem de mudança, restara, aos quatro componentes da família, três rublos. A mãe sublocava quartos, Ludmila e Olga dedicavam-se ao artesanato da pintura de ícones e congêneres, no que Maiacovski ajudava. Entre os sub-inquilinos, quase todos estudantes ligados ao movimento revolucionário, Maiacovski assiste ao primeiro suicídio e à primeira condenação à morte. Apesar do esforço conjunto, os meios de subsistência são precários e a família passa fome.

Milita sob o pseudônimo de Constantino e sua tarefa é a de propaganda entre padeiros, sapateiros e tipógrafos. A 29

de março de 1908, foi descoberta a tipografia ilegal de seu bairro e o poeta, que para lá se dirigia, foi preso, tendo em seu poder uma caderneta com endereços. "Comi a caderneta com capa e tudo" — relataria depois. Por tratar-se de um menor, a detenção dura pouco, mas repete-se no ano seguinte. Até que, na terceira vez, transitando de cárcere em cárcere, o jovem Constantino vai conhecer a famosa prisão de Butirki, apelidada pelo povo de "empresa de pompas fúnebres", ocupando a cela n.º 103. Por isso escreveu:

*Eu, no entanto,  
aprendi a amar no cárcere  
.....  
me enamorei da janelinha da cela 103  
da "oficina de pompas fúnebres"  
.....  
então  
por um raiozinho de sol amarelo  
dançando em minha parede  
teria dado todo um mundo.*

Saído da prisão num dia de inverno de 1910, paira ainda, sobre aquele jovem de 16 anos, uma condenação de três anos de degredo, que só não é cumprida graças à influência de amigos e companheiros. Entretanto, Maiaovski não conheceria mais descanso.

Quer completar os estudos, quer preparar-se para a grande tarefa poética a que se sente chamado. Mas, ou porque não tivesse encontrado ainda a expressão para seus sonhos ou porque outra escola não o aceitasse em face de seus antecedentes políticos, matricula-se na Escola de Belas-Artes, dirigida pelo príncipe Lvov que, cedo, o aconselharia a deixar "a crítica e a agitação". O caderno de poemas escrito entre as grades fora apreendido à saída do autor que, aliás, não deu maior importância à perda.

Com o experimento, verificara a impossibilidade de exprimir sua vida, suas emoções, seus ideais, usando a forma simbolista dos corifeus então em voga: Bálmont, Briússov e Biéli. Estes não tinham ido além de uma reforma da linguagem, opondo-se à poesia oficial dos acadêmicos e, naquele momento, por sua vez se oficializavam como decadentes; numa época conturbada, continuavam "a atirar alegremente ananases ao

céu". De que poderia ver melhor do que eles, Maiacovski não tinha dúvidas. Mas sentia faltarem-lhe conhecimentos, experiência, que pensava adquirir numa universidade. Prosseguir na militância estrita seria, àquela altura, passar forçosamente à clandestinidade completa, o que lhe obstaría os planos.

*... Que posso opor às estéticas antiquadas que me rodeiam? Por acaso a revolução não exigirá de mim que passe por uma escola séria? Fui visitar um camarada, Medvédev, que era então para mim um camarada do Partido. "Quero fazer uma arte socialista". Meu amigo se pôs a rir às gargalhadas: "Tens os olhos maiores que a barriga". Interrompi o trabalho de militante e me pus a estudar.*

Fez-se aluno do pintor Iucovski e depois de Keling.

*Além de daminhas, pintava jarrahos de prata. No fim de um ano percebi que me ocupava de labores domésticos. Fui para o estúdio de Keling. É um realista. Bom desenhista. Melhor mestre. Firme. Variável. Exige maestria. Não suportava o bonito. Passei um ano fazendo cabeças.*

Continuava insatisfeito. Não fora precisamente para fazer "cabeças" que interrompera a militância. Sua grande ambição era fazer arte socialista. E tal será o problema que vai resolver ao longo de sua vida, num esforço consciente e contínuo.

Na Escola de Belas-Artes, Maiacovski conhece David Burliúk, homem culto, mais velho que ele, rude de aspecto, feio mesmo, com sua cara quadrada de *boxer*, um olho cego e desafiadores *lorgnons*. Burliúk seria o "mestre", o descobridor de Maiacovski, aquele que, ao ouvir pela primeira vez um de seus poemas, não refreria o próprio entusiasmo, não lhe regatearia o qualificativo imediato de genial. Maiacovski nunca deixou de manifestar reconhecimento e ternura por esse amigo, "o esplêndido Burliúk".

*Ao escutar epíteto tão grandioso quão imerecido, alegrei-me tanto que me entreguei por completo a fazer versos. Aquela noite, inesperadamente, fiz-me poeta — recorda Maiacovski em sua pequena autobiografia.*

Mas o entusiasmo de Burliúk era sólido e, no dia seguinte, já apresentava o poeta a um grupo de amigos, dizendo:

*— E meu amigo, o genial poeta Maiacovski. Este o adverte, puxando-lhe a manga do paletó. Burliúk não se dá por achado. Quando ficam sós, diz-lhe por fim Burliúk: — Agora escreva, senão me deixará numa situação muito ridícula.*

Essa bela amizade, na qual Burliúk aparece como o “descobridor de todo um continente”, muito contribuiria para o irrompimento, em 1912, do futurismo russo.

Ao lado de Burliúk e Maiacovski figuram no movimento futurista russo Khlébnikov, Kruchónik e Kaménski, sendo os quatro primeiros signatários do manifesto “Bofetada no gosto público”, lançada em dezembro de 1912.

Khlébnikov é um poeta de “genialidade silenciosa”, encurvado, tímido, com “ar de grande pássaro doente”. Errante como um vagabundo, viaja sem cessar, levando como única bagagem um saco com meia dúzia de livros e cadernos de notas, em que recolhe os resultados de suas experiências de renovador da linguagem poética e do léxico, sem se preocupar em deixar obra escrita e acabada.

Kruchónik, temperamento sombrio, tem de comum com o grupo o anti-esteticismo. Kaménski, “muito louro, olhos de um azul de capitão de navio, boca movediça de mentiroso”, aviador de profissão, possuidor de grande experiência literária, é poeta de “extraordinário talento”, que desperdiça no improvisado imaginoso das conversas, e compõe versos de “aterrissagem inesperada e acrobacia formal”.

Burliúk, o animador do grupo, atrai a ira dos mestres, Maiacovski bate a tecla socialista e o resultado imediato é a agitação na Escola de Belas-Artes, terminando com a expulsão dos alunos iconoclastas, em 1914.

Mas não só Burliúk. Elsa Triolet também descobriria Maiacovski, já futurista, em plena fase da blusa amarela e assim nos relata a sua descoberta:

*Eu estava na escola. Maiacovski, ainda nas Belas-Artes, rachava de fome e fazia parte dum grupo que se chamou mais tarde “futurista”...*

*Encontrei-o em casa de uns amigos. Parecera-me gigantesco, incompreensível, insolente. Eu tinha quinze anos e tive muito medo. Foi pouco tempo depois que ele apareceu em minha casa. Tanto quanto me lembro, acabara de vender seu primeiro grande poema: A Revolta dos Objetos, do qual não encontro rastro em parte alguma, talvez porque tenha mudado o título. O fato é que tinha algum dinheiro e imediatamente se havia “equipado”: fizera com que sua mãe (pobre mulher!) lhe confeccionasse uma blusa amarelo-limão que lhe caía no meio dos quadris e que usava sem cinto e com uma grande*

*gravata preta. Uma cartola e um elegante sobretudo completavam o equipamento.*

As visitas se amiudavam. Maiacovski, naquelas vestes destinadas ao escândalo, cortejava a adolescente Elsa. Esta, porém, tinha que vencer as naturais resistências da família ante tão extravagante personagem. A mãe de Elsa chorava às escondidas, preocupada. E, por fim, os encontros tiveram que realizar-se longe da casa, nos arredores da cidade. Deu-se então a descoberta:

*Foi numa noite daquele verão, no campo, perto de Moscou, que pela primeira vez "ouvi" os versos que Maiacovski para si mesmo recitava. Iamos andando, lado a lado, no escuro, na ampla aléia não iluminada que era aquela rua campestre, entre duas filas de casas atrás de suas cercas...*

*Maiacovski absorto, vago, disse bruscamente em voz alta versos que não citarei porque nenhuma tradução pode transmitir o que tinham de pateticamente perturbador (...) Parei petrificada: acabava de perceber que Maiacovski escrevia versos e que esses versos eu os amava apaixonadamente...*

*— Ah!, diz Maiacovski, num triunfo desdenhoso, isso te agrada?*

*E até tarde da noite, diante da cerca de uma casa qualquer, Maiacovski recitou-me seus versos... Estava louca de emoção, com a descoberta de algo que tivera tanto tempo a meu lado e que ignorava tão totalmente... E queria mais e mais...*

Os anos da experiência futurista proporcionaram a Maiacovski contatos com poetas mais velhos e mais aparelhados tecnicamente, as primeiras *tournées* literárias e o contato com público nas agitadas tertúlias dos cafés. Depois, no torvelinho produzido pela guerra, numa retaguarda convulsionada, ao avizinhar-se a revolução — “a música que estronda no ar rasgado pelo vento”, no dizer de A. Blok — Maiacovski começaria a desdobrar toda sua envergadura de poeta combatente.

O estouro futurista de 1912 era, no terreno da arte e da literatura, ainda um movimento burguês, eivado de contradições, o que se traduzia em muitos dos seus aspectos, tais como a revolta indiscriminada contra o passado, a redução do progresso à técnica mecânica, seu formalismo, experimentalismo, etc.

Dizia o manifesto:

*Aos leitores do nosso Primeiro Novo Assombro. Somente nós somos o rosto de nosso tempo. O clarim do Tempo nos*

*impele à arte literária. O passado é estreito. A Academia e Púchkin são tão incompreensíveis quanto os hieróglifos. Joguemos Púchkin, Dostoiévski, etc., etc. fora do barco contemporâneo. O que não esquece seu primeiro amor não poderá sentir o último... Lavai vossas mãos da morrinha pegajosa de livros escritos por numerosos Leonidas Andréiev. A todos esses Kuprín, Blok, Sologub, Remissov, Averchenko, Tchórní, Kusmín, Búnin, etc., etc., faz-lhes falta uma casa de repouso à beira de um rio. Esse é também o prêmio que o destino dá aos alfaiates. Do alto dos arranha-céus conclamamos à sua destruição. Exigimos o respeito aos direitos do poeta...*

E acertavam em mais de um ponto. Justo era o repúdio ao espírito decadente dos simbolistas, bem como a funcionalidade que reclamavam para a arte. Maiacovski, porém, não se contentava com uma simples "revolta do espírito". Conforme o assinalou Kaménski, num poema em que o retratou, Maiacovski buscava um sentido para aquela revolta, sentido que, para ele, só podia ser socialista.

Tal busca não lhe permitia anquilosar-se nas posições falsas ou envelhecidas. Já em 1914, escrevia:

*No ano passado lhes fazia falta minha blusa amarela (precisamente aos senhores e não a mim)...*

Se pretendia rasgar o "desbotado fraque de Púchkin" era porque a polícia, que vivia no encalço daqueles insolentes declamadores de café, lhes proibia terminantemente atacarem ao czar e a Púchkin, evidentemente depois de reduzir este último à sensaboria acadêmica.

Quanto aos simbolistas, almeístas e demais poetas que se honravam com a denominação de decadentes, tinham rompido com a tradição humanista e revolucionária da literatura russa do século anterior e se atolavam no misticismo, no desespero, no culto da morte.

Maiacovski denunciava:

*Bálmont é uma fábrica de perfumes; Sologub, um coveiro; Andréiev, um pai de suicídios.*

A tempestade revolucionária que, cada vez mais nitidamente, se anunciava, é que havia de permitir a Maiacovski e a outros de seu grupo encontrarem o verdadeiro rumo. Mesmo alguns simbolistas, como Blok, Briússov e Biéli, haveriam de engrandecer-se pelo que compreenderam e expressaram do grande momento histórico.

O futurismo russo diferencia-se fundamentalmente do italiano, de Marinetti. O russo precedeu o italiano de, pelo menos, quatro meses e evoluíram em linhas diametralmente opostas. Enquanto o grupo futurista russo, em sua maioria, com Maiacovski à frente, seguia ou procurava seguir o caminho socialista, Marinetti, já em 1913, passava abertamente ao fascismo. Enquanto aquele se alimentava cada vez mais no manancial do humanismo socialista, Marinetti, do hino ao modernismo mecânico, passava à exaltação do chauvinismo nacionalista, à propaganda da guerra imperialista como “única higiene do mundo”. Aliás, os dois contrários se repeliram violentamente ao se depararem, por ocasião da visita de Marinetti à Rússia, em 1914. Marinetti, que fora com intenções proselitistas, não teve remédio senão reconhecer que eram muito diferentes as duas correntes. Houvera apenas uma coincidência de nomes. Outras semelhanças superficiais não passavam de produtos comuns à Europa da pré-guerra.

Desde menino, Maiacovski conhecia Gorki através da *Canção do Albatroz* que recitava de cor. Mas, quando se encontraram pela primeira vez, Maiacovski tinha 19 anos e Gorki 41. A entrevista, ensejada por Kaménski, foi na Finlândia, em Mustaniaki, perto de Petrogrado. O poeta, a esse tempo, já compusera algumas partes do seu célebre poema *A Nuvem de Calças* e o lê para Gorki. Este emocionou-se até as lágrimas e ofertou ao poeta um exemplar do livro *Minha Infância*, com a seguinte dedicatória: “Sem palavras. Do fundo d’alma a Vladímir Maiacovski. Gorki”.

A simpatia de Gorki por Maiacovski não teve apenas um caráter pessoal. Estendeu-se ao grupo futurista, em cuja juventude enérgica, apaixonada, aureolada de rebeldias, possuída de fúria iconoclasta, se há de ter remirado, com prazer, o já então maduro romancista. Aqueles jovens, nos dias caóticos da guerra, atacavam a decadente e bem comportada literatura dominante e, por falta de melhor lugar, transformavam os cafés em círculos literários de polêmicas e recitativos.

Num desses cafés, “O Cão Vagabundo”, Maiacovski recitou um violento poema contra os gozadores e especuladores da guerra. Dizia:

*A vós outros  
que viveis de orgia em orgia*

*que tendes banheiros e retretes quentes.  
A vós outros  
que não tendes vergonha  
de receber a Cruz de S. Jorge,  
sabei vós outros, mediócras,  
que só pensais em como fartar-vos melhor,  
talvez neste instante  
com uma bomba tenham arrancado a perna  
de vosso amigo Petrov.  
Oh! se ele, levado ao matadouro,  
visse de repente vossos rostos pintados  
de lábios lascivos entoando a Severianin!  
A vós outros  
que amais mulheres e pratos  
não entregaremos a vida a vosso capricho.*

O impacto ferino dessas verdades perturbou a digestão dos convivas. Houve rebuliço no "O Cão Vagabundo". No dia seguinte, a imprensa desancava os jovens futuristas, pedindo que se amordaçasse Maiacovski. Era grande audácia opor-se abertamente à guerra imperialista, quando clérigos de renome, como Andréiev, Kuprín, Merejovski, Bálmont e Hippius formavam no coro do patriotismo guerreiro.

Gorki, no entanto, já famoso e respeitado, teve a esplêndida coragem de, na semana seguinte ao escândalo, comparecer ao mesmo café, de braço dado com Maiacovski e de, ali, subindo ao mesmo estrado de onde o poeta fora expulso sob vaias, fazer a defesa dos jovens, nestes termos:

*Os futurista são violinos, bons violinos. Falta apenas que a vida cante neles com todas as suas melodias. Têm talento. Cantarão bem.*

*Antes, a gente ria-se dos simbolistas e os insultava, agora os consagra. Devemos tratar com mais atenção e mais amor às pessoas. Respeitar mais o trabalho humano. A criação literária também é trabalho. Os futuristas têm uma vantagem indiscutível: são jovens. A vida pertence à juventude e não às cabeças cobertas de cãs.*

*Outra das vantagens e virtudes dos futuristas é que não compartilham conosco de algumas teorias de negação da vida. Nós não somos ativos, não sabemos amar a vida. E até temos uma teoria de "negação do mundo". Os futuristas, ao contrá-*

*rio, admitem a vida por inteiro, com os automóveis e os aeroplanos.*

*Se não vos agrada a vida, fazei outra, mas o mundo há que admiti-los tal como o recebem os futuristas.*

*Eles talvez tenham coisas demais, desnecessárias, gritam, insultam. Mas que hão de fazer se os agarram pelo pescoço? Têm que defender-se.*

E, assim, o admirável Gorki até a si mesmo sacrificava, aliás, injustamente, em holocausto à juventude.

Aproveitou-se a imprensa ultramontana da oportunidade, que havia muito buscava, para atacar o romancista. Era-lhe sobretudo insuportável a tese da criação literária como trabalho digno de respeito. Além disso os adversários do socialismo farejavam, na amizade nascente entre Gorki e Maïacovski, um sério perigo para suas cidadelas.

As críticas respondeu Gorki num artigo "Sobre o Futurismo" publicado então na *Revista das Revistas*:

*O futurismo russo não existe como tal. Existem simplesmente Igor Severianin, Maïacovski, Burlíuk, Kaménski e outros. Entre eles há indiscutivelmente gente talentosa, que serão no futuro grandes escritores. Por ora são jovens, não sabem muito, não viram muito, mas, sem dúvida, começarão a trabalhar e a estudar. Muitos os atacam com insultos e isto é sem dúvida um erro enorme. Não há por que insultá-los. Há que tratá-los com calor, pois mesmo nos insultos dos futuristas há algo bom. São jovens, querem alguma coisa de novo e valioso.*

*O mérito deles consiste em algo mais: em seu empenho de levar a arte à rua, ao povo, às massas e o fazem. É verdade que, às vezes, deformando a realidade. Mas isso se lhes pode perdoar. São jovens. E todos eles — não sei ainda porque se chamam futuristas — farão o seu, o pequeno e talvez o grande! Têm perspectivas, evidentemente.*

*É preciso o grito, a loucura, qualquer coisa menos este silêncio mortal, este silêncio de gelo.*

*É difícil dizer por ora que forma tomarão, mas creio que serão vozes novas, jovens. Nós as esperamos, queremos-las. A própria vida os criou. Nessas condições. Não são abortos. Nasceram a tempo.*

*Eu os vi, há pouco, pela primeira vez pessoalmente. Vivos, verdadeiros. E sabeis? Os futuristas não são tão terríveis como os pinta a crítica e como eles aparentam ser.*

Tomai, por exemplo, Maiacovski. É jovem. Tem apenas 20 anos. É indomável. Tem, sem dúvida, talento. Deve trabalhar e escreverá versos bons e verdadeiros. Li seu livro de versos. Impressionou-me. Está escrito com palavras verdadeiras. Por mais ridículos ou estridentes que se mostrem nossos futuristas, há que abrir para eles amplamente o caminho, pois estas vozes jovens chamam à vida, à nova vida.

Nossa juventude sobreviveu a um período excepcional. A princípio, tivemos uma epidemia de suicídios, que truncou muitas vidas jovens e talentosas; depois veio o problema sexual e deformou, arruinou, matou para sempre muitas centenas de milhares de almas. E agora a juventude, creio, quero crer, está destinada a remover o mundo, a renovar a atmosfera carregada e enfermeira da vida. Deve ela sanear as almas que não estão sãs de todo e então, cheia de força, alçar-se-á por cima do caos.

Aí está Gorki em toda sua grandeza, compreendendo e aplaudindo Maiacovski, desde o início. Depois levou-o como colaborador para a revista *Létopis*. O poeta se aconselhava com ele. Encontram-se com freqüência na casa dos Brik. Em 1916, Gorki consegue uma edição de 2 000 exemplares para os poemas enfeixados em *Simples como um mugido*, o que era um grande auxílio para quem, anteriormente, não conseguira tirar mais de 300 exemplares de *A Nuvem de Calças*.

No futuro, Gorki haveria de seguir com igual interesse, mesmo à distância, a trajetória ascendente do poeta. Anos mais tarde, Nicolas Assié, ao visitar o romancista, na Itália, conversaria com ele demoradamente sobre Maiacovski, enquanto que este, num poema, convidava Gorki a retornar à URSS.

Maiacovski desempenharia na poesia função análoga à de Gorki na prosa de ficção, como pioneiro e inovador revolucionário.

No período de 1914 a 1916, registram-se decisivos acontecimentos na vida de Maiacovski. Desde a expulsão da Escola de Belas-Artes, entrega-se às andanças e turbulências da pregação futurista, sem um vintém no bolso, faminto, sem teto, dormindo muitas vezes na rua. Sobrevinda a guerra, é mobilizado, pouco depois de ter conhecido Lila Brik e por ela, irremediavelmente, se apaixonar. Se ao *front* consegue furtar-se, passando graças à interferência de amigos, entre os quais Gorki, a trabalhar na oficina de um engenheiro; se à guerra dá combate, escrevendo toda uma série de poemas, tais como: *A Tarde grita sem*

*pernas nem braços, Ó fechai os olhos dos jornais, Ó como choravam os olhos dourados das fogueiras!* e, principalmente, o longo poema *Guerra e Paz*; se contra a fome inventara o engenhoso “sistema dos sete dias”, assim:

*...procuro seis conhecidos com quem almoçar. Aos domingos comia com os Iucovski. As segundas-feiras com os Efréimov, etc. As quintas, quase não comia. Para um futurista de quase dois metros de altura, não era coisa fácil...;*

Contra a paixão de Lila Brik nada pode o poeta, outra coisa não lhe restou senão render-se. O acontecimento tem a “data radiante” de julho de 1915. *A Flauta Vertebrada, Guerra e Paz*, obras-primas daquele ano, lhe são dedicadas e, daí por diante, praticamente tudo que o poeta escreveria.

*Tomaste  
arrancaste-me o coração  
e simplesmente foste com ele jogar  
como uma menina com sua bola.*

.....  
*E eu de júbilo  
esqueci o jugo.  
Louco de alegria  
saltava  
como em casamento de índio  
tão leve  
tão bem me sentia.*

Lila era casada com o editor Oto Brik, quem primeiro comprou as produções do poeta, a 50 copeques por linha. Era formosa, corpo diminuto, frágil e sensual, olhos escuros e profundos. Mulher de personalidade múltipla e cambiante, de grande intuição e versatilidade artística, capaz de escrever, pintar, modelar, dançar e representar. Era “triste, alegre, feminina, caprichosa, vazia, inconsciente, inteligente, trabalhadora quando trabalhava, enamorada sempre. Mas era pequeno-burguesa; queria só mimos, comodidades. E o poeta não tinha senão seu gênio” (Chklóvski). Disso tinha consciência o apaixonado poeta:

*Sei. Todos pagam pela mulher.  
Não importa*

*se por ora  
em vez do luxo de um vestido parisiense  
visto-te apenas com a fumaça de meu cigarro.*

Elsa Triolet traça o seguinte retrato da irmã:

*... a cabeça ruiva jogada para trás, mostrava todos os dentes esplêndidos, sólidos, na boca grande, pintada, os olhos castanhos muito redondos, iluminados, num rosto com esse excesso de expressão quase indecente de intensidade, que faz com que, jovem ou velha, com sua tez miraculosa, ou toda enrugada, os transeuntes sempre se voltem à sua passagem.*

É um instantâneo de julho de 1918, flagrante do momento em que se despediam, no cais de Leningrado, Elsa e a mãe exilando-se voluntariamente, fugindo da guerra e da peste, Lila ficando.

Naquele então, Lila e Maiacovski moravam juntos nos arredores da cidade assolada pela cólera. Juntos ainda haviam de passar outros períodos, tal como, em Sokolniki, subúrbio de Moscou, por volta de 1925, numa *datcha* da qual Elsa Triolet nos conta:

*Na peça principal havia um bilhar. Não sei como esse bilhar fora parar ali, não fora feito para aquela sala de dimensão ordinária e onde já havia um piano de cauda, um grande divã, etc. No verão comia-se no terraço e havia o jardim. Os jogadores podiam rodar em torno do bilhar sem grande incômodo. Mas, no inverno, e no domingo, quando chegava uma verdadeira multidão de amigos, não sobrava estritamente espaço entre a sopeira e o jogador dobrado em dois, sobretudo quando esse jogador era Maiacovski!... Todos os bichos tinham um lugar de honra na casa de Lili e Maiacovski.*

Entretanto, a “*çasa de Lili e Maiacovski*” não se consolidaria. Fatores diversos o impediriam: a vida duríssima daqueles tempos, a guerra, a peste, ou a NEP, a falta de dinheiro, as viagens ou as batalhas políticas, mas, sobretudo, o temperamento de ambos, o do poeta, especialmente, que sabia em consciência não ser “um homem cômodo”.

*Quando este corpanzil se punha a uivar  
as donas  
disparando  
pelo pó, pelo barro ou pela neve,*

*como um foguete fugiam de mim.*  
— *Para nós, algo um tanto menor,*  
*algo assim como um tango...*

A desmedida sensibilidade de Maiacovski — tão bem espe-  
lhada nas hipérboles que lhe recheiam os versos — o estado de  
tensão criadora em que permanentemente vivia, fazendo-o ta-  
citurno, sombrio, excessivamente concentrado, a alternância de  
profundas depressões com alegrias ruidosas, produziavam não  
poucas dificuldades ao seu convívio social. Por contraste, a  
força que singularizava esse temperamento íngreme e arreben-  
tado, manifestava-se numa fome de amor de igual intensidade.  
Com o ardor que punha em tudo, buscava ser feliz e desejava  
que todos o fossem. Em meio às tremendas lutas que travava,  
não abria mão do ideal de um amor novo, de concepção mais  
elevada, entre o homem e a mulher. E então, ao lado da poe-  
sia política, de combate duro, ou mesmo dentro dela, confes-  
sava-se, desabafava, sonhava ou penitenciava-se, em poemas de  
amor. Mas, na vida quotidiana, ainda praticava a “desgraçada  
infidelidade”:

*Não temas*  
*que em meu pescoço de touro*  
*tenham subido mulheres úmidas*  
*de ventre suarento.*  
*É que, através da vida,*  
*arrasto milhares de enormes e puros amores*  
*e milhares de milhares*  
*de amorzinhos pequeninos e sujos.*  
*Não temas*  
*que de novo na desgraçada infidelidade*  
*me aproxime de mil caras bonitas*  
*amantes de Maiacovski.*

Em 1923, escrevia o poema *A Propósito Disto*, que é, ao  
mesmo tempo, o seu mais dilacerante grito de amor e um hino  
de esperança num futuro mais feliz, no qual se imagina ressus-  
citado para reaver o seu quinhão de afeto.

*Não vivi até o fim o meu bocado terrestre.*  
*Sobre a terra*  
*não vivi o meu bocado de amor.*

Apesar do fracasso das tentativas de vida em comum, Lila continuaria a ser, até o fim, a bem amada, a amiga, a confiante, a musa do poeta.

É verdade que houve também Polônskaia, — por sinal que também com outro casada — mas parece que em segundo lugar na hierarquia do coração do poeta. Lila Brik era seu melhor ancoradouro, seu verdadeiro porto-seguro. Com um só gesto, ela apaziguava qualquer de suas tempestades.

## II — MAIACOVSKI E A REVOLUÇÃO

A RÚSSIA DE 1917. A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO. A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO, A “SUA” REVOLUÇÃO. A REVOLUÇÃO VISTA PELO POETA MAIACOVSKI NO PERÍODO DA GUERRA CIVIL. A ROSTA. OUTROS TRABALHOS E OUTRAS LUTAS.

A guerra em que a Rússia czarista amargava sérias derrotas, aguçava extremamente os sofrimentos do povo que, pobre, faminto e exausto, queria terra, pão e paz. O operariado crescera quantitativa e qualitativamente e, com a experiência de 1905, se punha em movimento para a conquista do poder político, sob a direção de seu próprio partido. As greves se sucediam. Os partidos políticos formigavam. De novo formavam-se os sovietes (conselhos) de operários, soldados e camponeses. E a 26 de fevereiro de 1917, irrompe a revolução, que depôs o czar Nicolau II, formando-se um governo provisório sob a chefia de Kerénski.

Maiacovski já presentira a tempestade. Na profecia poética, feita em 1915, erra por muito pouco, quanto à data. De fato, em *A Nuvem de Calças* escrevera:

*Vejo ali onde ninguém vê  
lá onde a vista se perde.  
Vejo marchar por cima do cume do tempo —  
à frente das hordas famintas —  
o ano 16 coroadado com os espinhos da revolução.*

Como chefe de um grupo de automobilistas, Maiacovski participa da revolução de fevereiro e conduz um regimento até a Duma (Parlamento). Está nas ruas, nos comícios, no centro dos acontecimentos.

Conta-se que, por essa época, num *meeting*, uma mulher se pôs a gritar:

— “Lênin é um espião! Nós o sabemos. Há provas irrefutáveis! . . .”

De repente, alguém a interrompe, com um vozeirão:

— “A senhora roubou minha carteira! Devolva-me! . . .”

Era Maiacovski.

— “Como se atreve o sr. a dizer semelhante absurdo?”

Ao que Maiacovski respondeu:

— “E como se atreve a sra. a dizer que Lênin é um espião? É um absurdo ainda maior!”

Anedotas como essa ilustram o comportamento do poeta naqueles dias tumultuosos. Muito moço ainda, pouco menos que desconhecido, sem eira nem beira, agitado, combatido, engolfa-se nos acontecimentos, cheio de esperança, porque para ele “inevitavelmente deverão chegar os bolcheviques”.

Os “provisórios” não cumpriam as promessas. O povo não teve o que deles esperava: pão, terra e paz. Kerénski é derrubado a 7 de novembro de 1917 (25 de outubro pelo calendário antigo). Sobem ao poder os bolcheviques. Lênin está em Smolni.

*Aceitar ou não? Para mim jamais se formulou essa questão, e para outros futuristas russos tampouco. Era a minha Revolução. Fui para Smolni. Trabalhei no que me cabia.*

A 30 de novembro o novo governo convoca os artistas, para que formem um Comitê. A reunião é presidida por Anatólio Lunatcharski. Maiacovski é então o primeiro a declarar, conforme constou da ata:

*Devemos saudar o novo governo e entrar em estreito contato com ele.*

Maiacovski não vacilou. Reconheceu logo a “sua” revolução. Continuava fiel ao adolescente camarada Constantino que fora.

Tendo vivido intensamente aqueles dias, Maiacovski pode, mais de uma vez, traduzi-los em imagens poéticas, quentes, cheias do dinamismo da hora:

*Quando eu,*

*resumindo o passado,*

*remexo nos dias de ontem*

*procurando o mais vivo,*

*recordo sempre*

*o vinde e cinco de outubro,  
o primeiro dia.*

Viu a Petrogrado revolucionária, descrita mais tarde no poema a Lênin, e o cerco, o assalto e a tomada do Palácio de Inverno, último refúgio do derrotado governo provisório, tal como está no *Muito Bem! (Poema a Outubro)*:

*Sopravam, como sempre,  
os ventos de outubro,  
como sopram  
durante o capitalismo.*

*Sob a ponte  
o rio Neva.*

*Pelo Neva  
os de Kronstad...*

*Com a fala dos fuzis  
começa logo a tremer  
o Palácio de Inverno.*

.....  
*Sem olhar as estrelas  
nossos guardas cercam o Palácio de Inverno  
subindo  
pelas ruas do bairro dos quartéis.*

.....  
*Colunas de operários  
e marinheiros  
e muitos andrajosos*

*chegaram  
fazendo brilhar os fuzis  
como se juntassem as mãos  
na garganta  
no pescoço perfumado  
do Palácio de Inverno.*

.....  
*Ao ataque!  
Passaram!  
Por alfombras,  
dintéis rosados.  
Cada escadaria,*

*cada recanto*

*tomavam-no*  
*passando por cima dos junkers.*  
*Enchiam os aposentos*  
*como se entrasse neles*  
*a fúria das águas.*

.....

*Ao amanhecer não faltava mais que um metro.*  
 .....

*Calaram-se as metralhadoras.*  
*Empalideciam as estrelas do céu*  
*fazendo o turno da guarda.*

*Sopravam como sempre*  
*os ventos de Outubro —*  
*Os trilhos serpeavam na ponte*  
*aguçando seus silvos —*  
*já no socialismo.*

A tomada do poder fora fulminante, mas, durante três longos anos, a jovem república enfrentou a calamidade da intervenção estrangeira e da guerra civil. Kolchak no leste, Iudénich nas proximidades de Petrogrado, Deníkin no sul, a Polónia no oeste e, finalmente, Wrangel na Criméia, todos sucessiva ou conjuntamente, num ataque duplo, triplo e mesmo quádruplo, lançaram suas forças contra ela e, afinal, foram derrotados. A derrota de Wrangel, a 16 de novembro de 1920, punha fim à intervenção estrangeira e à guerra civil na URSS.

É fácil compreender, como o fez Maiacovski então, que: “A URSS não estava para ocupar-se de arte”. Mas o poeta “precisamente o desejava”.

“A mim me teriam mandado pescar em Astrakan” — percebeu o poeta. E “pescar em Astrakan” equivaleria ao nosso “plantar batatas”, coisa com que não poderia concordar quem, como ele, já “queimara as pontes de retirada”. Daí por que foi dedicar-se a um trabalho de artista voluntariamente mobilizado, integrando-se na equipe da agência de propaganda *Rosta* (nome formado pelas iniciais da agência).

No Museu da Revolução encontram-se hoje mais de três mil cartazes pintados por Maiacovski e cerca de mil legendas poéticas de sua autoria, escritas para o *front*. Os cartazes eram impressos em vagões militares, levando ao pé as legendas, para

serem logo afixados nos pontos em que sua necessidade mais se fizesse sentir.

Dessa época (1918) são os dois poemas *Ordem aos Exércitos da Arte*, n.ºs 1 e 2, agressivos e mobilizadores, pregados como cartazes nos muros das cidades:

*Camaradas, às barricadas!*

*Eu digo:*

*Barricadas da alma e do coração!*

*Eu digo:*

*Só é comunista verdadeiro*

*aquele que queima as pontes de retirada*

(Ordem n.º 1)

.....

*Eu — genial ou não —*

*o que abandonou as frivolidades*

*para trabalhar na Rosta.*

(Ordem n.º 2)

Podia dizê-lo. O trabalho era estafante, feito quase do nada, num ritmo de febre e de batalha. As tintas eram de má qualidade, havia falta ou escassez de materiais. Dias inteiros eram consumidos nas oficinas da *Rosta*. Ali mesmo dormia, no chão, fazendo de travesseiro uma acha de lenha, como expediente para não dormir demais. Suportava ainda o inverno, sem calefação, a fome produzida pelos açambarcadores, a peste, toda uma seqüência de dificuldades e sofrimentos causados pelo desmantelo da guerra. Sua poesia, de resto, registraria tudo:

*Escolherei um dia*

*tirado dum montão de dias*

.....

*Puxado pelos anos-barqueiros*

*dias sem fartura*

*dias famintos.*

.....

*Se alguma vez*

*algo senti*

*disso têm a culpa*

*os olhos-céu*

*de minha amada.*

.....  
*Seus grandes olhos castanhos somem  
na inchação da fome.*

*O médico disse:*

*Para que seus olhos vejam*

*o calor faz falta,*

*fazem falta legumes.*

*E aquela vez*

.....  
*fui em visita*

*à minha amada*

*segurando duas cenouras*

*por suas verdes plumas.*

Nas lutas, nas dificuldades daquela quadra terrível, retemperava-se também, com justificado orgulho, o seu patriotismo:

*Eu*

*a esta terra*

*amo!*

*Talvez*

*se possa esquecer*

*o lugar em que se cria pança e papo,*

*mas a terra*

*junto com o qual*

*sofrete fome*

*a essa*

*é impossível esquecer-la*

*jamais!*

.....  
*Tenho visto lugares*

*onde crescem os figos*

*as laranjas e os pêssegos.*

*E cresciam*

*sem esforço junto à minha boca.*

*Mas era outra coisa!*

*A terra*

*que conquistaste*

*e semi morto*

*custodiaste*

*despertando cada dia*  
*com o sibilar das balas*  
*e deitando-te*  
*com o fuzil ao lado*  
*com essa terra*  
*juntarás tua vida*  
*e por ela irás ao trabalho*  
*à festa*  
*e à morte.*

Partindo ainda daquela dolorosa experiência é que viria a aconselhar aos pósteros, no último poema que recitou em público:

*Herdeiros,*  
*arrolhai vossos dicionários,*  
*para que...*  
*não saiam*  
*detritos de palavras tais como*  
*"prostituição",*  
*"tuberculose",*  
*"bloqueio".*  
*Para vós,*  
*herdeiros*  
*ágeis e robustos,*  
*o poeta limpou*  
*os escarros tísicos*  
*com a língua áspera dos cartazes.*  
*(À Plena Voz)*

Mas não só na *Rosta* Maiacovski trabalhou então. Escreve também uma crônica da revolução, obras de teatro, poemas de fôlego, como o *150 Milhões*, e começa a colaborar em alguns dos grandes jornais, como o *Izvestia*. Nada conquista porém sem uma luta encarniçada. A prática constante de seus recitais vai lhe granjeando um público cada vez maior, a estima de camadas mais amplas do povo e da juventude. Por outro lado, seus inimigos, entrincheirados nas revistas, nos jornais ou em postos administrativos, não lhe dão tréguas. Não consegue levar à cena suas peças. Recusam-lhe freqüentemente a colaboração jornalística. Acusam-no, criticam-no, intrigam-no,

azedam-lhe a vida o mais que podem. Maiacovski reage com todas as suas forças, defende-se, como era seu jeito, atacando.

### III — O ALVORECER DA LITERATURA SOVIÉTICA

#### OS PRIMEIROS MOMENTOS. A LITERATURA E A GUERRA CIVIL. O QUE FOI A NEP.

A maioria da intelectualidade burguesa recebeu com extrema hostilidade a ascensão dos bolcheviques ao poder. A luta de classes levada ao auge refletia-se com igual intensidade no campo das letras e das artes. Uns, perdidas as esperanças de que fosse efêmera a vitória bolchevique, passaram à emigração e militaram no anti-sovietismo sistemático. Foi o caso de muitos simbolistas e místicos, amigos de Merejovski e de Z. Hippius. Outros constituíram o que se chamou paradoxalmente a "emigração interna", composta daqueles que ficaram, mas não se adaptaram, indo por vezes até à conspiração contra o novo regime, como aconteceu a Gumilóv. Outros, enfim, suplantados de uma forma ou de outra pelos acontecimentos, acabaram por silenciar.

Todavia, entre os que aceitaram ou seguiram de bom grado a Revolução contavam-se nomes de prestígio e valor, tais como Gorki, Alexis Tolstói, Ehrenburg, Veressáiev, Príchvin, Tserguéiev-Tsenski, Serafimóvitch, além de alguns simbolistas como Briússov, Blok, Biéli e os futuristas.

Jean Perus traça o seguinte quadro dos primeiros momentos da literatura soviética:

*O mundo literário oferecia um quadro anárquico. Podem-se distinguir então quatro tendências principais. De início, evidentemente, Gorki e o grupo realista da antiga Saber, que se reagrupara durante a guerra em torno da revista Os anais: Veressáiev, Serafimóvitch — velha guarda da social-democracia de tradição urbana e operária. Ao lado deles, alguns sobreviventes do populismo, tão durante combatido vinte anos antes por Lênin, continuam uma literatura feita de pitoresco rústico e artesanal. Não tardam a fundar um pequeno grupo que se intitula A Forja, no qual se juntam Liachko, Bibik, etc., que tiveram em seu tempo um sucesso popular. Estão estreitamente ligados ao grupo numeroso e influente dos neo-marxistas-empiro-monistas, empiro-criticistas, etc. — os mesmos contra quem*

*Lênin dirigia, no período entre as duas revoluções, todo o esforço da luta ideológica, em particular no célebre tratado Materialismo e Empírio-críticismo; têm por chefe de proa a Bogdanov, e o Comissário do Povo para a Instrução Pública, Lunatcharski, é um deles. Enfim, da efervescência poética, dos últimos anos, só subsiste a ala esquerda, o futurismo, que vai durante algum tempo encher quase sozinho a cena literária, mas que logo também se dividirá: o "grupo dos sete", tendo à cabeça Maiacovski, o crítico O. Brik e o pintor Punin, que se alia abertamente e ruidosamente ao bolchevismo, do qual se quer fazer o intérprete, enquanto uma outra fração, atrás do poeta Essênin, se volta para as pesquisas formais, cria o "imaginismo" e se ajasta da Revolução.*

*Todos esses grupos — continua Perus — quase não reuniam senão elementos diversos da pequena burguesia ou de frações populares ideologicamente aparentadas: longe de oferecer uma imagem completa da sociedade no dia seguinte à revolução, nem, por ainda mais forte razão, da relação de forças no seio dessa sociedade, a literatura era em seu conjunto estranha ao proletariado<sup>1</sup>.*

Compreende-se: a classe operária nunca tivera antes condições para formar seus próprios artistas e escritores, e, ao tomar o poder, tinha em mãos apenas as premissas necessárias para tanto. Aliás, dois dos principais temas, em torno dos quais se travariam, a seguir, intensas batalhas seriam: a questão da literatura proletária e a da assimilação da herança clássica pelo proletariado.

As condições da guerra civil não podiam favorecer à produção literária e artística imediata. Mas os primeiros escritores proletários haviam de formar-se, inicialmente, na escola da guerra civil, como correspondentes operários e camponeses; os extraordinários acontecimentos, a intensidade dramática da vida naqueles anos, haveriam de despertar para a literatura milhares de criaturas desejosas de expressar a rica experiência pessoal adquirida. Daí, o ter sido a guerra civil a fonte de uma abundante literatura — poesia, contos, narrativas, romances — de carácter em grande parte autobiográfico, na qual se, por um lado, falava o acabamento formal, o domínio técnico, por outro, apareciam novos temas, novos personagens, tratados com um

---

1. *Introduction à la Littérature Soviétique*, págs. 17-18.

novo espírito. Temas de luta e de construção revolucionárias, a derrocada e a morte do herói burguês, pouco a pouco substituído pelo homem novo, que se vai realizando à medida que ele próprio edifica a nova sociedade; a atualidade dos assuntos pondo em cada obra problemas do Estado e da ordem socialistas; a representação do drama e do movimento de massas de milhões de homens, corporificando um herói coletivo e anônimo; o problema da configuração do herói positivo e o das relações do indivíduo com a massa; o otimismo dominante, revolucionário e construtivo, apesar das dificuldades por que atravessava o povo, tudo isso procede dos tempos da guerra civil e vai ter expressão na jovem literatura soviética, a partir da NEP.

Expressão desigual — é verdade — em que despontam obras marcantes como *Assim foi temperado o aço* de N. Ostróvski, *Tchapaiev* de Furmánov, *A Derrota* de Fadéiev ou os poemas *Lênin* e *150 Milhões* de Maiacovski, mas que apresenta também numerosos exemplos daquilo que foi a “doença infantil da literatura soviética”.

De fato, a literatura soviética teve que travar uma longa e dolorosa luta para apossar-se de seus temas e características originais. Teve que vencer preconceitos, falsos problemas, resolver as novas questões suscitadas pela nova realidade, notadamente no que se refere às relações do indivíduo com a massa, às condições da arte e da produção artística na nova sociedade, à caracterização do herói positivo, etc.

A NEP (1921-1928) foi o período do irrompimento da jovem literatura soviética, no qual o debate crítico, artístico e literário atingiu uma amplitude e um auge nunca antes vistos, em nenhuma parte do mundo.

A jovem república socialista vencera a guerra civil à custa de sacrifícios inauditos. Conseguira a vitória, mas estava exausta, exaurida, arruinada. A terra devastada, os campos sem cultivar e sem semear, os rebanhos reduzidos a restos; as fábricas paralisadas por falta de combustíveis e de matérias-primas; o sistema ferroviário arrasado, com material rodante imprestável, pontes destruídas, trilhos dinamitados. A produção industrial descia à metade do nível de 1914.

Para enfrentar essa terrível situação, foi que Lênin concebeu a NEP, isto é, a *nova política econômica*.

O sistema do comunismo de guerra tornara-se obsoleto. Fora um expediente temporário, imposto pelas circunstâncias e,

ao mesmo tempo, uma tentativa de capturar de assalto a fortaleza do capitalismo, nas cidades e nos campos. Houve um avanço excessivo da vanguarda, que esteve em risco de ficar isolada da base. A NEP era uma retirada temporária e voluntária, o abandono provisório da tática de assalto pela de cerco, de modo a permitir a acumulação de forças para o desfecho ulterior de novo assalto.

Isso, traduzido em linguagem política e econômica, significou o restabelecimento do livre comércio, livre disposição, por parte dos camponeses, de seus estoques, depois de pagos os impostos, permissão para abertura de pequenas empresas particulares nas cidades.

Objetivava-se com isso estimular a restauração da agricultura e do comércio, fazer reviver a indústria, melhorar o abastecimento das cidades e criar uma nova base econômica para a aliança operário-camponesa.

Redundava, é certo, numa reanimação do capitalismo, mas estava prevista e não havia que temer, pois o Poder Soviético mantinha as posições-chave da economia nacional: a grande indústria, o transporte, os bancos, a terra e o comércio interior e exterior.

Com a NEP começa a batalha política e econômica da reconstrução da URSS, em transição para o período dos planos quinquenais, que edificariam o socialismo.

Veremos, a seguir, como se apresentava, dentro deste quadro histórico, a cena literária.

#### IV — A CENA LITERÁRIA SOVIÉTICA

MAIACOVSKI E OS GRUPOS ARTÍSTICO-LITERÁRIOS. GORKI E O GRUPO DA REVISTA *SABER*, O PERÍODO DA LITERATURA DE CAFÉ. ESSÊNIN. O IMAGINISMO. OUTROS GRUPELHOS. O CONSTRUTIVISMO. SELVINSKI. *A CASA DA IMPRENSA*. OS IRMÃOS *SERAPIÃO*. OS *COMPANHEIROS DE VIAGEM*. O *PROLETKULT*. OS *FORJADORES*. *OUTUBRO*. A REVISTA *LEF*. A CRIAÇÃO DA UNIÃO DOS ESCRITORES SOVIÉTICOS.

É preciso considerar o conjunto das circunstâncias históricas, que presidiram o nascimento da literatura soviética, para compreender a vida e a obra de Vladímir Maiacovski.

O ar da Rússia estava lavado pela tempestade de duas revoluções.

*Por acaso não está mais puro nosso ar  
duas vezes despejado  
pela tempestade de duas revoluções?*

perguntava o poeta numa carta-poema endereçada a Gorki. Mais que isso, o ambiente estava eletrizado pela irrupção popular, pela primeira vez com voz de mando, na cena histórica. A ânsia de novidade, a sede de cultura, a vontade de transformar o mundo transbordavam. As bocas se abriam. Todos tinham opinião a respeito de tudo. As tertúlias, os círculos, as revistas, todos os tipos e modos de associações artístico-literárias proliferavam como cogumelos da chuva revolucionária. E se degladiavam. Os debates, as polêmicas, as discussões públicas tornaram-se habituais. A discussão era acalorada, exaustiva, cheia de gritos e apóstrofes. A crítica era acerada, direta, contundente. A regra era não poupar o adversário. A luta de classes, cuja forma extrema fora a guerra civil, manifestava-se não menos violenta, não menos implacável sob o disfarce ideológico, através de uma infinidade de teses, proposições, manifestos e escolas contradizendo-se, entredevorando-se como podiam.

Maiacovski participou, enquanto teve alento, dessa rinha literária. Como teórico de arte, no que aliás nunca se arvorou, teria errado mais de uma vez. Um erro político era mais raro de se obter dele. Na prática, acertou quase sempre, escrevendo os “cem tomos de seus livros partidários”, guiado, quando mais não fosse, por um seguro instinto revolucionário.

Assim como Gorki, Maiacovski foi um dos alvos mais feridos no combate literário. Era grande. Sobressaía, não só pela estatura, dentre a multidão dos querelantes, cujos grupos principais passaremos agora em revista.

*De todos os grupos literários — escreve Jean Perus — o mais próximo do pensamento de Lênin era evidentemente o de Saber, reunido em torno de Gorki. Suas hesitações políticas — o próprio Gorki, cedendo a preconceitos intelectuais, temeu ver a elite da social-democracia operária afogada no transbordamento elementar do campesinato e se recusou, em certo momento, a seguir Lênin nessa etapa decisiva da revolução russa — não impediram a mais confiante, a mais total colaboração dos dois homens no plano cultural: ambos tinham a mesma*

*alta concepção da função do escritor e a mesma fé nas fontes populares* <sup>2</sup>.

Assim foi que Gorki, sem possuir nenhum cargo oficial, desempenhou não obstante o papel de um "verdadeiro alto comissário das letras". De longa data já vinha Gorki se dedicando à tarefa de conselheiro e animador da literatura de vanguarda. De 1906 a 1915, exilado em Capri, recebe e responde a centenas de cartas de jovens escritores. Lê e anota mais de 400 manuscritos, publicando, em 1914, uma primeira antologia de escritores proletários. Sobrevinda a revolução, essa atividade preceptora de Gorki não faz mais que prosseguir, agora multiplicada. Ajuda a todos os empreendimentos de cultura popular, funda casas editoras: "A Literatura Mundial"; "A Vida do Mundo"; cria revistas: *A Ciência e os Operários*, *A Casa da Arte*; participa do "Teatro de Comédia Popular" e do "Grande Teatro Dramático"; promove concursos literários, leciona nas universidades populares; preocupa-se com a situação material dos escritores e se torna presidente da "Comissão pelo melhoramento das condições de vida dos intelectuais".

Estabelecendo contatos, esboçando novas formas de organização e de compreensão do trabalho intelectual, Gorki desdobrava-se numa atividade generosa e fecunda. Descobriu e revelou assim muitos escritores proletários, dos quais alguns, como Petróv-Skitalets, não perduram, mas outros, como Gládkov, Vsévolod Ivánoy, Leónoy, Fédin, se confirmaram, conquistando um justo renome.

Através de Gorki, assinalava-se concretamente a importância atribuída, pelo poder soviético ao papel dos escritores. Embora, sem títulos oficiais, sob a forma de ajuda livre e mútua entre velhos e novos, Gorki representava plenamente a política do poder soviético, nas condições embrionárias da cultura socialista.

Até pouco depois do término da guerra civil, subsistiu a chamada literatura de café, a que já nos referimos. Determinaram-na o caos produzido pela guerra, os deslocamentos sociais próprios da revolução, os efeitos terríveis da prolongada guerra civil. A carência aguda de papel (1919-1920) tornou rara a impressão de livros, ensejando a predominância da literatura manuscrita e oral. Não só poemas, mas também prosa

---

2. Ob. cit., pág. 28.

científica e de ficção era lida pelos cafés da rua Tverskaia. Havia o café da Associação Pan Russa de Poetas, o café de “Os Forjadores”, “O Estábulo de Pégasso” e “O Dominó”. Já vimos que os futuristas tinham passado pelo tablado dos cafés. O próprio Gorki não desdenhara comparecer a um deles, quando lhe pareceu necessário. Maiaovski, fazendo ouvir sua voz potente, agredira aquela boêmia gozadora e, nos tempos duros, não ficara ali bebericando ou babujando versos. Fora trabalhar na *Rosta*.

Pelos cafés de Moscou, ao lado de habilidosos charlatães, como Marienhóf e Scherschenévich, e de inúmeras outras mediocridades que nem deixaram nome, perdia-se então o talento poético de Sergio Alexándrovitch Essênin (1895-1925). No “O Dominó”, Essênin chegou a ler alguns dos poemas em que tenta sinceramente acertar o passo ao ritmo da nova sociedade que vê nascer, tais como *O Companheiro*, *Inonia*, *O Responso*. Mas o que o arrasta é o círculo decadente de *A Moscou dos Cabarés*. Enquanto se consome nos desregramentos boêmios, encharcando-se de vinho, alimentando-se de escândalos, Essênin, o poeta-mujique, vê, com nostalgia incurável, desaparecer a paisagem rural da velha Rússia a que com os olhos da infância se apegara, da qual era o melhor cantor, já sem forças para dela se libertar. O seu drama, nada exemplar, era contudo autêntico, sincero. Enquanto Essênin arde, os outros “esquentam as mãos na sua chama”. A seu redor, à custa sua, quase à sua revelia, nasce, desenvolve-se e, em breve prazo, morre o movimento imaginista.

Vadin Scherschenévich era o “teórico”. Anatólio Marienhóf simulava ser o poeta imaginista, inovador, tomando emprestada a Maiaovski sua originalidade. Alexandre Kusíkov era outro pretense poeta do imaginismo. Seguiu-os uma chusma de anônimos e basbaques. Pretendiam opor-se aos futuristas, substituí-los, mas na realidade os repetiam numa edição piorada.

*O futurismo arreventou* — dizia o manifesto assinado por Essênin: Ivnev, Marienhóf, Scherschenévich, D. Erdman e G. Iákulov — *Gritemos todos juntos: Abaixo o futurismo de hoje e de amanhã! O academismo dos dogmas futuristas tapa os ouvidos de todo jovem, como algodão. O futurismo empana a vida.*

Uma série contraditória de nonadas “teóricas” compunha o pobre arsenal do imaginismo, com o fito de assombrar os tolos e rapidamente alcançar a glória efêmera dos cabarés onde nascera.

Afirmava que, enquanto o futurismo só se preocupava com o conteúdo, “só pensava no conteúdo”, eles, imaginistas, eram os “verdadeiros artífices” que “pulem a imagem”, que “limpam a forma do pó do conteúdo”. Para eles, “a única lei da arte, o único e incomparável método é a revelação da vida através das imagens e da rítmica das mesmas”. No manifesto chegavam a dizer:

*Todo conteúdo na obra artística é tão estúpido e carece tanto de sentido como pregar recortes de jornal num quadro.*

Mas fosse alguém acusá-los de desprezarem o conteúdo! Retrucavam que não, que apenas queriam expressar o conteúdo sem preocupar-se com ele. O conteúdo apareceria por si mesmo. A fórmula era:

*Expressa o que quiseses, mas com a rítmica atual das imagens.*

A contradição não embaraçava a um Marienhóf quando concedia que “não pode haver uma forma bela sem um conteúdo belo”. A “imagem” era a base de toda a criação poética. Tudo mais viria por acréscimo.

*Para o imaginista* — escrevia Scherschenévich num trabalho cujo título bastante significativo era “ $2 \times 2 = 5$ ” — *a imagem é um fim em si.*

Para os simbolistas a imagem (ou o símbolo) seria um procedimento mental, para os futuristas um meio de intensificar a visualidade da impressão. O imaginismo seria o último ponto do desenvolvimento da poesia. Esta a tese central a que se reduzia o exasperado formalismo imaginista.

Havia, porém, outras piruetas de sucesso nesse malabarismo estético. Afirmavam: “a unidade na obra poética não é a estrofe senão o verso, porque este é completo pela forma e pelo conteúdo”; e mais que “a união das diferentes imagens em poesia não é um trabalho orgânico, senão mecânico”, donde decorria que “a poesia não é um organismo, senão um grupo de imagens”. Nesse caminho, Scherschenévich chegava coerentemente à conclusão de que os seus próprios versos, bem como os de Marienhóf e os de N. Erdman, poderiam “ser lidos igualmente da direita para esquerda e da esquerda para direita,

da mesma maneira que um quadro de Iákulov ou de B. Erdman pode ser dependurado de cabeça para baixo”.

Na insurreição contra a gramática, contra a sintaxe, pretendiam também ultrapassar os futuristas e proclamavam:

*A palavra de pernas para o ar é a situação mais natural da palavra, da qual deve surgir a nova imagem.*

Já que “o verbo é o diretor principal da orquestra gramatical”, guerra ao verbo! Guerra também à preposição que cerceia a imagem da palavra “dando uma forma gramatical definida”. Conservariam só o substantivo, o adjetivo e o particípio, porque a destruição da gramática devia conduzir à vitória da imagem sobre o sentido e à emancipação da palavra do conteúdo. Chegavam, assim, a preferir formas não sintáticas “bom dias” ou “bons dia”, “meu amigo leram”, etc.

Nenhuma seriedade, ridículo puro, como se vê.

Não obstante, no período da literatura de café, enquanto os futuristas predominavam em Petersburgo, Moscou era o reduto dos imaginistas. A ala esquerda daqueles, com Maiacovski à frente, tomaria o rumo da revolução. Dos imaginistas nada ficou. Em 1922, Essênin, à sombra de quem viviam, embarca na aventura de seu casamento com Isadora Duncan e sai em viagem pelo estrangeiro. O imaginismo dissolve-se nas dissipações da vida noturna, nas libações alcoólicas, no vazio ideológico, na vulgaridade mais chata.

O que não faltava mesmo eram grupos e grupelhos, como se houvesse o nítido propósito de demonstrar que a cada cabeça correspondia uma sentença. Basta mencionar: os biocosmistas, os formolibretistas, os fuístas, os emocionalistas, os expressionistas, os luministas. Não nos deteremos a examinar o papel desempenhado pelas revistas de vanguarda como *A semente Vermelha* e *A Palavra Artística*, nem muito menos a história dos órgãos ou movimentos de direita, tais como *Os Novos Escalões* e *O Russo de nossos Dias*. Perder-nos-famos, sem proveito, no emaranhado de uma trama histórica que não nos cabe destrinçar. Diga-se, todavia, que ninguém ficou de fora. Até o acadêmico Abraão Efros, assustado com a dilapidação sistemática a que vinham sendo submetidos os clássicos, saiu em campo, de manifesto em punho, clamando por clareza, harmonia e simplicidade, em nome dos neo-clássicos.

Os construtivistas pretendiam também tomar posição positiva em relação à arte clássica. Sua teoria é a da construção

da coisa artística, afirmativa e utilitariamente. Não se negaria o construtivismo a incorporar todos os processos, todas as conquistas da ciência e da técnica antiga ou moderna, para conseguir seu objetivo supremo, a perfeição. Em lugar de teses gerais, apresentava um esquema prático para organização do material artístico:

*... a concentração máxima do necessário na unidade, quer dizer: brevidade, concisão, no pouco muito, no pronto tudo.*

Com isso, propunha-se também a salvar a arte, a poesia, do naufrágio, a enriquecer os processos poéticos com a busca intransigente da perfeição formal. Entretanto, o construtivismo deu apenas um poeta de valor, Iliá Selvinski (n. em 1899), atuante, rigoroso na forma, conciso, seco.

Atacando os construtivistas, dizia Maiacovski, em fevereiro de 1930, numa conferência na Associação de Escritores Proletários, em Moscou:

*Eles esqueceram que, ao lado da revolução, existe uma classe que conduz essa revolução. Eles se servem de uma esfera de imagens já utilizadas, repetem o erro dos futuristas: a admiração pura e simples da técnica eles a retomam no domínio da poesia. Isso não é admissível na poesia proletária, isso não passa de uma tentativa de frisar uns cabelinhos na cabeça quase careca da velha poesia.*

Nem todos os intelectuais e artistas se tinham deixado arrastar pela literatura de café. Os mais integrados na revolução, os mais possuídos de espírito de responsabilidade procuraram outras formas de organização. Reuniram-se nos serões da Seção Literária do Comissariado de Instrução Pública e, principalmente, na *Casa da Imprensa*, a partir de 1920 até 1923. A *Casa da Imprensa* dispunha de um salão com capacidade para trezentas pessoas e ali, artistas, intelectuais, dirigentes revolucionários passaram a reunir-se quase diariamente para discutir os mais palpitantes problemas do momento cultural. Os temas eram: a velha e a nova literatura, literatura proletária e literatura burguesa, os problemas centrais da literatura do ponto de vista marxista, a literatura e a psicanálise, o novo teatro, a nova música, os intelectuais e o comunismo, o estilo da revolução e o da arte burguesa, o proletariado e a criação artística, a nova temática e as novas palavras, etc.

Ali se levantaram em toda sua magnitude as perguntas que andavam em todas as bocas e em torno das quais devia

girar mais de uma década da crítica artística e literária soviética. As principais eram: qual a atitude da revolução frente à literatura clássica? Devia a nova época, tendo sido deposta a ordem burguesa, renunciar à arte burguesa? Até que limites podia chegar a negação da velha arte? Haveria apenas renúncia ao velho material, à maneira de focalizar as coisas ou repeliria a revolução os antigos processos de criação, os antigos princípios? Repele ou aceita a revolução as velhas fórmulas? Em que medida as aceita? Em que medida as repele? Toma-as como ponto de partida de seu desenvolvimento ou, rechaçando-as por princípio, começa a construir uma arte inteiramente nova?

Foram vistos na *Casa da Imprensa*, como conferencistas ou debatedores: Lunatchárski, Bukhárin, Briússov, Maiacovski, Pletnev, Veressáiev, O. Brik e muitos outros. Em matéria de teatro e assuntos clássicos, intervieram: Meyerhóld, Sakanovski, Taírov, Nemiróvich-Dánchenko, Grossman, Vera Figner e outros mais.

Ali Briússov leu, pela primeira vez, o *O Ditador* e Alexandre Blok, pela última vez, disse seus versos em Moscou. Ali Lunatchárski deu a conhecer obras suas, o *D. Quixote*, *O Chanceler e o Serralheiro* e o poema *Concerto*. Maiacovski declamou o seu *150 Milhões*, Essênin recitou *Pugáchov* e também Pasternak, mais de uma vez, ali se fez ouvir.

Muito concorridas, os ânimos tensos, as sessões da *Casa da Imprensa* eram sempre ruidosas e apaixonadas.

Apesar da ajuda econômica que recebia do Comissariado de Instrução Pública, a situação era tão difícil que a *Casa da Imprensa* esteve, repetidamente, a pique de fechar as portas. Subsistiu, no entanto, porque correspondia a uma profunda necessidade cultural da época, tendo função de relevo na batalha ideológica.

Dedicados principalmente à prosa de ficção, diversos escritores fundaram em 1921, ano de fome, a irmandade literária *Irmãos Serapião*, patrono este que foram buscar no eremita, personagem de uma novela de Hoffmann. Os chefes eram Zamiátin e Chklovski. O grupo, nada homogêneo, incluía nomes como os de Vsévolod Ivánov, K. Fédin, N. Tíkhonov, que mais tarde granjearam justa fama, ao lado de escritores de menor porte como Zóschenko. Diferiam não só em níveis de valor, como em rumos políticos. Zamiátin passaria à emigração. Ivánov, Fédin e Tíkhonov, com maior ou menor dificuldade,

com tais ou quais desvios, acabariam por ajustar-se aos novos caminhos. Zóschenko não conseguiria renovar a sua atitude caricatural e depreciativa do tempo da NEP. A irmandade era, enfim, um saco de gatos momentaneamente reunidos sob a plataforma despistadora do apoliticismo e da neutralidade.

Dizia o serapioniano Lev Luntz, em 1922:

*Reunimo-nos num momento de forte tensão revolucionária e política. "Aquele que não está conosco está contra nós" — diziam-nos da direita e da esquerda. Com quem estais vós, Irmãos Serapião? Com os comunistas ou contra os comunistas? Pela Revolução ou contra a Revolução?*

*Com quem estamos nós? Nós estamos com o anacoreta Serapião. . .*

*Durante muito tempo, muito dolorosamente a literatura russa foi regida pela opinião pública. . . Nós não queremos saber de utilitarismo. Não escrevemos para a propaganda. A arte é uma realidade como a própria vida e, como a vida, é sem finalidade, sem significação, existe porque não pode deixar de existir<sup>3</sup>.*

Diziam mais:

*A obra há de ser orgânica, real, viver sua própria vida. Uma obra pode refletir a época, mas pode também não refleti-la.*

Preconizavam, pois, a indiferença às idéias, a arte pela arte, a arte sem finalidade e sem significação. Faziam profissão de fé de apoliticismo, o que era sua maneira trivial, pequeno-burguesa, de opor-se à ordem dominante.

Na prática, porém, foi impossível sustentar a irmandade fingidamente apolítica. Foi dissolvida pelas contradições que encerrava, vencida pelo curso dos acontecimentos. A obra de Ivánov, Fédin e Tíkhonov refletia a época, tomava posição política e seus autores se classificavam na tendência geral denominada dos "companheiros de viagem" (popúchki).

Os escritores de tradição burguesa, tivessem a origem que tivessem, fosse qual fosse a escola a que se filiassem, eram chamados de "companheiros de viagem", desde que aceitassem a liderança política do proletariado e se dispusessem a segui-la. Não se julgava, modestamente, outra coisa o próprio Gorki. Pelo sentido da tradição literária, pela qualidade da técnica que

---

3. *Apud A. Zhdánov, Sobre as Revistas Estrela e Leningrado, 1946.*

possuíam, os “companheiros de viagem” compunham “o mais rico e o mais sólido elemento da literatura soviética e, historicamente, constituíram o elo, a ponte entre a velha e a nova literatura, a linha de continuidade, da tradição literária democrático-revolucionária ao socialismo”. Dentre eles surgiam novos valores, como Fédin e Leónov. Para eles voltava-se com especial solicitude, abrigando fundadas esperanças em seu progresso político, a linha cultural do Partido. Mas não deixaram os “companheiros de viagem” de apresentar diferenciações. Nem todos seguiram em linha reta. Nem todos foram até o fim da jornada.

O “inventor” do *Proletkult* foi Bogdánov, o mesmo idealista com quem Lênin terçara armas no *Materialismo e Empiocrítica*. Organizado antes da revolução de outubro, o *Proletkult* propunha-se a fazer oposição à cultura burguesa. Agora, estando o proletariado já no poder, imaginava metafisicamente três vias paralelas de acesso ao simbolismo: a econômica, a política e a cultural. Pretendia que ao *Proletkult* pertencia a via cultural, com inteira independência das demais. Daí advogar para si uma autonomia tanto em relação ao Partido, quanto em relação ao Governo, considerando-se como um Estado dentro do Estado, opondo o seu trabalho ao do Commissariado da Instrução. Com isso, através de uma rede de clubes e escolas artístico-literárias, recrutando professores e epígonos entre simbolistas, futuristas e decadentes, o que fazia o *Proletkult* era difundir, sob uma fraseologia revolucionária, uma cultura formal, alheia à luta, hostil às instituições e às tradições democráticas. Por absurdo que pareça, Bogdánov ensinava que, no regime socialista, a individualidade se dissolve na consciência coletiva e que, por conseqüência, nele a arte está destinada a desaparecer.

No outubro de 1920, Lênin tomou providências contra o *Proletkult*, esboçando uma primeira resolução sobre a cultura proletária e, sob sua inspiração, em dezembro do mesmo ano, o Partido criticava e denunciava publicamente tal movimento.

A fraqueza ideológica do *Proletkult* não podia levá-lo longe. A interdependência real, prática, da economia, da política e da cultura, havia de matá-lo. Das usinas, das fazendas, das universidades começou a surgir uma elite de trabalhadores. Da massa dos correspondentes operários (rabkor), camponeses (selkor) e dos estudantes operários (rabfak) começava a nascer

uma literatura proletária autêntica, embora ainda balbuciante. E por volta de 1923 desaparecia o movimento do *Proletkult*.

Os nomes mais destacados do grupo *Os Forjadores* eram M. Guerássimov, F. Gládkov, N. Liachko, I. Filipchenko, N. Volkov, V. Kirílov e V. Alexandróvski. Alguns deles já tinham estreado antes de 1917. Reunindo escritores de origem proletária, entendeu o grupo de disputar a hegemonia na literatura soviética. Vangloriavam-se:

*A associação de escritores operários Os Forjadores é a única que adota inteiramente o programa da vanguarda revolucionária da classe operária e do partido comunista.*

O órgão de *Os Forjadores* era a *Revista Operária*. Para eles, a literatura era “instrumento de organização da sociedade comunista”; os artistas pré-revolucionários não tinham capacidade “para dar forma ao material oferecido à obra criadora, pela revolução”.

*A juventude operária, — diziam — que tem sede de saber e espera ávida por lançar-se à criação artística, se acha perplexa. Não existe nenhum Bielinski. Sobre o deserto da arte reinam as sombras.*

Por isso, levantavam eles “a insígnia rubra da plataforma-declaração da arte proletária”. E definiam:

*A arte proletária é o prisma em que se concentra o rosto da classe, o espelho em que se miram as massas operárias.*

Ou mais enfaticamente:

*A arte proletária é uma arte que abraça as três dimensões da superfície do material de criação na forma clara, precisa e sintética, própria da classe, e faz passar através dela a linha das aspirações rumo aos objetivos finais do proletariado. Por sua própria natureza, esta arte é a arte da grande tela, do grande estilo, a arte monumental.*

Pretendiam, como se vê, resolver à força de dogmatismo e esquematismo os problemas estéticos. Com empáfia e agressividade, queriam impor suas “soluções”, através das quais se filtrava o descontentamento nutrido quanto à política literária do Estado, que não só não lhes outorgava a desejada hegemonia, como estimulava uma arte por eles condenada.

Como rivais, *Os Forjadores* tiveram o grupo *Outubro*, que, em determinado momento, reuniu gamas diversas da pequena burguesia hostil ao leninismo: sobreviventes do *Proletkult*, partidários da “revolução permanente”, *rabkors* agrupados no mo-

vimento *Primavera Operária* e até comunistas do grupo *A Jovem Guarda*. Tiveram como órgão a revista *A Sentinela*, que se destacou pela violência de seus ataques críticos, contribuindo para criar no mundo das letras um ambiente sombrio, irrespirável. Eram pontífices de *Outubro* Lebedev-Poliánski e Ple-tnev, amigos de Bogdánov, os teóricos esquerdistas Lelévitich, Gorbachóv e Averbách. A eles logo se aliaram futuristas formalistas da revista LEF (abreviação de *Lévi Front*, Frente de Esquerda). Era “um ajuntamento heteróclito de todos os sectarismos, por cálculo, por despeito, por desorientação, ou por incultura, contra as concepções tradicionais da arte, de suas exigências e de seu caráter específico”.

Aproveitando-se de manifestações direitistas como a dos *Irmãos Serapião*, os de *Outubro* abriram fogo pesado, indiscriminado contra todos os “companheiros de viagem”. A *Os Forjadores*, seus rivais, acusavam de grupo antiproletário em decomposição, nocivo ao regime. O grupo de *O Trânsito*, no qual formavam escritores camponeses como L. Zavadóvski, I. Kasátkin e outros, escritores operários como Ana Karaváieva, I. Katáiev e pequenos-burgueses como E. Bagrítski, sustentou polêmica com *A Sentinela*, opondo-se a todas as suas teses. Vorónski estava na liça, ajudando a semear a confusão.

Atrás da violência das polêmicas de *A Sentinela* estava a manobra política. Em nome da “hegemonia cultural do proletariado” exigiam o monopólio da literatura, queriam obter, em benefício próprio, a ditadura das letras, queriam interditar as obras dos “companheiros de viagem”, bem como todas as que não fossem, a seu juízo, suficientemente proletárias.

Maiacovski foi diretor da revista LEF, aparecida na primavera de 1923, reagrupando elementos futuristas, entre os quais N. Asséiev, S. Tretiakóv e O. Brik. Nela se repetiram muitos dos antigos erros “teóricos” da tendência, notadamente no que diz respeito à avaliação dos clássicos.

Maiacovski, via de regra, não acompanhava as desenfreadas tentativas de teorização a que, de acordo com a moda, se entregaram alguns de seus companheiros de redação, como O. Brik, Tretiakóv, Chukhák e A. Lavinsk. Nessas questões manteve sempre uma certa sobriedade e suas opiniões se distribuíam, de preferência, ao longo dos poemas. Mesmo para polemizar preferia a forma poética. Seus versos estão salpicados de nomes de amigos e de inimigos, de contemporâneos e antepassa-



*A meu juízo,  
realizando-se semelhante pesadelo,  
da mesma maneira tu te enforcarias.  
É melhor morrer de vodka  
do que de tédio.*

Sobre a LEF, no poema *Conversando com Alexandre Ser-  
guéievich Púchkin*:

*A pena rombuda do anquilosado Púchkin  
se levanta:  
— Com que então a LEF lhe apareceu um Púchkin?  
Que imbecil!*

Ainda sobre a LEF, no poema *Carta do escritor V. V.  
Maiacovski ao escritor A. M. Gorki*:

*À acomodação,  
adulação, lisonja  
ou atividades de um rublo o prato  
alguns chamam  
de "realismo são".  
Nós também  
somos realistas  
mas não com o focinho metido na gamela.  
Nós estamos  
com a vida nova que vem  
.....  
Somente nós,  
por mais que se elogie a esses sucedâneos,  
carregamos às costas os anos  
e arrastamos  
a história da literatura.  
Somente nós  
e nossos amigos  
não acariciamos os olhos  
nem os ouvidos.  
Nós somos a LEF  
sem histeria.  
Com planos construímos o mundo de amanhã.  
Amigos,*

*poetas da classe operária,  
talvez não tenhamos muitos conhecimentos,  
mas somos de instinto seguro  
orientados nos compassos da orquestra  
de palavra e sons,  
rumo aos séculos futuros.*

Neste trecho, como em outros muitos da obra de Maiacovski, repontam alguns dos pecados de que eram acusados os futuristas: a arrogância, o espírito de grupo, a autopropaganda. Era a marca da escola, digamos. Mas nesse mesmo trecho, estão as virtudes opostas àqueles defeitos, marca do honesto e consciente “companheiro de viagem” que, na verdade, era Maiacovski. A arrogância, a autopropaganda, própria da estirpe whitmaniana, não excluem a modéstia de confessar ignorância; o espírito de grupo de bom grado se transforma no desejo de servir ao povo. Não bastasse isso e sobriariam a Maiacovski outras razões: o talento, a maestria poética, a segurança nas estocadas, a graça lírica, a tensão dramática de um poeta que não brincava com seu ofício, senão que nele jogava toda a sua vida, tudo aquilo que o fazia figura de primeiro plano, célebre, amado e odiado como nenhum outro. Ademais, a história subsequente haveria de demonstrar que, nele, o instinto era realmente seguro, certos e justos muitos daqueles dardos contra os “sucedâneos” e mais que, pelo menos quanto a ele e no que toca à poesia, não foi tão desmesurada assim aquela ambição de levar às costas a literatura

Sendo o expoente da LEF, Maiacovski recebeu toda a carga dos ataques que a revista suscitou. Entretanto, não foi dos que embarcaram no manobrismo esquerdizante do grupo Outubro e da V.A.P.P. (Associação Pan-Russa dos Escritores Proletários). Maiacovski fundaria mais tarde a *Nova LEF*.

Em meio à cena literária tão confusa, o Partido interveio duas vezes. A primeira, em 1925, através de resolução do XIII<sup>o</sup> Congresso, que reafirmava as teses leninistas sobre o *Proletkult*, assinalava a fraqueza momentânea da literatura proletária e estimulava a produção dos “companheiros de viagem”, assinalando sua capital importância. A segunda, de 1932, como decisão do Comitê Central “Sobre a reforma das organizações literárias e artísticas”, constatava o amadurecimento da nova literatura e apontava os perigos políticos do desvairado

entrechoque dos grupos, preconizando a unidade dos escritores. Daí nasceu a União dos Escritores Soviéticos, tornada possível graças também a uma série de fatores objetivos: o êxito do primeiro plano quinquenal, o sucesso da coletivização das terras, o melhoramento das condições materiais de vida, o enriquecimento cultural do povo, a generalização do ensino primário e secundário, a extensão da rede de bibliotecas e clubes, o desenvolvimento da imprensa, etc., tudo isso criando para os escritores um novo público de milhões de pessoas.

## V — MAIACOVSKI NO TRABALHO E NA LUTA. VIAGENS

A MOSCOU DE 1925. A MORADIA DO POETA. PROFECIAS. CHEGA A FAMA. COMO E EM QUE TRABALHAVA MAIACOVSKI. O RAPSODO. VIAGENS AO ESTRANGEIRO. PEDINDO CHÁ EM INGLÊS. IMPRESSÕES DA AMÉRICA: MÉXICO E ESTADOS UNIDOS. MAIACOVSKI E O BRASIL. DE VOLTA À CASA.

Maiacovski conhecera a Moscou pré-revolucionária e a da guerra civil. A Moscou da NÉP, na qual se desdobraria a flâmula do poeta, era uma cidade convalescente. Assim a descreve Elsa Triolet:

*Era então a Moscou da NEP, ainda muito dolorida, após os duros anos que vinha de viver. Aqueles que têm hoje (a autora escreve em 1939) vinte anos, talvez nem sequer se lembrem dessa época, para eles já é natural possuir uma Moscou brunida, asfaltada, borbulhante de ônibus e automóveis novos em folha, já olham para os fiacres como são olhados em Paris, obedecem às regras do tráfego, aos guardas muito alinhados, com suas luvas brancas, comem doces, compram flores...*

*Em 1925, Moscou apenas começava a comer os seus doces, chegava até isso, sorria... Mas as casas, as pequenas casas de Moscou, pintadas a cal e coloridas como imagens provençais, amarelas e rosadas, estavam descascadas, fendidas, escoravam-se mutuamente para não cair, os vidros quebrados, os tetos enferrujados. O calçamento das ruas esburacado, os fiacres com o forro dos bancos em farrapo, os raríssimos automóveis consertados a barbante, a lataria amassada, sem traço de verniz... Os bondes superlotados se balançavam perigosamente...*

*Moscou repleta, superpovoada, arrebatava por todos os lados* <sup>4</sup>.

Nessa Moscú viveu Maíacovski. Não chegaria a conhecer a outra remodelada pelos planos quinquenais. Nessa Moscú Maíacovski teve um quarto que era, ao mesmo tempo, escritório, sede da LEF, lugar de trabalhar, de dormir, de receber gente. Nesse quarto, morreria. Outra residência sua, além da *datcha* suburbana de Sokolniki, foi um diminuto apartamento em Moscú, que hoje faz parte do "Museu Maíacovski". Mas estes dois foram, para ele, lugares de ser feliz com Lila. Aquele quarto era seu endereço certo: Galeria Lubianski, perto da praça Lubianskaia. Ficava no centro movimentado da cidade, no terceiro andar dum enorme edifício de apartamentos enfiado e pesado.

O aposento de Maíacovski, constituído de uma só peça, ficava perto da escada, num recanto sombrio, tendo uma única janela que dava para o pátio. Os papéis das paredes escuros, a escrivaninha perpendicular à janela, uma cama estreita, revestida duma tela negra encerada, escorregadia. Ambiente agradável, quente, severo, sempre cheirando um pouco a especiaria. No frio da tela encerada, que trespassava a coberta, o poeta teria apanhado os reumatismos que o atormentavam.

Embora viesse a reclamar mais tarde contra a exigüidade do espaço que lhe cabia para trabalhar, o poeta não dava maior importância ao luxo ou ao conforto.

*A mim*

*nem um vintém sequer  
os versos jamais me deram*

*jamais ganhei mobília  
do ebanista.*

*E, salvo duma camisa sempre fresca,  
sinceramente*

*de nada preciso eu.*

(“À Plena Voz”, 1930)

Em prosa e em verso, Maíacovski previu que seu nome se inscreveria nas ruas onde morou. Sobre a Galeria Lubianski profetizou humoristicamente:

---

4. In *Maíacovski*, págs. 77-78.

*Sempre pensei que se acabaria por chamar a Galeria Lubianski — onde se encontra a redação da Nova Lef e onde moro — Galeria Maiacovski.*

*No entanto, ninguém o diria.*

*Outro dia, recebi uma carta, um convite de uma associação artística qualquer, com este lamentável endereço:*

*Redação da Nova Less (Less quer dizer floresta). Para Vladimir Vladimírovitch Lubianski.*

*Está justo, uma galeria é mais comprida que um escritor, sobretudo de linhas curtas.*

(“Caderno de Bolso”, 1927)

Idêntica profecia em verso

— *Transeunte!*

*Esta é a rua Jukovski?*

*Como uma criança diante dum esqueleto  
ele fixa em mim*

*os olhos arregalados,  
querendo me evitar:*

*“Esta rua é a rua Maiacovski  
há milhares de anos.*

*Foi aqui, à porta da bem-amada,  
que ele se matou”.*

*Quem?*

*Eu? Eu me matei?*

Em 1925, a fama de Maiacovski já era um fato consumado. O poeta era reconhecido nas ruas pelos transeuntes, pelos cocheiros dos fiacres. Sussurravam seu nome, apontavam-no: “É Maiacovski!” Pediam-lhe autógrafos, tinha admiradores, discípulos e até aduladores. Colaborava num grande número de jornais e revistas. Crescia o seu prestígio entre a juventude e o povo soviéticos. Ele mesmo registraria sua popularidade, contando:

*O doqueiro de Odessa, depois de descarregar do barco a bagagem de alguém, me deu bom dia sem nenhuma troca de nomes e em lugar de um “Como vai?” ataca: “Diz-lhe ao Gossisdat (Editora do Estado) para editar o teu “Lênin” a um preço acessível”.*

*Um soldado vermelho duma patrulha de rua em Tiflis por si mesmo se certifica de minha pessoa poética.*

(“As Capitais recém-nascidas”, 1927)

A notoriedade de Maiacovski era resultado de muitos e muitos anos de trabalho apaixonado, árduo e gigantesco, levando de roldão os inimigos que continuamente lhe interceptavam o caminho. Trabalhava ininterruptamente. Quando, certa vez, alguém lhe perguntou quantas horas por dia trabalhava, respondeu, entre orgulhoso e irônico: “Vinte e quatro horas!” E o exagero, próprio da sátira, não estava, em seu caso, muito longe da verdade. Só havia que subtrair daquela demasia as horas de sono, que eram poucas. Mas isto não quer dizer que o poeta se aboletasse numa mesa, de caneta em punho, o tempo todo entre quatro paredes. Tinha hábitos de trabalho personalíssimos. Constantemente, tinha um poema em elaboração na cabeça. Taciturno, permanentemente tenso, vivia remoendo versos, andando, viajando ou em repouso, onde e como quer que estivesse. Memória extraordinária, compunha mentalmente longos poemas, pondo no papel somente a última forma. Lembrava-se, porém, não só das diferentes variantes de cada verso, ocorridas durante a elaboração poética, como do lugar, circunstâncias e razões da maioria delas. Desse dom é sumamente ilustrativo o seu folheto “Como fazer versos”, escrito em 1926. Sabia de cor todos os seus poemas, senão livros, e era capaz de recitar Púchkin inteiro. Por vezes, interrompia o sono para tomar notas de alguma solução poética repentinamente encontrada. Acumulava em cadernos essas notas, a que chamava suas “reservas poéticas”, para delas lançar mão na primeira oportunidade. Considerava-se um escritor, um poeta profissional, ofício tão necessário e útil como o que mais o fosse, e, por isso, cuidava de não desperdiçar nenhum dos seus “achados” ou “descobertas”. Dizia que, sem tais “reservas”, não poderia atender aos encargos da produção diária. Aconselhava ou desafiava os outros a que fizessem o mesmo.

*Todas essas reservas tenho-as na cabeça e as mais difíceis anoto-as num caderno.*

*Como serão empregadas não sei, só sei que tudo será utilizado.*

*A preparação dessas reservas me toma todo o tempo. Dedico-lhes de 10 a 18 horas por dia e estou sempre a pique de*

*murmurar alguma coisa. É esta concentração que explica a famosa distração dos poetas.*

*O trabalho sobre essas reservas se passa em mim com uma tal tensão que, em noventa por cento dos casos, lembro-me o lugar em que, nestes quinze anos de trabalho, certas rimas, aliterações, imagens, etc., receberam a forma definitiva...*

.....  
*É unicamente a existência dessas "reservas" cuidadosamente verificadas que me dá a possibilidade de terminar o trabalho no tempo requerido, pois a norma de minha produção, atualmente, é de 8 a 10 linhas por dia.*

Assim aparelhado, desdobrava-se em atividades. Homem de pouca conversa, detestava a maledicência, nunca a praticava. Não admitia perto de si o cochicho das comadres. Trabalhava ininterruptamente. Publica diariamente poemas e artigos em jornais e revistas, escreve livros de poesia, de viagens e memórias, sem desdenhar de servir à propaganda do Estado. Basta ver a seqüência: "A Flauta Vertebrada" (1915), "A Nuvem de Calças" (1916), "O Homem" (1917), "Guerra e Paz" (1918), "150 Milhões" (1920), "Amo" (1922), "A propósito disto" (1923), "Lênin" (1925), "Muito Bem!" (1927), "A Plena Voz" (1930), longos poemas líricos e épicos, cada qual formando, por si só, um livro. No teatro: "Eu" (1913), "O Mistério Bufo" (1921), "O Percevejo" (1928), "O Banho" (1929). Para circo: "Moscou arde", pantomima aquática. Além de sete argumentos escritos para cinema, bem como o desempenho de primeiro ator em diversos filmes, entre os quais o "Martín Eden", da novela de Jack London e "A professorinha dos operários" tirado dos contos de "O Coração" de Edmundo d'Amicis; não contando mais de mil páginas de poesias para criança, uma infinidade de legendas propagandísticas, a confecção de cartazes e cenários, desenhos, etc. Um dínamo de alta freqüência giratória.

Aliviavam-lhe a tensão criadora: em primeiro lugar e acima de tudo, o amor, a amizade de Lila; depois os jogos, sobretudo o bilhar e, por fim, as viagens ao estrangeiro.

Desde os primeiros tempos do futurismo, Maiacovski restaurou o antigo hábito de rapsodos e menestrelis, levando a poesia de cidade em cidade. Recitais, conferências e debates. Ia sozinho ou acompanhado de outros poetas e escritores. Presidia sempre os trabalhos. Ninguém como ele para recitar,

estimular as discussões, dirigi-las, ou para achar, com uma resposta fulminante, a qualquer provocador. A platéia fazia perguntas orais ou escritas em bilhetes que jogava sobre o palco. Maiaovski colecionou 20 000 desses bilhetes, à base dos quais pretendia escrever um livro, "A Resposta Universal", afirmando saber o que pensava a massa de leitores.

Nas viagens e atividades de rapsodo, seu ritmo era, como em tudo, vertiginoso:

*Viajo como um louco... Recitei em Voronezh, Rostov e Taganrog. A seguir de novo em Rostov e Novocherskass... E recitar não é fácil. Recito todos os dias. Por exemplo, sábado recitei em Novocherskass desde as oito e meia da noite até as doze e quarenta e cinco... E às oito da manhã seguinte, na Universidade.*

*As dez e meia li versos no quartel de um destacamento de cavalaria do Exército Vermelho. A uma e meia regresssei a Rostov e recitei na Associação de Escritores Proletários. Terminei às quatro e cinqüenta minutos, e às cinco e trinta recitei no clube da fábrica Lênin...*

(De uma carta a Lila Brik, de 29-12-1926)

Outro itinerário:

*... A 25 falei em Karkhov, junto com S. Kirsánov. A 27 e 28 em Lugansk (Vorochilovgrado) e a 29 em Stalino. A 31 falo de novo em Karkhov. Na Criméia estarei a 4 de agosto e participarei de uma sessão em Sinferopol. A 5 falarei em Sebastopol e a 8 em Aluch. A 12 em Gurzuf e a 16 em Alupca. A 17 e 18 em Ialta. A 19 recitarei em Eupatorio e a 20 de novo em Sinferopol. A 22 em Livadio, num sanatório onde repousam 350 camponeses. A 23 estarei em Jaraks, e a 24 em Simeis. A 25, 30 e 31 de novo em Ialta. A 3 de setembro no Cáucaso, em Piatigorsk...*

(De uma carta a Lila Brik, de 24-7-1927)

Assim chegou a percorrer 52 cidade soviéticas.

E, por acaso isso era tudo nas 24 horas diárias do poeta?

Lila Guerrero lembra com razão que, além disso, ainda havia que conversar com os amigos depois das sessões, comer, ler os jornais, visitar um jornalista que falseara a notícia, discutir com ele e encher de anotações o inseparável caderno de "reservas" e escrever a Lila e dormir.

V. Katanian, seu amigo, escreveu "Os anais de Maiacovski", livro em que recompõe cronologicamente, mês a mês, dia a dia, a assombrosa atividade do bardo. Valha como simples amostra esta parcela do ano de 1927:

Janeiro. *Aparição do primeiro número da revista Nova Lef, sob a direção de Maiacovski, com um liedre de Maiacovski e o poema "Carta do escritor V. V. Maiacovski ao escritor Alexei M. Gorki"*.

Janeiro. *No Izvestia, poema de Maiacovski, Nosso Ano Novo e A estabilização dos costumes.*

Segunda metade de janeiro. *Tournée de conferências a Nijni-Novgorod, Kazan, Penza, Samara, Saratov (15 conferências). Durante a viagem são escritos os poemas "Através das cidades da União". "Os fabricantes de otimistas".*

Fevereiro. *No segundo número da revista Nova Lef, poema de Maiacovski "A Nossa Juventude"*.

13 de fevereiro. *Maiacovski fala na Academia comunista durante uma sessão noturna com debates sobre o tema "Essenianismo e tendências mórbidas entre os jovens"*.

.....  
Segunda metade de fevereiro. *Tournée de conferências em Tula, Kursk, Karkhov, Kiev (10 conferências).*

Março. *No jornal O Trabalho, por ocasião da jornada internacional da mulher, um poema de Maiacovski: "À guisa de ode". No Izvestia, no Pravda de Leningrado e no Jornal Operário aparecem poemas de Maiacovski, "Discurso inspirado sobre o modo de acumular e de guardar dinheiro" e "Meteei pelos olhos, enfiai pelas orelhas estas palavras de ordem e estes refrãos", escritos para o lançamento de um empréstimo estatal.*

E assim por diante, dia a dia, uma quinzena após outra, mês a mês. Possuído de permanente febre criadora, Maiacovski ultrapassava as medidas comuns, agigantava-se. Era a "fábrica soviética de elaborar felicidade", isto é, poesia.

De 1922 a 1929, Maiacovski visitou várias cidades do mundo: Riga, Koenisberg, Varsóvia, Praga, Berlim, Noderney, Niza, Paris, Havre, Vera Cruz, Havana, México, Loredó, Filadélfia, Nova York, Detroit e Chicago. As viagens eram uma necessidade de sua inquietação, que buscava não tanto o repouso senão novos motivos de trabalho. Não conseguiu completar a volta ao mundo, como desejava. Teve pela frente barreiras diplomáticas. Nem todas as embaixadas lhe concediam

passaporte. Por causa de um retrato do político inglês, Kerson, que fez em versos, o jornal londrino "Morning Post", certamente irritado com a fidelidade "fotográfica", criou um incidente diplomático e, anos mais tarde, por isso, seria negada entrada a Maiacovski, na Inglaterra.

Não obstante essas dificuldades, Maiacovski cruzou dez vezes a fronteira soviética. Esteve uma vez na América, seis vezes em Berlim e outras tantas em Paris. Dessas experiências resultavam sempre novos poemas, novos livros em que gravava ao vivo suas impressões. "Versos sobre o passaporte", "Conversando com a Torre Eiffel", "Verlaine e Cézanne", "Cristóvão Colombo", "Black and White", "A Ponte de Brooklyn", são produtos de viagem. Da visita ao México e aos Estados Unidos, resultaram dois livros que se completaram. Um de versos, intitulado: "Espanha. Oceano. Havana. México. América"; outro em prosa, "O Meu Descobrimento da América" (1925-1926).

Embora em terra estranha, não relaxava a norma dos recitais. Dava-os em russo, para os patrícios e conhecedores da língua, que outra o poeta não sabia, a não ser o georgiano aprendido na infância. A outros bastava, do espetáculo, a simpatia pessoal do poeta e aquela voz impressionante de "poço e violoncelo".

Aliás, naqueles tempos, um homem soviético andando pelas ruas da Europa era, por isso só, motivo de muita curiosidade que variava da parvoíce à admiração.

A este propósito, escreveu Maiacovski no *Izvestia* de 6 de fevereiro de 1923:

*A aparição de um homem soviético vivo produz por toda parte sensação com inegáveis gamas de espanto, admiração e interesse (na chefatura de polícia o efeito de sensação é o mesmo, mas sem gamas). O que predomina é o interesse: diante de minha pessoa se manifestou mesmo uma certa tendência a fazer-se fila. Durante várias horas, faziam-se perguntas, a começar pelo aspecto físico de Lênin e terminando pela lenda muito difundida da "nacionalização das mulheres em Saratov".*

O mesmo sentimento, doutra feita, foi registrado assim pelo poeta:

*Para que costumam ir ao estrangeiro os escritores? Para assombrarem-se. Eu, aos invés, ia para assombrar.*

Sobre a aflição que lhe dava não poder expressar-se noutra língua além da materna, construiu Maiacovski uma excelente anedota, que, por ser uma das melhores provas de seu talento humorístico, transcrevemos na íntegra:

*Suponho que os estrangeiros me estimem, mas é possível que me considerem um imbecil — não falo dos russos neste momento. Colocai-vos no lugar dos americanos, por exemplo. Foi convidado um poeta e lhes foi dito: “É um gênio”. Um gênio é mais ainda do que uma celebridade. Chego eu e solto:*

*— Give me please some tea.*

*Perfeitamente. Dão-me o chá. Espero um momento e recomeço:*

*— Give me please . . .*

*Tornam a me dar.*

*Então volto eu e repito mais e mais e em todos os tons e com todas as espécies de modulações:*

*— Give me e regive me e reregive me . . .*

*Explico-me. Qual! — E a encantadora noitada continua . . .*

*Uns velhinhos de boa-fé me escutam respeitosamente e pensam lá com seus botões: “Eis aí os russos, nem uma palavra a mais. Tolstói. O Norte”.*

*O americano pensa quando trabalha. Jamais ocorrerá a um americano a idéia de pensar depois das 6 hs. da tarde.*

*Não lhe ocorrerá jamais a idéia de que não conheço uma palavra de inglês, que tenho a língua comichando, enrolando-se como um saca-rolhas; tanta é a vontade de conversar que, levantando a língua como um bastão de jogar argolinhas, enfiou cuidadosamente todas as espécies de O e de V, inúteis quando não passam de peças destacadas. Não ocorrerá a um americano a idéia de que penosamente engendro frases selvagens, super-inglesas:*

*— Yes white please five double arm strong . . .*

*E tenho a impressão de que, encantados com minha pronúncia, enlevados com meu espírito, conquistados pela profundidade de meu pensamento, as mulheres com suas pernas quilométricas ficam simplesmente medusadas e os homens dão para emagrecer a olhos vistos e se tornam pessimistas, tanto lhes é impossível rivalizar comigo.*

*Mas as ladies recuam, tendo ouvido pela centésima vez a litania do chá, dita com uma encantadora voz de baixo, e os gentlemen se escafedem pelos cantos.*

*Queres lhes traduzir, digo berrando a Burliúk, que, se eles soubessem o russo, eu poderia, sem lhes estragar os plastrões, pregá-los com minha língua na cruz de seus próprios suspensórios; que eu poderia revirar sobre o espeto de minha língua toda esta coleção de insetos!*

*E Burliúk, consciencioso, traduziu:*

*"Meu glorioso amigo, Vladímir Vladímirovitch, pede-vos mais uma xícara de chá".*

*("Como eu o fiz rir", 1926)*

Refere-se ao Burliúk da Escola de Belas-Artes, seu amigo e descobridor, que, havia muito, emigrara para a América. Maiacovski, ao chegar a Nova York, a primeira coisa que faz é telefonar para ele:

— *Aqui é Maiacovski.*

— *Bom dia, Volódia. Como vais?, respondeu do outro lado Burliúk.*

— *Bem obrigado, retrucou o poeta, — nestes últimos dez anos tive um resfriado.....*

Parece que as viagens excitavam a veia sarcástica do poeta, já de si poderosa.

Pisando terra americana, pela primeira vez, na cidade de Vera Cruz, constata:

*Eu queria avançar sete mil milhas para frente e ao chegar à América compreendi que retrocedi sete anos.*

Na mesma cidade perguntou logo a um vizinho:

*E onde estão os índios?*

Mostraram-lhe um grupo de homens morenos.

*Durante vinte anos — escreveu Maiacovski — andei sonhando com os índios, de acordo com os livros de Reed. Mas agora, vendo-os, pareceu-me que foi assim como se de repente, diante de meus olhos, pavões reais se transformassem em galinhas.*

Com os olhos da infância vinha em busca da exótica legenda americana, sua visão de poeta revolucionário logo se defrontava com a triste realidade de um país semi-feudal e semi-colonial, captava as razões da miséria dos homens, tantas vezes em contraste com o esplendor da natureza.

Maiacovski tomou-se de admiração pela natureza mexicana e não poupou elogios nem ênfase para descrevê-la. Achou a estrada que vai de Vera Cruz ao México a mais bela do mundo:

*A altura de três mil metros, se alça entre desfiladeiros, metendo-se entre as montanhas e os bosques tropicais. Jamais vi coisa igual à noite tropical que rodeia nosso vagão. No fundo absolutamente azul, ultramarino da noite, o corpo negro das palmeiras se assemelha à silhueta de artistas boêmios de abundantes cabeleiras alvoroçadas.*

*O céu e a terra parecem fugir. Em baixo e em cima brilham as estrelas. Em cima estão imóveis e em baixo voam. São estrelas-vagalumes.*

*Quando passas pelas estações e estão iluminadas vêes a sujeira mais horrenda; burricos e mexicanos montados sobre eles com seus chapéus de abas, arreios de cores vivas e os ponchos abertos deixando assomar as cabeças.*

*Olham e parece que mover-se não é coisa deles...*

*Certa vez em que me levantei cedo e saí à praça, encontrei tudo mudado. Jamais vi terra semelhante nem pensava que existisse.*

*No marco de uma alvorada rubra se erguiam os cactos manchados de luzes vermelhas. E só cactos, com enormes orelhas e verrugas. O "moguey" cresce como enormes facas de cozinha. Os mexicanos fazem com ele o "pulque", uma bebida que parece semi- cerveja ou semi-vodka, para embriagar os índios famintos. Detrás dos "nopales" e do "moguey" se levantam outros cactos de estatura de cinco homens, semelhantes a finas chaminés ou ao órgão do conservatório, só que aquele é de cor verde escuro com agulhas e verrugas.*

*Seu espanto diante da primeira chuva tropical a que assiste; definiu-o assim:*

*Que é a chuva? É o ar com algumas camadas de água. Mas a chuva tropical é só água com algumas camadas de ar.*

*Não pôde dizer tão bem das instituições mexicanas.*

*Em vinte e oito anos, trinta presidentes? Vá alguém acreditar nessas eleições! E da observação dos métodos eleitorais fraudulentos, o poeta fez uma estupenda página satírica.*

*Cauterizando os "gringos", solidarizava-se com o sentimento nacional mexicano, mas da organização militar só pôde salientar o caráter feudal, satirizando-o:*

*O exército do México não é interessante. Ninguém, nem sequer o Ministro da Guerra, sabe quantos soldados há no México. Os soldados estão sob as ordens dos generais. Se o general está de acordo com o presidente, contando com mil*

*soldados, declara que tem dez mil. E quando recebe petrechos para eles, vende os nove mil restantes.*

*Se o general é contrário ao presidente, se vangloria com estatísticas de milhares, mas no momento necessário não conta com mais de dez homens disponíveis.*

*É por isso que o Ministro da Guerra, ao ser interrogado sobre a quantidade de soldados de que dispõe, responde:*

*“Quem sabe, quem sabe! . . . No melhor dos casos, talvez, trinta mil, mas é possível que sejam cem mil”.*

Maiacovski aproximou-se dos poetas mexicanos e admirou-os ao verificar que: “de cada seis pessoas uma é poeta, no México”.

Viu que no parque de Chapultepec havia toda uma alameda de poetas, “a calçada dos poetas”. Mas verificou também que todos, mesmo os politicamente avançados, escreviam “quase que exclusivamente versinhos líricos com gemidos e suspiros amorosos”. Um deles, o redator de “La Antorcha”, quis convencê-lo de que à poesia não se devia pagar, porque não era trabalho. . . Logo a quem, a Maiacovski que sempre se empenhara em demonstrar justamente o contrário. Maiacovski concluiu pelo fraco desenvolvimento da poesia mexicana, pela ausência, dentre os poetas, do sentimento daquilo a que chamava “encomenda social”.

Do teatro mexicano que viu, criticou o *bataclan*. Assistiu a uma corrida de touros e descreveu-a depois. Na apreciação da imprensa diária mexicana, sublinha o sensacionalismo dedicado aos crimes, cujo cúmulo levava um jornal a anunciar: “Hoje não houve assassinatos”.

Não esqueceu Maiacovski de referir-se à carinhosa hospitalidade mexicana:

*Até o garotinho Jesus, de 7 anos de idade, que saiu correndo para me comprar cigarros, responde sempre amavelmente:*

*— Jesus Pupito, vosso humilde servidor.*

*Os mexicanos, quando lhe dão o endereço, jamais dizem: Eis aí meu endereço. Os mexicanos declaram:*

*— Agora o sr. já sabe onde fica sua casa.*

*Ao convidá-lo a entrar no automóvel, dizem:*

*— Rogo-lhe que se sente no seu automóvel. . .*

*Fazendo uma visita não se pode elogiar um objeto, porque logo o embrulham num papel e lho dão de presente.*

Maiacovski confessa que deixou o México com pena e não só lhe dedicou grande parte do livro "Minha Descoberta da América", como também procurou fixá-lo em poemas e desenhos.

Um dos capítulos mais interessantes de sua "Descoberta da América" tem por título: "Odeio Nova York nos dias de domingo". A sátira posta na descrição de Nova York, Chicago e Detroit é mais que nunca penetrante. O escritor russo Korolénko, havia trinta anos, visitara Nova York e depois dele fora Gorki. Agora era a vez de Maiacovski. Este glosaria a frase de Korolénko ao descrever a primeira visão de Nova York:

— "Através do fumo se viam na margem casas enormes de seis e sete andares. . ." agregando:

*Há quinze anos passados, depois de visitar Nova York, Máximo Gorki dizia:*

*Através de uma chuva oblíqua, se vêem na margem casas de quinze e vinte andares.*

*Eu também, para não sair do estilo destes relatos decentes, deveria exclamar:*

*Através dum fumo oblíquo se podem ver casas de quarenta e cinqüenta andares. . .*

*O poeta do futuro, depois de uma viagem a Nova York, escreverá:*

— *Através de enormes casas de inumerável quantidade de andares, que se levantam na margem de Nova York, não se via nem o fumo, nem a chuva oblíqua.*

Aprofundando a crítica dizia, já agora sem ironia:

*Mas a América é uma nação. Dela se pode escrever, mais do que de nenhum outro país, utilizando as palavras de um cartaz revolucionário: Há diversos americanos: os que são burgueses e os que são proletários.*

Viu assim as duas Américas dentro das mesmas fronteiras. Igual percepção de contrastes estaria presente no poema "A Ponte de Brooklyn":

*Solta*

*Coolidge,*

*um grito alegre.*

*Para o que é bom*

*não mesquinharei palavras.*

*Com os elogios  
podes ficar rubro  
como a bandeira de nosso continente,  
embora não sejas senão  
United States of America.*

.....

*Como o embevecido pintor  
crava a vista, enamorada e aguda,  
na Madona do museu,  
assim eu,  
debaixo do céu  
semeado de estrelas,  
contemplo Nova York  
através da ponte de Brooklyn.  
Nova York  
calorenta e pesada  
ao cair da noite*

.....

*Somente  
as almas das casas  
aparecem  
na clara transparência das janelas.*

.....

*Aqui,  
a vida para uns  
era folgança  
e para outros  
imenso queixume de fome.*

*Daqui,  
os desempregados  
se atiravam de cabeça no Hudson.*

.....

*Contemplo a ponte de Brooklyn  
como, pela primeira vez,  
um esquimó olha um trem*

.....

*Oh! a ponte de Brooklyn  
há poucas que a igualem.  
Sim...  
Isso vale!*

Não tendo chegado a nos visitar, não deixou o Brasil de lhe passar pela imaginação, pelo menos como símbolo de algo distante, muito remoto, incrível mesmo como Shangri-lá, pois que escreveu:

*Dizem  
que em alguma parte  
parece que no Brasil  
existe  
um homem feliz.*

(“Eu”. Teatro, 1913)

Não se pense, entretanto, numa possível leviandade do poeta ao dar suas impressões de turista apressado, sobre os países que visitava.

Com toda consciência, advertiu, no prólogo dos artigos que compõem o “Meu Descobrimento da América”:

*Vivi excessivamente pouco para refletir justamente e com pormenor as particularidades do que acabei de ver. Vivi muito pouco para representar com exatidão o geral.*

Dava-lhe, às vezes, pressa de regressar. Parece que a saudade apertava, como dizemos nós. E quando todos lá na terra o supunham prazerosamente gozando as delícias das férias, ei-lo anunciando pelo telégrafo que ia voltar. Assim foi quando de sua visita à América, na qual não esgotou os seis meses de estada a que se propusera. É que diria de Paris ou de qualquer outra cidade do mundo:

*Eu quisera viver  
e morrer em Paris  
se não existisse  
essa terra  
que se chama Moscou.*

Mal havia chegado à União Soviética e imediatamente reatava o trabalho, começando por prestar contas ao público do que vira e fizera no estrangeiro. A tal presteza o levava um rigoroso sentimento do dever, dever político e profissional de um escritor do povo.

De volta das viagens, organizava sempre um ciclo de conferências e recitais, para demonstrar como se desempenhara da

missão de “embaixador da cultura socialista”. Contava suas impressões, os sucessos ocorridos, as anedotas e recitava os novos poemas.

Assim, depois da viagem à América, no transcurso de 1926, percorreu 20 cidades da União Soviética, sendo que, em algumas delas, repetiu as conferências e os recitais. Isto além de duas ou três grandes conferências públicas pronunciadas em Moscou. Uma destas mereceu o seguinte comentário do jornal “Vechérnaia Moskvá”:

*Maiacovski, além de descobrir a América, descobriu novas qualidades em si mesmo. As observações sobre a América despertaram no poeta qualidades de sociólogo, economista e político. . . A conferência foi extremamente valiosa e interessante. Maiacovski não só viu muito, como também se apercebeu de muito. . . Por duas vezes, foi interrompida a narrativa para dar lugar ao recitativo das poesias escritas durante a viagem.*

O Izvestia de Odessa, por sua vez, anotava:

*Maiacovski, além de ser um grande poeta, é homem de inteligência privilegiada, brilhantíssima, cujo enorme dom de observação e imaginação artística ajuda a apresentar todo conceito abstrato em forma viva e cheia de imagens. E ademais, a leveza, a maestria de seu idioma de poeta, se coordena com um engenho de fogos de artifício. . . Em suas observações sobre a vida e as condições sociais dos Estados Unidos e do México há tanta novidade e originalidade que podemos dizer efetivamente que “descobriu” de novo a América para seus ouvintes. Não menor interesse teve a segunda parte do ato no qual Maiacovski, com grande expressividade e senso do ritmo, recitou uma série de novas poesias suas. . .*

## VI — OS INIMIGOS DO POETA

O QUE DIZIAM DELE. CONTRA GORBACHÓV, POLÓNSKI, VORÓNSKI E AVERBÁCH. LENIN CONTRA MAIACOVSKI? AINDA POLÓNSKI CONTRA MAIACOVSKI. DEMAGOGIA SOBRE A INCOMPREENSÃO. MAIACOVSKI POPULAR E IMPOPULAR. POLÓNSKI, COMERCIANTE DA LITERATURA. VORÓNSKI X MAIACOVSKI. AVERBÁCH VISTO POR N. ASSÉIEV. MAIACOVSKI, A LEF, A V.A.A.P E A R.A.A.P.

Não bastavam o gênio, as provas de sinceridade, o trabalho árduo e honesto do poeta, para que seus inimigos fossem

aplacados, para que seus adversários o deixassem em paz. Ao contrário, seu êxito crescente fazia com que mais se encarnicassem contra ele.

*Numerosos eram os inimigos de Maiacovski, no meio literário, em todas as épocas de sua vida. Havia as escolas e os movimentos que se opunham ao futurismo, a Lef, havia os que queriam que jamais se escrevesse senão como Púchkin e Tolstói e os que não admitiam senão os escritores proletários, os que censuravam a Maiacovski por escrever poemas de agitação, poemas políticos e sociais e que sustentavam mesmo que ele não acreditava numa só palavra do que escrevia. Havia os que lhe censuravam os poemas líricos, os poemas de amor que, conforme eles, não serviam ao proletariado. Os que lhe censuravam ser de um devotamento total ao Partido e os que lhe censuravam o não readerir ao Partido. Havia os que o diziam liquidado, sem mais sombra de talento... Havia os reaccionários, os sectários e os simplesmente ciumentos.*

*Esse ódio, Maiacovski certamente não o aplacava com sua arrogância, seu desprezo, seus "ditos" em prosa e em verso, que alguns ainda hoje arrastam consigo...<sup>5</sup>*

Destacaram-se, como seus inimigos, os estetas Polónski, Vorónski e Averbách. Mas, já em 1917, polemizando com Gorbachóv, Maiacovski o ridicularizava, nestes termos:

*Sempre com o tema da crise. Se a cadeira se partiu, crise. A tia ficou doente, crise. Não escrevem, crise. Escrevem versos, crise. Isto é qualquer coisa menos apreciação da realidade.*

Tal era um dos aspectos da crítica pérfida e caolha: bater, insistir sempre na mesma tecla, embora as condições variassem constantemente.

Maiacovski tinha escrito, em 1912, no início de sua carreira, alguns versos obscuros? Pois haviam de acusá-lo de obscuro a vida inteira. Tinha usado a princípio a blusa amarela? Pois jamais haviam de perdoar-lhe o desafio juvenil. Tinha atacado Púchkin e os clássicos? Pois não haveria explicação das circunstâncias e limites daquele ataque, feita reiteradas vezes pelo próprio Maiacovski, que apaziguasse seus encarniçados detratadores. E assim por diante.

Quando não queriam assinar eles mesmos a crítica envenenada ou o comentário depreciativo, faziam-no publicar, sob

---

5. Elsa Triolet, *Maiacovski*, págs. 93-94.

pseudônimo, num jornal do interior para depois reproduzi-lo nos grandes jornais como “a opinião do leitor”.

Diziam que Maiacovski não era lido. E lá saía o poeta pelas livrarias e quiosques, contando a entrada e saída de seus livros, para responder à insídia com estatísticas na mão.

Essênin morrera. Foi então a hora de revalorizá-lo diante da juventude, com o duplo objetivo de instilar nela o espírito decadente do essenianismo e de contrapor à glória do poeta vivo o pobre morto.

Outro expediente dessa crítica envenenada foi o de manipular “opiniões” de Lênin contra Maiacovski.

V. Polónski, por exemplo, escrevia, tomando ares de intérprete do gosto literário de Lênin:

*Não lhe agradavam (a Lênin), por exemplo, os futuristas. Não lhe agradava a chamada “arte nova”. Muitas vezes falava com ironia cáustica de Maiacovski e outros ‘istas’. O livro de Maiacovski “150 Milhões”, considerava-o “amaneirado e extravagante”. Por que? O próprio Lênin dava uma resposta clara a isso: “Tentei várias vezes ler Maiacovski e nunca pude ler mais de três versos; sempre adormeço”.*

*Se fala de “três versos” é para exagerar, porque “versos” se pode encontrar em Maiacovski? Mas o sentido é o seguinte: é difícil compreender Maiacovski quando se o lê. “A Púchkin compreendo e aceito — dizia Lênin aos alunos da Escola de Cenografia — a Negrássov também aceito; mas a Maiacovski, dispensai-me, não o entendo”<sup>6</sup>.*

A perfídia se insinuava em cada linha. Lênin estava morto. As “opiniões” do líder, apresentadas como sentenças definitivas, quando não eram falsas, procediam de segunda mão, colhidas que eram em relatos biográficos ou memórias de diversos autores.

Assim, nas linhas acima transcritas, onde está a prova de que Lênin falara, não só “muitas vezes” de Maiacovski, mas ainda com “ironia cáustica”? Era afirmação gratuita de Polónski, assim como, no segundo período do trecho citado, há um acréscimo por conta da peçonha do “crítico” e um abuso flagrante na “interpretação” do que seria o pensamento de Lênin.

---

6. V. Polónski, *La Literatura Rusa de la Época Revolucionária*, pág. 105.

Polónski, desonestamente, esconde que a conversa de Lênin com os estudantes da Escola Cenográfica tinha um caráter vivo, de discussão, na qual os jovens demonstravam o seu grande entusiasmo por Maiacovski, enquanto Lênin procurava contrariá-los, preocupado que estava com a questão da herança clássica na arte e na literatura (Púchkin e Nekrássov), ponto de partida para a cultura soviética nascente.

Fiel a essas circunstâncias, é o relato que da mesma entrevista faz N. Krúpskaia, a companheira de Lênin, em suas "Recordações de Lênin":

*Uma noite, Ilitch teve a idéia de ver como vivia a juventude numa comunidade. Decidimos visitar nossa amiga Vária Armand de Vkhoutemas (Escola de Belas-Artes).*

*Ilitch contemplava aquela juventude, aqueles jovens artistas, homens e mulheres que o rodeavam: suas fisionomias transbordavam de alegria. . . Mostraram-lhe seus desenhos ingênuos explicando-lhe o sentido e o borbardearam de perguntas. Ilitch ria; fugia às perguntas, respondia por outras perguntas: Que lêem. vocês? Lêem Púchkin? — Oh! não! respondeu alguém — e um burguês! Nós lemos Maiacovski. Ilitch sorriu. "Na minha opinião Púchkin é melhor". Depois disso Ilitch demonstrou uma indulgência maior para com Maiacovski. Esse nome evocara, em sua memória, os jovens de Vkhoutemas, cheios de vida e de alegria, prontos a morrer pelo poder soviético, não achando patávras na língua moderna para exprimirem-se e procurando essa expressão nos versos pouco compreensíveis de Maiacovski. Mais tarde, Ilitch louvou um dia Maiacovski por um poema que ridicularizava a burocracia soviética<sup>7</sup>.*

Na descrição simples de N. Krúpskaia está o verdadeiro Lênin, em sua humanidade e sabedoria. . . Vêmo-lo, nesse episódio, consultando diretamente a juventude, surpreendendo-a em seu próprio ambiente, em seus afazeres, gostos e opiniões. Naquele intercâmbio, despido de formalidades, não aparece Lênin lavrando sentenças definitivas, irrecorríveis, sobre matéria artística e literária ou sobre o valor de Maiacovski, conforme fazia crer Polónski. Ilitch, entre os moços, dava, em caráter particular, sua opinião pessoal, aliás susceptível de modificar-se, assim como o próprio poeta modificar-se-ia no decurso de sua carreira.

---

7. *Trechos escolhidos Sobre Literatura e Arte*, ed. Calvino, pág. 241.

A visita aos estudantes ocorria em 1921 e Lila Guerrero, citando ainda o livro de Krúpskaia, nos informa que Lênin, à saída da Escola, dissera à sua companheira:

*Se a juventude fala dessa maneira, temos que pensar...*

O fato é que, já no ano seguinte, Lênin elogiava publicamente a Maiacovski, nestes termos:

*Li, ontem, por acaso, no Izvestia, um poema de Maiacovski sobre um tema político. Não me incluo entre os admiradores de seu talento poético, se bem que reconheça plenamente minha incompetência neste terreno. Mas há muito tempo que não sinto um prazer semelhante do ponto de vista político e administrativo. Em seu poema Maiacovski põe completamente em ridículo as reuniões e escarnece dos comunistas que não cessam de fazer reuniões sobre reuniões. Pelo que toca à poesia não sei, mas pelo que toca à política garanto que é perfeitamente justo. Na realidade, vivemos na situação dessa gente (devo dizer que a situação é muito ridícula) que sempre está reunida em comissões ou elaborando planos sem fim...*

Este é o único texto que guarda uma referência pública e direta de Lênin a Maiacovski. Elogia o senso político do poeta e deixa aos entendidos a apreciação do talento do artista. E em que circunstâncias? Lênin falava "Sobre a situação interna e externa da República dos Sovietes", no Congresso dos Metalúrgicos e o discurso foi publicado no *Pravda*, a 8 de março de 1922. Numa hora de grave perigo como era aquela, Lênin não dedicaria alguns minutos de seu discurso a Maiacovski por mera liberalidade. Por outro lado, não ignorava a enorme influência de um elogio seu, razão mesma da sua parcimônia no louvor. Certamente sabia que aquela referência elogiosa, ainda que acompanhada de restrições, granjearia para o poeta mais prestígio e mais notoriedade. De fato, conta-se que o poema saíra no *Izvestia*, acidentalmente, graças à ausência de determinado redator. Mas, depois do discurso de Lênin, não foi mais possível continuar recusando a colaboração efetiva de Maiacovski, no grande diário.

Entretanto, mesmo diante do texto de Lênin, aquela camarilha crítica continuou obstinada. Polónski, escrevendo em 1928, não o cita sequer. Outros se desvelavam em truncá-lo ou torcer-lhe o sentido. Acentuavam o trecho em que Lênin declara não ser admirador do poeta, com a subtração da res-

salva sobre sua incompetência na matéria, ressalva importantíssima pelo que deixava em aberto ao crédito artístico de Maia-covski.

Era inútil a intriga. Não conseguia fazer o poeta perder-se. Não conseguiu afastá-lo de Lênin. O melhor canto à glória de Lênin seria da autoria de Maia-covski, assim como de sua lavra seria a melhor, a mais compreensiva elegia dedicada a Essênin.

Sendo impossível negar redondamente as qualidades do poeta, veja-se a que rabulice crítica descia Polónski:

*Por que Lênin aceita Púchkin e repele Maia-covski? Precisamente porque Púchkin é popular. Apesar da elevação de sua arte genial, Púchkin é claro, simples, fácil de compreender, atrativo; é um poeta para a maioria. Maia-covski é o chefe de uma escola reduzida, poeta para uns poucos, difícil de compreender. Daí seu fracasso ao tentar alargar o círculo de seus leitores*<sup>8</sup>.

Nada havia de lícito nessa oposição mecânica, dogmática, entre clássicos e modernos, entre Púchkin e Maia-covski. Sobretudo, não se apercebia o enfatuado crítico de que, não encontrar outro opositor para Maia-covski senão Púchkin, já era, de por si, consagrar aquele.

Mas a razão inteira estava com Maia-covski quando, respondendo a tal crítica, teve oportunidade de enquadrar o problema dos clássicos:

*O camarada disse que eu destruí todos os clássicos, sem exceção. Jamais me dediquei a trabalho tão idiota. Disse somente que não há clássicos válidos para todos os tempos. Estudai-os, amaio-os, em relação com a época em que eles trabalharam. Mas que o imenso traseiro de bronze deles não barre o caminho dos jovens poetas que vêm. Não me refiro somente a mim, mas às centenas, aos milhares de poetas que sairão da classe operária. Seria um erro criminoso se a um jovem operário que não sabe ainda ortografia, mas que um dia escreverá vinte vezes melhor que eu, se lhe dissesse: deixe disso, camarada, você não dá para isso, essa tarefa nós a confiamos a Maia-covski. Se sou contra os clássicos, não é para suprimi-los, mas para que sejam estudados, aproveitados no que têm de*

---

8. Ob. cit., pág. 106.

útil à classe operária. Mas não é preciso aceitá-los sem discussão como muitas vezes entre nós<sup>9</sup>.

Quanto à questão da compreensibilidade dos clássicos, de Púchkin em particular, Maiacovski respondia:

*Os clássicos, Púchkin, Tolstói são compreensíveis para as massas.*

*É verdade ou não é verdade?*

*É verdade e não é verdade.*

*Púchkin não foi compreendido inteiramente senão por sua classe, pela sociedade cuja linguagem empregava, com os conceitos e sentimentos da qual operava.*

*Não sabemos se Púchkin foi compreendido pela massa camponesa de seu tempo, pela simples razão de que ela não sabia ler...<sup>10</sup>.*

A acusação de incompreensível, de difícil, de obscuro era o grande argumento lançado contra Maiacovski. O poeta respondeu exaustivamente ao libelo, mais de uma vez. Assim, em 1928, no artigo "Os operários e os camponeses não vos compreendem":

*... Jamais ouvi alguém dizer para se vangloriar:*

*— Como sou inteligente! Não compreendo a aritmética, não compreendo o francês, não compreendo a gramática!*

*Mas o grito de júbilo:*

*— Eu não compreendo os futuristas! ribomba há quinze anos, cai e se eleva de novo, excitado e feliz.*

*À base desse grito, certa gente fazia carreira, enchia os salões, tornavam-se chefes de verdadeiros movimentos.*

*Um simples: "nós não o compreendemos", não é um veredictum.*

*Um veredictum seria: "Nós compreendemos que não passa de uma embrulhada", isto acompanhado de dezenas de exemplos sonoros, recitados de cor e com uma voz melodiosa:*

*Isso não acontece.*

*Há demagogia e uma especulação sobre a incompreensão.*

*Os meios desta demagogia com seu falso cariz de seriedade são diversos.*

---

9. Elsa Triolet, *L'Ecrivain et Le Livre*, pág. 25-26.

10. Elsa Triolet, *Maiacovski*, pág. 32-33.

*Eis alguns deles:*

— *A arte para alguns poucos, o livro para alguns poucos é inútil. É isto verdade ou não é verdade?*

*É verdade e não é verdade.*

.....  
*São a carne e os ossos da arte para as massas.*

*Exemplo — os versos de Khlébnikov. Compreensíveis a princípio somente por sete camaradas futuristas, eletrizaram durante uma dezena de anos a numerosos poetas, e agora a própria Academia os quer enterrar editando-os como um exemplo do verso clássico.*

— *A verdadeira arte soviética, proletária, deve ser compreensível às grandes massas. É verdade ou não?*

*É verdade e não é verdade.*

*É verdade, mas com um corretivo trazido pelo tempo e pela propaganda. A arte não é uma arte para as massas, desde sua nascença, torna-se uma arte para as massas, como resultado duma soma de esforços: da análise crítica de sua validade e de sua utilidade, da difusão organizada pelo aparelho do Partido e do poder no caso em que essa utilidade seja reconhecida, da escolha do justo momento para fazer penetrar o livro nas massas, do ajustamento do problema dum livro com o ponto de maturidade desses problemas nas massas. Quanto mais alta é a qualidade de um livro, mais ele se adianta aos acontecimentos. A compreensão das massas é o resultado de nossa luta e não a camisa na qual nascem os livros de êxito de algum gênio literário.*

*É preciso saber organizar a compreensão de um livro*<sup>11</sup>.

Maiacovski reconhecia que eram obscuros os poemas que escrevera em 1912, mas como a acusação tenaz, sistemática, ainda o perseguisse, declarava em público, a 25 de março de 1930:

*Dá porque, em meus escritos seguintes, a questão da incompreensão se colocou diante de mim mesmo e me esforcei por escrever de modo a ser entendido pelo maior número possível de ouvintes*<sup>12</sup>.

---

11. Elsa Triolet, *Maiacovski*, pág. 30-33.

12. Estenograma da conferência, *apud* Elsa Triolet, in *L'Écrivain et Le Livre*.

Polónski aplicava outro sofisma. Maiacovski seria popular, claro, quando ele mesmo recitava suas produções. Tornar-se-ia impopular, obscuro, entediante, quando apenas lido. Eis o que a má-fé ditava a Polónski:

*Quando declama ante o público o próprio poeta, com sua aparência imponente, sua voz poderosa e sua sedução pessoal, a multidão pode escutar com interesse sua declamação clara e original. Nestes momentos, Maiacovski pode considerar-se, efetivamente, um poeta popular, acessível à compreensão geral. Mas tão pronto fique o leitor ordinário a sós com seus livros, com seus versos quebrados, com sua rima original, com todas as conquistas moderníssimas obtidas no laboratório da palavra, começa a sentir-se presa do tédio: a arte de Maiacovski é difícil de compreender. Isto denota a origem intelectual de sua poesia, predestinada a um círculo reduzido*<sup>13</sup>.

Não bastava o sofisma, a mentira categórica? Então prosseguia Polónski lançando mão da intriga, jogando o poeta popular Demian Biédni contra Maiacovski, quando o certo é que a poética de cada um, estando ambos a serviço da Revolução, pura e simplesmente se diferenciava, sem entrar em choque.

*A Maiacovski — envenenava Polónski — lhe falta precisamente o gênio para superar esta particularidade de sua arte. Quer apaixonadamente ser um poeta popular, quer ocupar o mesmo lugar que Demian Biédni ocupou durante a guerra civil. Mas Maiacovski carece daqueles traços de simplicidade tão abundantes em Biédni. Era isto que Lênin queria precisamente expressar*<sup>14</sup>.

Vê-se claramente: a pitonisa crítica, para turvar as águas, “interpretava” tudo segundo seus desígnios. Com o mesmo displante com que “lia” o pensamento de Lênin, passava a “interpretar” os desejos de Maiacovski. Maiacovski queria ser Demian Biédni! Absurdo. Se alguma coisa Maiacovski quis ser na vida, com todas as suas forças, foi ser, antes de tudo e depois de tudo, ele mesmo, Maiacovski.

E a história vivida aí está hoje para demonstrar, em última instância, quem tinha razão. O “impopular”, o “incompreensível”, o “difícil”, o “entediante” Maiacovski é hoje lido e relido, recitado, declamado, venerado e amado por milhões e milhões de cidadãos soviéticos.

13. Ob. cit., pág. 106.

14. Id., ib., pág. 106.

Ante a desonestidade patente de tal crítica, Maiacovski sabia retrucar:

*Os artigos de Polónski não parecem de um crítico literário, parecem-se mais aos de um redator usurário. É o tipo mais nocivo de todos os redatores. A paixão pelo monopólio de suas teorias cria nele uma indiferença absoluta pelas qualidades ideológicas e artísticas da produção literária de outros escritores. Polónski não é um organizador da literatura, é um revendedor... Sua atitude de comerciante imprime marcas a toda sua compreensão da literatura.*

Vorónski, da mesma laia de Polónski, sustentava a teoria de que "no momento, na época transitória, nos basta uma cultura burguesa verdadeira". Era um meio de deformar a tese leninista sobre a assimilação da herança literária clássica e de, partindo daí, negar a necessidade da poesia política.

Maiacovski o vergastava:

*Camaradas, a atitude de Vorónski face aos "escudeiros" (assim se chamava também aos "companheiros de viagem") é uma atitude insultante. Vorónski deverá reconhecer que adota tal atitude só nos momentos em que o escritor abandona as posições idealistas que ele sustenta. Quando li a Vorónski meu poema sobre Lênin, começou a criticá-lo atacando-o por todos os lados. Dizia-me: "Você não nos deu um Lênin novo". Respondi: "o velho Lênin para nós é suficientemente valioso".*

Asséiev assim definiu o dissimulado Averbách: *tinha coração de gato, citações nos lábios, pele de cordeiro e era um gangster da literatura... Juntou um bando de sujeitos que nada tinha a perder; a uns elogiava, a outros assustava... Seu cálculo era simples: em caso de uma mudança de governo seu regimento iria para a direita ou para a esquerda, que já estavam unidas.*

Mas com Maiacovski não era fácil manobrar.

*Ele se levantava — continua Asséiev — como um obstáculo no caminho. Nos últimos tempos vinham saudá-lo como se o fizessem em nome do Partido, convidavam-no fazendo-lhe crer que com eles estava a maioria. Tendo-o de seu lado, talvez a princípio pudessem manejá-lo e, a seguir, seria mais fácil afundá-lo. Assim poderiam dizer: conosco estão todos, conosco está o próprio Maiacovski.*

Tais eram os planos e os cálculos de Averbách e seu bando da VAAP (Associação Pan Russa de Escritores Proletários),

da qual Averbách foi dirigente depois da cisão ocasionada pela decisão partidária de 1925.

Maiacovski não se deixava empedernir no erro, não empacava caturramente nas posições falsas ou ultrapassadas.

Desde 1920, não se considerava mais futurista. Entretanto, em 1923, admite o epíteto de “futurista”, que renascera com a LEF, por considerá-lo ainda uma bandeira para muita gente. A LEF cessaria de existir em 1927.

A VAAP pretendia nada menos que obter para si o monopólio literário, a ditadura das letras soviéticas e se destacava pelo terrorismo crítico indiscriminado, mas, especialmente, dirigido contra os “companheiros de viagem”. A esta expressão davam ilicitamente um caráter pejorativo e com ela brindavam a Maiacovski. Este recusava a diminuição:

*Disse, há três dias, na sessão da Casa da Imprensa: considero-me um poeta proletário e são os poetas proletários da VAAP que são meus companheiros de viagem. Não o digo porque queira dirigir um ataque do campo da LEF a outros campos que aspiram a acumular no domínio literário um pequeno capital político, pois afirmo ao mesmo tempo que os velhos ouropeús da LEF devem ser mudados.*

Se é verdade que, em 1928, chegou a se aproximar da VAAP e, em fevereiro de 1930, dois meses antes de morrer, aderiu à RAAP (Associação Russa dos Escritores Proletários), não menos certo é que Maiacovski teve a visão política exata quando escreveu:

*A adesão a um pequeno grupo literário transforma o escritor num intrigante do seu próprio grupo e não num construtor da vida soviética.*

*Devemos reconhecer que já amadureceu o problema da criação de uma federação de escritores, para abandonar esta associação de comerciantes com títulos e patentes de grupos literários. (1928).*

De fato, a VAAP, a RAAP e similares, haviam degenerado transformando-se em ninhos de intransigentes nocivos ao desenvolvimento da literatura soviética.

Com este último parágrafo, Maiacovski se antecipava à resolução governamental de abril de 1932, pela qual aquelas associações foram dissolvidas, criando-se em seu lugar a União dos Escritores Soviéticos.

## VII — MAIACOVSKI NOS DEBATES PÚBLICOS

CONFERENCISTA E POLEMISTA. APOSTOLADO POÉTICO. RESPOSTAS FULMINANTES E ESMAGADORAS. NA PONTE DE COMANDO. QUANDO NÃO SOUBE RESPONDER.

Maiacovski possuía qualidades excepcionais de conferencista e polemista. Uma voz possante que, numa assembléa numerosa e agitada, com um grito, dominava o tumulto. Recitando era um “megafone vivo”. Podia prender a atenção de um auditório horas inteiras, falando, declamando, respondendo a perguntas e apartes. Elsa Triolet diz que jamais viu ninguém com tamanho domínio de si mesmo diante do público, posto que, tendo conhecido de perto grandes atores, observou neles a transfiguração que sofriam ao entrar e ao sair do palco, com os sinais evidentes da tensão nervosa que lhes custava a exibição. Com Maiacovski não se dava tal coisa. Dominava tanto à platéia quanto a si mesmo e só os versos tinham o poder de fazê-lo entrar emocionalmente em ebulição.

Em suas andanças de rapsodo, Maiacovski se dirigia a um auditório amplamente popular, composto de estudantes, operários, camponeses e soldados, aos quais visitava nos locais próprios.

Para a gente simples do povo seu comportamento era sempre afetuoso e de extrema solicitude, costumando consultar as opiniões sobre as obras que lia ou declamava.

*Recitei versos para os camponeses, no Palácio de Livádia. Recitei no mês passado, nas docas de Baku, na usina Schmidt de Baku, no clube Chaumian, no clube operário de Tiflis, disse versos de pé sobre uma torre de metalurgia na hora do almoço, acompanhado pelo resfolegar expirante das máquinas.*

E, a seguir, para indicar a origem suspeita daqueles seus sistemáticos opositores, que faziam a demagogia da incompreensão, citava uma das numerosas resoluções dos comitês das usinas por onde havia passado:

*No fim da leitura, Maiacovski dirigiu-se aos operários pedindo-lhes que manifestassem suas impressões e seu grau de compreensão, depois do que foi proposto um voto que demonstrou uma compreensão total pois o voto foi pronunciado com unanimidade, exceção feita de uma voz cujo titular declarou que, escutando o autor, compreendera melhor suas obras do que ao lê-las a sós.*

Acontece que a voz discordante era, não a de um operário, mas a do contador da fábrica.

O poema *Maravilhoso!* registra o recital para camponeses, levado a efeito no Palácio de Livádia:

*Onde já se viu isso,  
num palácio... ler?*

*O que?*

*Versos!*

*Para quem?*

*Para mujiques!*

Tratava-se, realmente, de uma novidade. Do novo evangelho poético, Maiacovski se fazia o "décimo terceiro apóstolo".

Muitas anedotas ficaram para ilustrar o repentismo com que Maiacovski retrucava às perguntas ou apartes provocadores.

Certa vez, no momento em que Maiacovski acabava de agradecer ao público um elogio exagerado, fazendo medidas engraçadas, pelo exagero correspondente, alguém intercalou, no silêncio imediato, a pergunta:

— E Moselprom?

Referia-se à agricultura e à indústria socialistas de Moscou, cuja sigla formava a palavra. Era no tempo da NEP e havia as empresas particulares.

Maiacovski, prontamente:

— E o sr. com que indústria está? Com a particular?  
Eu estou com a do Estado.

A estocada pretendia atingir a poesia de propaganda do Estado, feita pelo poeta.

Lila Guerrero conta:

*Recordo-me de uma dessas tertúlias na qual um homem da primeira fila se levantou e com voz guinchante disse:*

*— Alexandre Púchkin morreu e meu pai e eu ainda o vemos, mas quando o sr. morrer ninguém o lembrará mais.*

*O homem era baixo, enxuto, calvo e usava óculos. O estrado que servia de palco era baixo e se achava muito perto da primeira fila.*

*Maiacovski aproximou-se do homem, estendeu o braço e, apontando com a mão como se fosse uma pistola, rugiu troante:*

*— Imbecil! Se tu um dia chegares a ter filhos, coisa de que duvido muito, eles lerão Maiacovski como teu pai leu Púchkin.*

*Uma gargalhada geral sublinhou as palavras do poeta e dali a pouco o homem sumia da sala*<sup>15</sup>.

Para o mesmo tipo de profecia idiota sobre o futuro de sua obra, o poeta soube encontrar várias outras respostas:

— O sr. diz que depois que eu morrer não me lerão. Venha visitar-me daqui a cem anos e tiraremos a prova.

A um que insistia:

— Meus filhos não o lerão!

A réplica foi:

— E como sabe que seus filhos sairão parecidos com o senhor e não com a mãe?

Um gaiato procurava perturbar a reunião rindo-se às gargalhadas e agitando-se deliberadamente na cadeira para distrair os circunstantes. Maiacovski interrompeu o discurso e fulminou:

— Para construir o telégrafo fazem falta postes, cabos e aparelhos telegráficos; para rir-se basta ter cara.

Leo Kassil, amigo e acompanhante de Maiacovski, descreve, com muita fidelidade, um desses espetáculos sensacionais e originalíssimos, misto de conferência, debate e recital, em que o poeta ocupa o centro da cena e aparece num corpo a corpo com seus contendores, audaz, desafiador, genial, capitão invencível na ponte de comando.

Foi no salão do Museu Politécnico de Moscou. Recinto superlotado. Amontoam-se os espectadores uns sobre os outros. Sentam-se pelo chão, nos degraus, nas balaustradas. Casa à cunha. Lá fora, entretanto, uma multidão igual reclama entrada. Maiacovski chega. A muito custo consegue entrar, não sem antes distribuir à porta todos os bilhetes que lhe restam. Já nos bastidores, o poeta ouve os gritos: “Maiacovski! Por favor! Deixe-nos entrar!” Diz a Kassil que vá falar com o administrador. São “komsomols”, membros de círculos de estudos poéticos. O poeta lhes prometera ingressos. “Vá — diz a Kassil — peça ao administrador que deixe entrar cinco... talvez oito... quem sabe dez. Bate no peito, arranca os cabelos, o coração e jura que esses são os últimos. Ele acreditará. Já acreditou das nove vezes anteriores...”

A audiência dá sinais de impaciência. Ao aparecimento do poeta no palco irrompe uma primeira ovação alegre, estron-

---

15. Lila Guerrero, *Antologia de Maiacovski*, pág. 153-154.

dosa. O poeta vem secundado por amigos e companheiros d'armas. Traz numa das mãos uma pasta, na outra um copo de chá. O palco treme sob seus passos de gigante. Limpa a mesa. Coloca sobre ela os livros em ordem. Poemas. Papel. O relógio. A colher tilinta no copo. Está como que em casa. O público o observa. Por fim, metendo os dedos atrás do cinto, assumindo uma atitude quase esportiva, começa:

*Esta noite, eu... (e anuncia o programa)... depois da conferência haverá um intervalo para meu descanso e para o público manifestar sua satisfação.*

— Mas quando lerá seus poemas? — pergunta uma jovem.

— Ah! você quer começar logo pelo melhor, hein? — retruca Maiacovski, imitando-lhe a voz afetada.

Um primeiro frouxo de riso percorre a assistência. Começa a conferência.

*Na realidade, não é uma conferência. É uma brilhante discussão, um relato convincente, um monólogo tempestuoso, um ardente discurso. Cheio das mais interessantes informações, fatos, furioso clamor, felicidade, indignação, asserções ousadas, curiosidades, aforismos, paródias, epigramas, pensamentos penetrantes, piadas provocantes, exemplos flagrantes, ataques inflamados e fórmulas agudas. Definições ferinas, mortais, expressões mordazes desabam sobre a cabeça dos cavaleiros da arte filistina, a severa indignação do poeta os esmaga. Maiacovski fala. Estenógrafos escrevem: "Risos e aplausos... riso geral... tempestuosos aplausos".*

Começam a chover os bilhetes com perguntas sobre o palco. Os ofendidos gritam. Outros os vão. Há troca de insultos. "Comoção no recinto", registra a estenografia. Maiacovski intervém. "Não se agitem, camaradas". E a um manda que se sente. A outro que deixe de ler o jornal ou que se retire. A um terceiro que cale a boca. Sua voz de baixo facilmente cobre o tumulto. Fala-lhes, direto: "Não se agitem. Se comecei a falar, devo ir até o fim. Você veio aqui para me ouvir e não para ler. Se não está interessado, aqui está um níquel pelo seu bilhete, considere-se livre". E era obedecido. Começava então o corpo a corpo das perguntas e respostas.

Um que se faz de desentendido:

— Maiacovski, suas piadas não atingem meu entendimento.

— É que você é uma girafa! — exclama o poeta. “Somente uma girafa pode molhar os pés na segunda-feira e só ficar resfriada no domingo”.

Um jovem mais atrevido, desafia:

— Maiacovski, você nos toma a todos como idiotas, não?

— Bem, bem... — responde Maiacovski — porque a todos? Por enquanto, só vejo um diante de mim.

Alguém declara, ao começar um discurso furioso:

“Maiacovski já é um cadáver e dele ninguém pode esperar poesia”.

O recinto se indigna. O orador, sem se perturbar, prossegue atacando o poeta. A certa altura, Maiacovski encaixa num tom pensativo:

— É estranho... eu sou o cadáver, mas quem fede é ele.

Foi o bastante para liquidar o orador.

Um cidadão gorducho e retaco abre caminho no palco e acusa Maiacovski de gigantomania, advertindo:

— Devo lembrar ao camarada Maiacovski que, conforme diz um velho adágio, já conhecido de Napoleão, do sublime ao ridículo há apenas um passo...

Maiacovski, imediatamente, levantando a perna como um elefante dá um grande passo em direção ao interlocutor e atira-lhe à queima-roupa: — Do sublime ao ridículo apenas um passo!

Um último orador, que insistira muito para falar, ao chegar-lhe a vez, desiste declarando que mudara de idéia e que, afinal, não estava preparado.

Maiacovski toma-lhe a deixa e declara com ar de triunfo:

— Devido ao mau tempo, os exercícios de tiro ficam adiados indefinidamente.

E passa a ler poemas.

*Todo o recinto, opositores e admiradores, aquietam-se num silêncio tenso e atento. Com maestria inigualável Maiacovski recita. Sua famosa voz repercute audaz e sincera, penetrando em todos os interstícios e desvãos do edifício. Os espectadores, mesmo aqueles que já o ouviram muitas e muitas vezes neste mesmo lugar, ouvem-no com a respiração suspensa. Os milicianos e os bombeiros ali de serviço ouvem-no de pé, boquiabertos.*

A audiência chega ao delírio. Bate palmas. Pateia. Pede mais versos. O poeta lê e lê. Em dado momento, um

sujeito barbado, sai acintosamente da sala, fazendo barulho propositadamente. Maiacovski se detém e pergunta ao auditorio:

— Por que vai saindo esse personagem barbado?

Com a barba a cair-lhe pelo peito abaixo, o indivíduo continua sua marcha barulhenta em direção à porta.

Inopinadamente, Maiacovski, num tom de absoluta seriedade, quase como se o desculpasse, diz à sala:

— O cidadão vai fazer a barba!

Uma gargalhada geral do recinto acaba de encabular o barbado.

Responde a seguir às perguntas contidas nos bilhetes.

Um filisteu indaga:

— Maiacovski, quanto você ganhou com o espetáculo desta noite?

— E que tem você a ver com isso? De qualquer modo, você não desembolsou nem um vintém... E passa ao seguinte.

— Maiacovski, qual é o seu verdadeiro nome?

O poeta, assumindo comicamente um ar conspirativo, inclina-se para a platéia:

— Poderei acaso dizê-lo?... Púchkin...

— Pode aparecer um segundo Maiacovski, digamos, no México?

— Unh... porque não... eu posso voltar lá, casar-me... então um segundo Maiacovski pode aparecer.

— Seu último poema é muito longo.

— Bem, faça cortes. E imprima seu nome nos fragmentos.

— Maiacovski, você diz que de tempos em tempos precisa limpar-se de hábitos e tradições pegajosas. Se você precisa limpar-se é porque está sujo.

— E então, você não se lava e pensa que está limpo, hein?

— O que é isto? Ah! uma letra que me é familiar. Eu estava esperando por isto. Enfim, chegou: "Seus poemas não são compreendidos pela massa". Então cá está! Há muito que o esperava para puxar-lhe as orelhas. Disto já estou literalmente farto!

E continuava lendo:

— Eis aqui outro: "Meus camaradas e eu lemos seus poemas e não entendemos nada!..."

— Você precisa arranjar camaradas mais inteligentes.

— Maiacovski, você se considera um poeta proletário, coletivista, e está sempre escrevendo eu, eu, eu...

— Bem, que pensa você? Nicolau II era coletivista? Ele sempre escrevia nós. Nós, Nicolau II...

O auditório aplaudia, ria, gargalhava, delirava e o poeta prosseguia nessa luta, incansavelmente, até o fim.

Terminado o espetáculo daquela noite, o poeta confiava a Kassil, ao saírem juntos do Museu Politécnico:...

*Isto cansa. Estou exausto. Mal me agüento em pé. Mas é interessante. Gosto disto. Gosto de falar... e o público — não importa a idade, todos acorrem, me respeitam, eles sabem, uns demônios! Aquele estudante de escola noturna que estava no balcão... que visão surpreendente, verdadeira! É um prazer. Bela rapaziada...*

*Dei uma boa lambada naquele barbado, hein?*

Desses e dos outros muitos entreveros foi feita toda a carreira de Maiacovski. Chega-se a contar, num período de três anos, duzentas reuniões organizadas pelo poeta, com uma média de 60 000 ouvintes por ano.

Conta-se que, uma única vez, Maiacovski não soube o que responder a um aparteante.

Num de seus recitais, os últimos versos declamados diziam:

*Com Lênin em nossas cabeças  
E com um fuzil em nossas mãos...*

Então, no meio da massa que o ouvia, um soldado gritou: — E com tua poesia em nossos corações, Camarada Maiacovski!

Maiacovski, sempre instantâneo nas réplicas, dessa vez titudeou, emocionado. Afinal, conseguiu articular apenas: — Muito obrigado, camarada.

## VIII — O PEDESTAL MINADO

O DESGASTE. AS CAUSAS DE SUA RUINA. A LUTA CONTRA A IDÉIA DO SUICÍDIO.

Vivendo intensamente, como viveu, numa época extraordinariamente movediça, crispada de contradições, fértil em acontecimentos dramáticos, que abalaram o mundo e o transformaram, Maiacovski sofreria um rápido e doloroso desgaste.

A envergadura do gigante ocultava, aos olhos dos próprios amigos, a criança grande, o simples homem, afetivo, dorido,

hipersensível. Vivia apaixonado e só apaixonadamente participava de tudo, com todo o corpo e, generosamente, com todo o coração. Não tinha a garra felina apta para os jogos da malícia miúda ou pronta para as escaladas furtivas da ambição. Maiacovski agia como um leão, nobre, de frente. Por isso, as intrigas e a maledicência que, freqüentemente, lhe mordiam os calcanhares, tanto mal lhe faziam.

*Escutai, leitores,  
quando lerdos  
que de Churchill  
Maiacovski  
se fez amigo qual de um porco  
ou que me casei  
com a tia de Coolidge  
tende a bondade  
de não acreditar.*

*(Adeus, Paris, 1925)*

Quando lhe faltava amor, apoio, era como se a terra lhe fugisse debaixo dos pés. Sustentava-se porém à custa de sua sólida construção orgânica, de boa têmpera, e da convicção política, humanista. De tal modo que a violência com que, tantas vezes, reagia não era senão o lado avesso de uma ternura sempre a pique de derreter-se, na iminência de cair-lhe dos lábios, escorrer-lhe da pena, insinuando-se a trechos na prosa ou penetrando nas frestas dos versos:

*Mas para mim  
as pessoas  
mesmo aquelas que me ofenderam  
são para mim o mais próximo  
o que mais quero.*

*(A Nuvem de Calças)*

Parecia justificar a indulgência de Marx para com Heine, segundo a qual “os poetas são criaturas originais... é preciso deixá-los seguir seu caminho próprio... e não se lhes deve aplicar a mesma medida que às pessoas comuns”. No entanto, Maiacovski jamais advogou a irresponsabilidade da missão poética, ou o absenteísmo diante das agruras da luta. Ao contrá-

rio, sempre quis elevar a poesia a uma função útil, pondo-a a serviço dos mais cálidos ideais da humanidade, e, nesse sentido, foi um militante do princípio ao fim.

*Eu sinto que sou  
uma usina soviética  
de fabricar felicidade*

Asséiev reconheceu mais tarde que a essa “fábrica soviética”, os amigos, os cidadãos deviam ter dedicado maiores cuidados.

Por ser grande, atlético, por ter vencido tantas batalhas, supunham-no talvez invulnerável. Entretanto, o pedestal do poeta estava minado. Acumulavam-se as causas de sua ruína. Além das peculiaridades de seu temperamento dramático, desmedido, em que alternavam as altas tensões e as depressões profundas, havia a trabalhadeira infernal, esgotadora, a que se propunha, a vida dura, desconfortável, ainda não vencida, os fracassos amorosos repetidos, e as doenças que chegavam, reumatismos, neurastenia, afecções gripais, como resultado de tantos anos de atrito constante a que se votara.

*Hoje cheguei aqui inteiramente enfermo; algo se passa em minha garganta, não sei o que é, mas possivelmente me impedirá de ler meus versos por muito tempo* — revelava, em confidência, poucas semanas antes de morrer.

E para Maiacovski era insuportável a idéia de ver-se paralisado pela doença.

*Espero  
tenho fé  
que jamais  
jamais passarei pela vergonha  
de me acomodar.*

Em determinados momentos, Maiacovski, sentindo-se acusado, parecia perder a perspectiva. As tricas e futricas atordoavam-no, fechavam-lhe os horizontes, a ponto de esquecer o amor que já lhe dedicava o povo soviético. Mas era apenas um momento. Logo reagia, lutava desesperadamente, contra a quebra de ânimo que essas mesquinhas lhe provocavam:

*Meu pai é um cavalheiro de velha cepa.  
 A pele de minhas mãos é fina.  
 É possível que eu belisque a poesia  
 até o fim de meus dias  
 sem que me torne torneiro.  
 Mas por meu hálito e minha voz  
 por minhas palpitações  
 por cada ponto de meus cabelos eriçados de horror  
 pelos buracos de minhas narinas e pelas fendas de*

*[meus olhos*

*pelo fulvo ranger das ferragens de meus dentes  
 pelas crispções de minha pele,  
 pela cólera de meus sobrecechos carregados  
 pelo trilhão de meus poros  
 numa palavra, por todos os meus poros  
 no outono como no inverno  
 na primavera como no verão  
 durante o dia, ou durante o sono  
 oponho-me a isso, a isso odeio com todo meu ódio  
 esse passado de escravos enterrado em nós  
 esse enxame de mesquinhas que se deposita  
 e continua a se depositar em nós,  
 ainda hoje, sob o regime da bandeira vermelha!*

Em contraste com a imensa vontade de viver que transparece em todos os seus gestos, havia em Maiacovski, como doença, a idéia obsessiva do suicídio. Aparece desde cedo e reaparece periodicamente confessada nos poemas. Doença romântica dos nervos, solução pequeno-burguesa de fuga, confessá-la seria um meio de livrar-se dela ou de, pelo menos, aliviar sua pressão. Os insucessos da vida prática agregavam-na, os infortúnios pessoais, o desamparo afetivo, a solidão, aguçavam-na; a convicção política, a esperança e o humanismo do revolucionário consciente repeliam-na violentamente. Era a contradição instalada no âmago da alma do poeta. Maiacovski nunca haveria de justificá-la, nem sequer no último momento. Procura isolá-la, restringi-la aos casos pessoais, o seu inclusive, para que não proliferem os exemplos. Quantas vezes deixou escapar a confissão trágica? No entanto, ninguém parecia acreditar na fraqueza do gigante, nos sentidos queixumes do poderoso poeta político, do fervoroso cantor da vida nova.

Na *Flauta Vertebrada*, em 1916:

*Penso muito amiúde  
talvez fosse melhor  
dar à minha vida  
o ponto final de um balaço.*

Em *Lilita!*, que é da mesma época:

*E não me arrojarei no abismo  
e não tomarei veneno  
e não poderei apertar nas têmporas o gatilho.*

Em *O Homem*, de 1917:

*E o coração salta em direção à bala  
e a garganta sonha com a navalha.*

.....  
*Boticário  
faz com que  
minha alma  
sem dor  
seja conduzida pelo espaço.*

*Que me mostra ele?  
Um crânio,  
"Veneno".  
Dois ossos postos em cruz.  
Para quem é isso?  
Eu sou imortal,  
eu, teu hóspede incrível.*

No belíssimo poema *A propósito disto* (1923), Maiakovski se imagina transformado em urso por um desespero de amor, sendo levado à deriva pelas águas do Neva, sobre um monte de gelo. E, por uma curiosa concepção de ubiquidade poética, é ainda o poeta que se contempla do alto da ponte, vendo-se carregado pelas águas:

*Vladimir!  
Pára!  
Fica!  
Por que me poupei então?*

*Por que não me abater?  
não fender o coração num salto  
contra as pilastras?*

E noutro passo do mesmo poema:

*Pronta a viagem:  
nada mais  
que estender a mão  
e a bala impaciente  
no outro lado  
traçará sua rota sibilante.  
Mas que fazer lá  
se, com todas as forças de meu coração,  
nesta vida  
neste mundo  
tive  
e tenho fé.*

*A Sergio Essênin é um poema cheio de compreensão para o finado, mas de crítica aos escribas que se aproveitavam daquela morte para disseminar hábitos e idéias decadentes entre a juventude. Essênin se enforcara (1925) num quarto de hotel, tendo antes aberto as veias do pulso, para rabiscar com o próprio sangue os últimos versos, que assim terminavam:*

*Nesta vida não é novidade morrer,  
Mas também não é novidade viver.  
Maiacovski comentou e parafraseou:  
Não revelarão  
a causa desta perda  
nem a corda,  
nem o punhal suicida.  
Talvez  
se houvesse tinta no "Hotel Inglaterra"  
tu não tivesses razões  
para cortar as veias.  
Os imitadores se alegraram:*

— Bis!

*Contra ele  
quase um pelotão inteiro*

*parecia ter realizado o atentado.*  
*Para que aumentar*  
*o número de suicidas?*  
*É melhor aumentar*  
*a quantidade de tinta.*

.....  
*Nesta vida*  
*morrer é fácil.*  
*Construir a vida,*  
*é muito mais difícil.*

Foram, pois, a convicção política arraigada, o sentimento missionário da poesia, o ardor combativo do revolucionário que deram forças a Maiacovski para resistir tanto tempo à usura de uma época tempestuosa e dos perigos de um temperamento vertiginoso. Sem aqueles esteios, cedo teria sucumbido. Em consciência, o poeta travou uma luta contra si mesmo, contra os extremos de sua própria sensibilidade, de par com a batalha contra o que lhe era hostil no ambiente. E consegue inúmeras vitórias. Melhora cada vez mais suas idéias, aperfeiçoa-se constantemente como poeta e como cidadão. Contudo não é uma ascensão em linha reta. Há altos e baixos. Crises. E, numa dessas, aconteceria o irremediável. Mas não antecipemos.

## IX — O JUBILEU DO POETA

A ÚLTIMA VEZ QUE FALOU EM PÚBLICO. VINTE ANOS DE TRABALHO LITERÁRIO. TRECHOS DO ESTENOGRAMA. PARA QUE TRABALHAVA. PORQUE ORGANIZOU A EXPOSIÇÃO. COMO REAGIA A MALEDICÊNCIAS E INJUSTIÇAS. BILHETES SOBRE O TABLADO. PEDIA ENCARGOS E TAREFAS.

Maiacovski teve ocasião de manifestar-se em público, inúmeras vezes, sobre todos os assuntos e problemas que o preocupavam. Da última vez, fê-lo com extrema clareza, ficando de suas palavras um extenso estenograma, que constitui um dos mais importantes documentos da época e da vida do poeta.

Foi a 25 de março de 1930, vinte dias antes de morrer, numa sessão organizada em sua homenagem pela *Komsomól'skaia Pravda* (*Pravda* das Juventudes Comunistas), órgão em que o poeta colaborava amiúde e que habitualmente o apoiava.

A reunião celebrava o jubileu do poeta, que organizara uma exposição para demonstrar o que fizera em vinte anos de trabalho literário e artístico. A mostra reunia as edições de seus livros, os cartazes do tempo da *Rosta* e os de propaganda da indústria do Estado, milhares de papeletas recebidas e respondidas durante os debates públicos, etc. Maiacovski conseguira montar a exposição, mas a sabotagem de seus inimigos impedira a publicação de um catálogo e reduzira as notícias publicitárias ao mínimo. Com isso, tornara-se diminuta a frequência e a exposição beirava o fracasso. Daí a importância daquela homenagem dos jovens. Grato, o poeta abria com eles o coração.

Reproduzimos a seguir, sem comentários, alguns trechos do estenograma, que bem retratam, não só o caráter franco, despejado e combativo do poeta, suas opiniões tantas vezes justas e antecipadoras, como também o clima em que se processavam as conferências literárias daquela época na URSS.

*...Se trabalhei toda minha vida — dizia Maiacovski — não foi para conseguir fabricar estas encantadoras bagatelas que acariciam o ouvido, mas não sei bem como fiz para sempre causar aborrecimentos a todo mundo. Atacar, ridicularizar o que não me parece justo, aquilo contra que é preciso lutar, é a base mesma de meu trabalho. E vinte anos para mim, isso quer dizer simplesmente vinte anos de brigas literárias, não no sentido direto da palavra, mas no melhor sentido. A cada instante era preciso defender tal ou qual posição literária, lutar por essa posição e lutar contra o obscurantismo que ainda se encontra em nossa República de treze anos.*

*Organizei esta exposição porque, devido ao meu caráter brigão, me têm sido atribuídas tantas faltas graves, acusam-me de tantos pecados verdadeiros e falsos, que, às vezes, sinto vontade de partir não sei para onde, por um ou dois anos, contanto que não ouça esse vozerio e essas injúrias! Mas, no dia seguinte, pego novamente o touro pelos chifres, abandono o pessimismo, arregaço as mangas e ponho-me outra vez a brigar, reivindicando meu direito a existir como escritor da revolução, para a revolução e de não ficar à margem.*

*Esta exposição exige grandes e sérios comentários. Os camaradas de minha brigada tentam demonstrar a importância da exposição e por isso lhes sou muito grato, pois acho que isso é justo. Acontece que li hoje mesmo num jornal ou numa*

revista, acho que foi na A Arte Operária, que em Leningrado se celebrou o quadragésimo quinto aniversário do maquilador do Grande Teatro. Foi o presidente de A Arte Operária em pessoa que tomou a palavra para festejar o maquilador, pelos seus quarenta e cinco anos de atividade útil em matéria de bigodes e barbas postiças, e o presidente de A Arte Operária, sublinhando a utilidade dessa atividade, anunciou que seria ela valorizada com a publicação de uma brochura. Enquanto que eu não pude conseguir que se publicasse um catálogo de minha exposição. A cada instante, sou obrigado a provar que a atividade do poeta, que o trabalho do poeta é um trabalho necessário na nossa União Soviética. . .

Passava então a responder aos costumeiros bilhetes que eram atirados sobre o tablado:

*Camaradas, vocês me enviaram muitos bilhetes, mas as perguntas são pouco numerosas, elas se repetem. Diversos me pedem para ler tal ou qual poema. Uma parte das perguntas é desta ordem: por que, por exemplo, emprega palavras? Um dos camaradas diz que as palavras que não emprego na conversação, uso-as nos meus versos, e que não é com essas palavras que se construirá o socialismo. É ingenuidade pensar que se construa o que quer que seja sobre palavras. Esse camarada tem razão quando diz que não há palavras sobre as quais se possa construir o socialismo. E não é para isso que nos servimos delas. Mas gosto muito quando o poeta, estando de olhos fechados para tudo o que se passa em torno dele, arrulha docemente, que se lhe esfregue bruscamente, como a um cachorriño, o nariz na vida. Isso não passa de um expediente poético.*

*Uma voz na sala. — Camarada Maiaovski, por que esteve preso?*

*M. — Porque pertencia ao Partido, já faz muito tempo isso.*

*A voz. — É do Partido agora?*

*M. — Não, sou um sem partido.*

*Uma voz. — Você está errado.*

*M. — Acho que tenho razão.*

*Uma voz. — Por que?*

*M. — Porque adquirir muitos hábitos que não são conciliáveis com um trabalho organizado. Talvez isso não passe de um preconceito estúpido. . . Mas tenho travado uma luta tão selvagem, se encarnicaram tanto contra mim. . . Hoje, aqui, vós me chamastes de vosso poeta e, há nove anos passados,*

todas as editoras recusaram-se a imprimir minha peça "Mistério Bufo" e o diretor da Edições do Estado me disse: "Sinto-me orgulhoso de que se recuse a imprimir semelhante bobagem. Tais porcarias precisam ser varridas das edições com uma vassoura de ferro". À guisa de trabalho organizado, eu fazia escândalos, anarquicamente, porque sentia que essa linha literária é a que se confundirá um dia com a linha da literatura proletária. A princípio haveria a linha intelectual, depois, pouco a pouco, a linha proletária. Havia em relação a mim uma tal marcação, por que diabo queriam me forçar a me ocupar do que não me competia? Os hábitos adquiridos nos anos anteriores à revolução são tenazes. Mas eu não me separo do Partido, considero-me obrigado a seguir todas as palavras de ordem do Partido bolchevique, se bem que eu não seja portador de uma carteira do Partido. Penso que podem me dizer: "Maiacovski tu irás ali, tu irás lá..."

Uma voz. — A encomenda social.

M. — Encontro num dos bilhetes: "Pelos interesses da revolução proletária, teria escrito iambos?" (Iambo: medida do verbo russo). Direi que sim. Alguém disse aí: a encomenda social. É justo que me dêem ordens. Quero que me dêem ordens! (aplausos). Isso é o que há de mais difícil e de mais grave para um homem. Se hoje não estou dentro das fileiras do Partido, não perco a esperança de me confundir com elas.

Uma voz. — Maiacovski, qual é a sua biografia?

M. — Tenho trinta e cinco anos, moro num quarto, não possuo bens imóveis, jamais pratiquei o comércio, jamais explorei ninguém, enquanto que a mim me exploraram o quanto puderam! (Risos).

Uma voz. — Não é uma frase muito presunçosa quando você diz que pode ser o poeta das massas operárias porque tem mais talento que os outros, porque você é mais fácil de compreender?

M. — Jamais coloquei a questão tão estupidamente. Quero ser compreendido por vocês e compreendê-los e, quanto ao resto, que digam de mim todo mal que queiram! Jubileu de Maiacovski. Não é um jubileu! A Exposição é um relatório sobre uma atividade de vinte anos. Organizei-a para mostrar o que fiz.

Uma voz. — Por que faz viagens ao estrangeiro?

M. — Para fazer lá a mesma coisa que aqui. \ Recito versos, falo nas reuniões sobre o Partido Comunista.

Num dos bilhetes pedem-me para fazer um improviso sobre o Papa! Isso eu não sei fazer!

Agora, algumas palavras em resposta aos camaradas que usaram da palavra. Antes de tudo, quero responder ao camarada que mencionou a pequeno número de visitantes da Exposição. Acho que o que ele disse não é justo. Para que haja mais visitantes é preciso prestar mais atenção à publicidade da Exposição. A Komsomólskaia Pravda, é verdade que em letrinhas miúdas, mas ainda assim mencionou o Jubileu, mas não achou útil falar da Exposição. Se se tratasse de uma sessão para Kogan (Presidente da Academia de Belas-Artes e crítico com o qual Maiacovski vivia em permanente contenda) ou se Kogan fizesse uma conferência, falaria disso com toda a certeza. Se os que estão presentes acham interessante o que ouvem, di-lo-ão a centenas e a milhares de outras pessoas e o objetivo de agitação em torno da Exposição será atingido. E esse resultado me satisfará plenamente. O auditório hoje mostrou-me que devo melhorar minha qualificação revolucionária, e que o caminho em que estou é o bom. Talvez venha a tornar-me uma marcha triunfal e então no fim haverá a Festa.

É preciso ajudar-me em meu trabalho. Bem. Mais ainda hoje sou obrigado a provar que tenho necessidade de mais espaço para trabalhar e tentei prová-lo muito a sério e outros três camaradas tentaram também provar que não posso trabalhar numa peça tão pequena. No ano treze da Revolução tenho a impressão de que é preciso ainda ajudar-me no meu trabalho. A Exposição não é um jubileu sobre meu trabalho. Quero que me ajudem, e não que se fale, exagerando, dos meus méritos inexistentes.

Eis do que se trata, camaradas, e não da grandeza de alguns méritos. Hoje não se ouviu aqui senão uma voz crítica. Estou certo de que o auditório teria outros reparos críticos a fazer. Talvez não tenham querido estragar esta sessão solene derramando uma colher de alcatrão no mel das relações amáveis. Não sou contra a autocrítica. Mas trata-se de não mentir. O camarada disse que eu destruía todos os clássicos, sem exceção. Jamais me dediquei a um trabalho tão idiota. . .

É o bastante. Aí está Maiacovski de corpo inteiro, o coração grande, aberto. Nada a acrescentar a esse flagrante vivo

de seu constante apostolado poético e humano. Confronto patético do poeta com os seus leitores e amigos mais jovens, cujo zelo vigilante tantas vezes raiava pela impiedade. Assinale-se, contudo, que Maiacovski exigia aos brados, comovido, o que outros, terminante ou disfarçadamente, quase sempre recusam. Queria um posto de combate, queria a poesia, que era sua própria vida, respeitada como um trabalho útil, sério, como uma arma a serviço da república. Disse-o também em versos:

*Quero*

*que em debates sue o governo  
dando-me encomendas para todo um ano*

De fato, algumas vezes deram-lhe encargos oficiais. Um deles, o derradeiro, foi o convite para que recitasse, a 21 de janeiro de 1930, data aniversária do falecimento de Lênin, o poema que a Ilitch dedicara.

## X — A MORTE DO POETA

A CARTA DE DESPEDIDA. O ENTERRO. O MUSEU MAIACOVSKI.

Maiacovski conheceu a prisão, a luta, a guerra. Foi justamente chamado o “coração turbulento” da revolução. Sofreu a guerra civil, a fome, a peste, o frio, o desconforto, todas as enormes dificuldades do período da NEP. Viveu todos esses anos, que valeram séculos, na trabalhadeira infernal a que, voluntariamente, se propusera. Corria o primeiro ano do primeiro plano quinquenal quando morreu. Não se vislumbrava ainda uma época de relativo repouso. A construção do país exigia o emprego de “ritmos intensos”.

Maiacovski tombou no fragor dessa luta. Fraquejou um momento e, com um velho revólver de uma única bala, varou o coração na noite de 14 de abril de 1930.

*Eu sei — escreveu o seu amigo Asséiev — que ao apontar a pistola no coração, ao levantar o cano do revólver de cem toneladas, não foste tu quem apertou o gatilho. Foi outra mão que empurrou a tua.*

Estava escrevendo um grande poema dedicado ao primeiro plano quinquenal. Da introdução, intitulada "A Plena Voz", ficaram várias versões. Um dos fragmentos dizia:

*Daqui a pouco, duas horas . . .  
Estás deitada talvez.  
Dentro da noite  
qual um Oka<sup>16</sup> de prata  
flui a via-láctea.  
Tenho muito tempo  
e os clarões dos telegramas  
não virão mais  
te despertar  
te atormentar.  
Como se diz, está encerrado o incidente.  
O barco do amor  
quebrou-se contra a vida quotidiana.  
Estamos quites  
contigo.  
Inútil passar em revista  
as dores,  
as desgraças,  
e os erros recíprocos.  
Vê,  
que paz sobre o universo,  
a noite impôs ao céu  
uma servidão  
de tantas e quantas estrelas.  
É a hora  
em que a gente se levanta  
e em que se fala  
aos séculos,  
à história,  
ao universo . . .*

Na carta de despedida, datada de 12 de abril, reencontrar-se-ia parte do poema, tanto era uma coisa só a vida e a arte do poeta:

*A todos! . . . Eu morro, não culpeis disso a ninguém. E nada de falatórios. O defunto tinha horror a isso.*

16. Rio da Rússia, afluente do Volga.

*Mamãe, minhas irmãs, meus camaradas, perdoem-me, isto não é um meio (não o aconselho a ninguém), mas para mim não há outra saída.*

*Lili, ama-me.*

*Camarada Governo, minha família é Lili Brik, mamãe, minhas irmãs e Verônica Vitoldovna Polónskaia: Se tu lhes tornas a vida possível, obrigado.*

*Os poemas começados, dai-os aos Brik. Neles se reencontrarão.*

*Como se diz*

*"O incidente está encerrado"*

*O barco do amor*

*quebrou-se contra a vida quotidiana*

*Estou quite com a vida.*

*Inútil passar em revista*

*as dores*

*as desgraças*

*e os erros recíprocos.*

*Sede felizes!*

V. M.

A morte de Maiacovski comoveu profundamente o povo soviético. Não se previra a avalanche popular que viria desfilar durante três dias diante de seu ataúde. Guardas de honra velavam-lhe o corpo. Homens e mulheres, velhos e crianças, todas as profissões, operários, escritores, políticos, engenheiros, artistas, militares, toda Moscou lhe veio trazer seu adeus. A sala onde se armou a essa era pequena para conter a multidão e o acompanhamento do féretro foi "uma espécie de enorme peregrinação caótica". O Exército Vermelho trouxe a salva de seus canhões. Lila Brik, o mais intenso e constante amor do poeta, veio de Londres de avião, apressadamente, para assistir aos funerais. Jornais e revistas tarjavam de luto suas primeiras páginas. Provava-se ali, inesperadamente, o entranhado amor do povo ao seu poeta máximo. Pudesse ele ver e, paradoxalmente, sentir-se-ia alegre, compensado. Mas, na verdade, não era a primeira nem seria a última prova, nem a derradeira homenagem.

Desde então, se tem esclarecido e engrandecido a significação da vida e da obra de Maiacovski. Na seqüência das

lutas, nos sucessos ou nos insucessos da vida em construção, na alegria da vitória ou na amargura da derrota, os leitores soviéticos têm encontrado em Maiacovski um companheiro e em seus versos, em seus livros, em suas peças de teatro, as palavras necessárias e justas. Sua carta de adeus transformou-se em letra de canção popular. Durante a guerra patriótica contra a invasão nazista, Maiacovski esteve junto do coração dos soldados. Sob forma de livro, foi encontrado muitas vezes nos campos de batalha, trespassado de balas, ao lado dos camaradas mortos ou feridos.

Cultuando a memória de seu poeta, o povo de Moscou fez do prédio e do pequeno apartamento em que ele morou, na galeria Lubianski, o Museu Maiacovski. O prédio sofreu reforma. Desapareceu a divisão dos andares em pequenos apartamentos. Só o de Maiacovski foi poupado. Elsa Triolet foi visitá-lo e conta:

*Na Moscou de 1945, fui rever a casa em que habitou Maiacovski; tão pequena que ele suplicava que se lhe desse um pouco mais de espaço para trabalhar... O que não era fácil numa Moscou superlotada.*

*Uma casinha assobradada, pintada a cal, branca. Acha-se numa rua estreita... O jardim... A pequena escadaria... Todavia se não reconheço mais o interior da casa, não é por causa da desordem, ao contrário, é por esta ordem, este brilho, este silêncio de museu entre as quatro paredes despidas dos compartimentos, do vão da escada... Em baixo, algumas mesas, a biblioteca prolongada em grande sala de leitura, construída em seguimento da casa. O apartamento que era de Maiacovski, no primeiro andar, está como que suspenso no ar e muito desconcertado por não se achar mais rodeado pelo patamar da escada, pelo apartamento de frente, pelo de baixo, por se achar inteiramente só, sem vizinhos...*

*Entro, entro como todo o mundo, pois que agora é um lugar público. O pequeno vestíbulo, o refeitório, à direita... A mesa ao centro, o aparador com seu vasilhame azul-rei, com florões sobre o fundo branco, a grande chaleira... Os bancos recobertos de tecido listado de branco e vermelho... À esquerda o quarto de Maiacovski, inteiramente atravancado por um birô, um pequeno divã, um armário estreito, gênero Inovação. Há objetos sobre o birô, lápis, papéis... E tudo isto se*

assemelha ao apartamento que conheci outrora, como um cadáver se assemelha ao ser vivo que foi. O vestíbulo, as duas outras pequenas peças, a minúscula cozinha e o banheiro foram esvaziados de tudo que tinham antes de se transformarem em museu: bustos de Maiacovski, fotos, maquete do quarto em que ele se matou. . . Parece que o apartamento será reconstituído tal como era quando vivia Maiacovski, quando sua mulher, seus parentes, que o habitavam com ele, estiverem mortos e enterrados. . . Enquanto isso, os móveis se encontram em algum lugar no campo, empilhados. É verdade que, o museu tendo sido evacuado durante a guerra, fizeram-se desenhos e planos duma exatidão perfeita, do que o apartamento fora outrora. Até as gravatas de Maiacovski foram desenhadas em tamanho natural, em cores, tais como se as pode ver agora no armário de seu quarto. Todos esses objetos, piedosamente conservados e que não pertencem mais a um homem que os teria usado e atirado fora, uma gravata listrada transformada num elemento de história e que um dia servirá para estudar-se a maneira pela qual se vestiam as gentes de nosso tempo, um documento que não se vai gastar pelo uso, mas tornar-se em pó como acontece com os velhos tecidos. . . Penso na bela vivenda de Dürer ainda de pé em Nüremberg em ruínas, comparo-a às tão modestas peças do apartamento de Maiacovski em Moscou, intata. . .

Os documentos, os preciosos cadernos de bolso, os manuscritos estão guardados num cofre-forte duma das peças da modesta casa. Cada pedaço de papel que diga respeito a Maiacovski foi reproduzido com uma minúcia tal que não se pode distinguir as reproduções dos originais, tudo foi perfeitamente imitado, até as saliências do papel, até as manchas e o envelhecimento.

No salão do museu se pode ver uma grande maquete de vila Bagdadi, lugar de nascimento de Maiacovski. Numa vitrina estão expostas as cartas que os soldados escreviam do front para o Museu-Biblioteca de Maiacovski, assim como exemplares dos seus livros de poemas, perfurados por balas, meio queimados. . . Perto da janela, um modelo de tanque, com o nome de Maiacovski. Esse tanque, de tamanho natural, obteve muitas vitórias e voltou da guerra são e salvo. Pensava-se pô-lo no jardim do Museu, à guisa de monumento a Maiacovski. Acho que nada poderia agradar mais a Maiacovski do que um

*semelhante monumento, do que um tanque que defendeu a União Soviética e que tinha o seu nome*<sup>17</sup>.

Em princípios de 1954, foi colocada no jardim do Museu Maiacovski uma nova estátua do poeta, obra do escultor Guram Kordzakia.

Os restos mortais de Maiacovski permaneceram no Crematório de Moscou até princípios de 1952, quando sua família fez transportar a urna de suas cinzas para junto das de sua irmã Olga, no cemitério de Novodiévtchi, que é o *Père-Lachaise* de Moscou.

---

17. *In L'Écrivain et Le Livre*, págs. 27-31.



## ANTOLOGIA POÉTICA DE MAIACOVSKI

### A PROPÓSITO DA TRADUÇÃO

“Traduzir poemas é tarefa difícil, especialmente os meus.

.....  
Uma outra razão da dificuldade da tradução de meus versos vem de que introduzo nos versos a linguagem quotidiana, falada...

Tais versos só são compreensíveis e só têm graça se se sente o sistema geral da língua, e são quase intraduzíveis, como jogos de palavras”.

(Maiacovski, *Aos leitores poloneses*, prefácio a uma antologia, 1927).

“Quanto à rima, abandonei toda esperança de transpô-la para o francês, salvo algumas exceções: é por assim dizer impossível “traduzir” a vertiginosa virtuosidade das rimas de Maiacovski. Peço pois ao leitor que, nesse sentido, ele mesmo me “retifique” e que jamais esqueça que *o original é inteiramente ritmado e rimado*”.

(Elsa Triolet, *Versos e Prosas de Maiacovski*, pág. 11).

“Alguns dirão que em russo talvez seja um grande poeta. Sem dúvida que o é. Mas os que nada encontrarem de admirável nesta versão, tampouco o encontrarão em russo”.

(Lila Guerrero, *Antologia de Maiacovski*, pág. 183).



## ESTRELA

Escutai! Se as estrelas se acendem  
será por que alguém precisa delas?  
Por que alguém as quer lá em cima?  
Será que alguém por elas clama,  
por essas cuspidelas de pérolas?  
Ei-lo aqui, pois, sufocado, ao meio-dia,  
no coração dos turbilhões de poeira;  
ei-lo, pois, que corre para o bom Deus,  
temendo chegar atrasado,  
e que lhe beija chorando  
a mão fibrosa.  
Implora! Precisa absolutamente  
duma estrela lá no alto!  
Jura! Que não poderia mais suportar  
essa tortura de um céu sem estrelas!  
Depois vai-se embora,  
atormentado, mas bancando o gaiato  
e diz a alguém que passa:  
"Muito bem! Assim está melhor agora, não é?  
Não tens mais medo, hein?"

Escutai, pois! Se as estrelas se acendem  
é porque alguém precisa delas.  
É porque, em verdade, é indispensável  
que sobre todos os tetos, cada noite,  
uma única estrela, pelo menos, se alumie.

(1913)

## A BLUSA AMARELA

Do veludo de minha voz  
Umas calças pretas mandarei fazer.  
Farei uma blusa amarela  
De três metros de entardecer.  
E numa Nevski mundial com passo pachola  
Todo dia irei flunar qual D. Juan frajola.

Deixai a terra gritar amolengada de sono:  
"Vais violar as primaveras verdejantes!"  
Rio-me, petulante, e desafio o sol!  
"Gosto de me pavonear pelo asfalto brilhante!"

Talvez seja porque o céu está tão celestial  
E a terra engalanada tornou-se minha amante  
Que lhes ofereço versos alegres como um carnaval  
Agudos e necessários como um estilete pros dentes.

Mulheres que amais minha carcaça gigante  
E tu, que fraternalmente me olhas, donzela.  
Atirai vossos sorrisos ao poeta  
Que, como flores, eu os coserei  
À minha blusa amarela!

(1913)

## A FLAUTA VERTEBRADA

*Dedicado a Lila Brik.*

### PRÓLOGO

A todas vós  
que já fostes ou que sois amadas  
como um ícone guardado  
na gruta da alma  
qual uma copa de vinho  
à mesa de um banquete  
ergo meu crânio repleto de versos.

Freqüentemente me indago:  
talvez fosse melhor  
dar à minha vida  
o ponto final de um balaço.  
Todavia  
hoje  
dou meu concerto de despedida.

Memória!  
Junta na sala do cérebro as fileiras  
das inumeráveis bem-amadas.  
Derrama o riso em todos os olhos!  
Que de passadas núpcias  
a noite se paramente!  
Derrama alegria em todos os corpos!  
Que ninguém possa esquecer esta noite.  
Hoje tocarei a flauta  
de minha própria coluna vertebral.

### I

Meu passo esmaga ruas e verstas.  
Que fazer, com o inferno no peito?  
Que Hoffmann celestial  
te pôde inventar, maldita?

Alegria tempestuosa invade as ruas.  
A festa transborda de gente feliz.

Eu medito.

Os pensamentos, coágulos de sangue,  
enfermos, ardendo,  
porejam de meu crânio.

Eu,

criador de tudo que é festa,  
não tenho com quem ir à festa.

Agora mesmo irei atirar-me  
de cabeça

no empedrado da avenida Nevski.

Eis aí. Acabo de blasfemar.

Por toda parte

andei dizendo que Deus não existe

e Deus, de tórridas profundezas,  
fê-la sair,

aquela diante de quem

a montanha se perturba e treme,

e me ordenou: Ama-a!

Deus ficou contente.

No fundo do abismo

que há sob o céu

um homem atormentado

como um selvagem definha.

Deus esfrega as mãos.

A si mesmo diz:

Hás de ver, Vladímir!

E ainda, ainda lhe ocorre,

para que ninguém possa adivinhar quem és,

a invenção de te dar um verdadeiro marido

e de pôr sobre o piano música humana.

Se, de repente,

assomasse à porta de teu quarto,

faria o sinal da cruz sobre as cobertas, —

eu sei

sentir-se-ia um cheiro de lã chamuscada,

fumaça sulfurosa da carne do diabo.

Em vez disso me vou  
horrorizado  
de que te tenham levado para te amar.  
Entro pela madrugada  
talhando gritos em versos  
ourives já quase louco.  
Ou então: a jogar cartas!  
De vinho  
encher a goela do coração resseco  
de gemer.  
Não me fazes falta!  
Não quero!  
Dá tudo no mesmo.  
Sei  
que me despedaço.

Se é verdade que tu existes,  
Senhor,  
Senhor Deus,  
se és tu que teces o manto das estrelas,  
se este sofrimento  
cada dia maior,  
se este martírio  
por ti me foi enviado,  
Senhor,  
põe-me então as cadeias de condenado.  
Aguarda minha visita.  
Serei pontual.  
Não me atrasarei nem um só dia.  
Escuta,  
Supremo Inquisidor.

Lábios cerrados,  
nem um grito soltará minha boca  
mordida até sangrar.  
Amarra-me a um cometa,  
como à cauda de um cavalo  
e chicoteia!  
Que meu corpo se estraçalhe  
nos dentes das estrelas.  
Ou então: quando minh'alma migratória

franzindo o cenho carrancudo  
estiver diante de teu tribunal,  
atira a Via-Láctea,  
faz dela uma forca  
e dependura-me se quiseres,  
qual um criminoso.  
Faze o que quiseres.  
Preferes me esquartejar?  
Eu mesmo te lavarei as mãos,  
a ti que és justo.  
Mas — ouves? —  
afasta de mim aquela maldita,  
aquela que tu fizeste minha amada!

Meu passo esmaga ruas e verstras.  
Que fazer, com o inferno no peito?  
Que Hoffmann celestial  
te pôde inventar, maldita!

## II

Ao céu enfumaçado  
esquecido de ser azul,  
às nuvens fugidias  
como um bando de maltrapilhos,  
eu os abrasarei  
com meu derradeiro amor,  
ardente como um rubor de um tísico.

De alegria  
suplantarei os gritos das hordas  
que esqueceram a doçura de um lar:  
Homens,  
escutai!  
Saí das trincheiras!  
Mais tarde acabareis a guerra!

Mesmo quando  
bêbados de sangue como Baco  
uma batalha se fere,  
as palavras de amor não murcham.

Alemães, queridos!  
Eu o sei.  
Tendes sobre os lábios  
a Gretchen de Goethe.

O Francês,  
trespassado pela baioneta,  
sorri;  
Com um sorriso nos lábios tomba  
o aviador abatido,  
se se lembra  
do beijo de tua boca,  
Traviata.  
Mas que é para mim  
essa blandície rosada  
mastigada pelos séculos?  
Tombai a outros pés!  
Hoje  
é a ti que canto,  
pintada  
e ruiva.

Talvez  
destes dias terríveis  
como cargas de baionetas,  
quando os séculos  
branquearam as barbas,  
talvez nada mais reste  
senão tu  
e eu  
a te seguir de cidade em cidade.

Ainda que estejas  
do outro lado do mar,  
mesmo que te escondas  
no nicho escuro da noite,  
beijar-te-ei  
através do nevoeiro de Londres  
com os lábios de fogo dos lampiões.

Se no deserto tórrido  
estenderes caravanas,

lá onde os leões estão de guarda,  
pousarei a teus pés  
sob a areia fustigada pelo vento  
o Saara escaldante de meu rosto.

Floresça um sorriso em teus lábios,  
apenas diga teu olhar:  
— Que belo é o toureiro!  
E logo num assomo  
na arena dos ciúmes estarei  
como olhos de touro moribundo.

Se uma ponte passares distraída  
pensando:  
— Que bom deve ser lá em baixo!  
Sou eu  
que sob a ponte corro,  
eu sou o Sena,  
eu te chamo  
mostrando meus dentes estragados.

Se com outros acendes  
o fogo dos galopes  
nos parques de Striéлка ou Sokólniki  
sou eu que, grimpendo o céu,  
no alto te espero,  
lânguida lua nua.

Sou forte.  
Faço-lhes falta.  
Poderiam ordenar-me:  
“Mata-te na guerra”.  
Teu nome  
será o último coágulo de sangue  
em meus lábios rasgados  
pelas balas.

Morrerei coroados?  
Em Santa Helena?  
Das tormentas da vida  
cavalgando as vagas

tanto sou candidato  
ao trono do universo  
quanto a um par de algemas.

Fosse eu czar  
e a imagem de teu rosto  
sobre o ouro solar das minhas moedas  
ordenaria a meu povo: Gravai!

E lá  
onde o mundo na tundra se acaba,  
onde o vento Norte congela os rios,  
gravaria em meus ferros de condenado  
o nome de Lila  
e meus grilhões beijaria  
nas trevas do exílio.

Ouvi pois!  
Vós que esquecestes que o céu é azul  
e que como feras vos eriçais.  
Este é talvez  
o derradeiro amor do mundo  
ardente como o rubor de um tísico.

### III

Esquecerei o ano, o dia, a data.  
Encerrar-me-ei, solitário,  
frente à branca folha de papel.  
Que nasça a magia sobre-humana das palavras  
iluminadas de dor!

Hoje, apenas entrei,  
senti  
a casa estranha.  
Algo ocultavas em teu vestido de seda.  
No ar fluuava um perfume de incenso.  
— Feliz?  
Um frio:  
— Muito!

De angústia rompeu-se-me o dique da razão.  
Ardendo, febril, resisto à desgraça.

Escuta,  
por que esconder o cadáver?  
Faze cair sobre minha cabeça  
a avalanche  
da terrível palavra,  
pois cada um de teus músculos  
como um alto-falante grita:  
Ele está morto, morto, morto!  
Não!  
Responde! Não mintas!  
(Como poderei ir-me embora assim?)  
Teus olhos em tua face escavaram  
as fossas de dois túmulos.  
Fossas profundas. Sem fundo.  
Despenhar-me-ei  
dos altos andaimes dos dias?

Por cima do abismo  
estende-se minh'alma  
tensa como um cabo  
onde me equilibrio,  
malabarista de palavras.

Sei.  
O amor dele te gastou.  
Adivinho-te o tédio por inúmeros sinais.  
Remoça-te em minh'alma!  
Entrega a meu coração  
a festa de teu corpo!  
Sei.  
Todos pagam pela mulher.  
Não importa  
se, por ora,  
em vez do luxo de um vestido parisiense  
visto-te apenas com a fumaça de meu cigarro.

Levarei meu amor  
como um apóstolo d'outrora

através de todos os caminhos.  
Uma coroa te ofertarão os séculos  
e nela minhas palavras compõem  
um arco-íris de frêmitos.  
Assim como os elefantes  
com sua dança de cem toneladas  
festejaram a vitória de Pirro,  
assim a marcha de meu gênio  
ressoará em tua frente.  
É em vão.  
Não te posso arrancar.

Alegra-te,  
alegra-te,  
me venceste, afinal!  
Sinto-me tão mal  
que só quero correr ao canal  
e mergulhar a cabeça nas águas.

Teus lábios...  
Como és grosseira com eles.  
Se os toco, um frio me tolhe  
como se beijasse,  
com lábios hereges,  
a pedra fria da cúpula de um mosteiro.

As portas bateram.  
Entrou ele  
orvalhado pela alegria das ruas.  
Foi como se um gemido  
me tivesse partido  
em dois.  
Gritei-lhe:  
"Bem, já me vou!  
Fica com ela.  
Dá-lhe roupas  
para que suas asas tímidas  
sob a seda se enredem.  
Cuidado, para que não voe!  
Amarra-lhe,  
como uma pedra ao pescoço,  
colares de pérolas!"

Ah! aquela noite!  
Do desespero se apertava o nó.  
Vendo meus risos e prantos  
o rosto de meu quarto  
se torceu de horror.  
Como um espectro diante de mim  
teu semblante se erguia,  
teus olhos iluminavam as alfombras  
como se um novo Bialik\* te sonhasse.  
Ó deslumbrante e hebréia  
rainha de Sião!

Martirizado  
diante daquela a que renunciara  
caí de joelhos.  
O rei Alberto  
que perdeu todas as suas cidades  
comparado comigo  
está coberto de dádivas.

Dourai-vos ao sol, flores e ervas!  
Sede primaveris, elementos da natureza!  
Eu apenas quero um veneno:  
embebedar-me de versos.

Ladra de meu coração,  
tu que tudo me tomaste  
atormentando minh'alma de delírios,  
aceita minha oferenda, querida,  
pois talvez nunca mais eu invente nada.

Tenha colorido de festa a data de hoje.  
Nascei, palavras  
crucificadas de magia.  
Vedes?  
Com palavras como cravos  
estou cravado ao papel.

(1915)

---

\* Bialik, famoso poeta hebreu.

## A NUVEM DE CALÇAS \*

### PRÓLOGO

Vosso pensamento  
sonhado por cérebros amolecidos  
obesos como lacaios  
estirados em divãs sebosos  
vou fustigar  
com os farrapos sangrentos de meu coração  
mordaz e atrevido  
até fartar-me de burla.

Na alma não tenho um só cabelo branco.  
Nenhuma ternura senil em mim.  
Atroando pelo mundo  
com voz potente vou  
garboso  
em meus vinte e dois anos.

Ó delicados!  
Vós que pousais o amor sobre ternos violinos  
ou, grosseiros, que o pousais sobre os metais!  
Vós outros não podeis fazer como eu,  
virar-vos pelo avesso  
e ser todo lábios.

Vinde, aprendei!  
Venha do salão, toda em batista,  
a funcionária solene da liga angelical.  
E aquela  
que confiante  
folheia o livro dos lábios  
como a cozinheira o livro de receitas.

Se quiserdes  
poderei enlouquecer de carne

---

\* Traduzimos apenas o prólogo e a primeira parte deste famoso poema.

ou então —  
como um céu cambiando de tons —  
serei, se quiserdes,  
impecavelmente delicado.  
Não serei um homem.  
Serei  
uma nuvem de calças.

Não creio que no mundo exista  
uma Nice plena de florações!  
De novo tenho que glorificar  
homens cansados como um hospital,  
mulheres tão gastas quanto um refrão.

I

Pensais que é um delírio de malária?  
Isto aconteceu.  
Aconteceu em Odessa.  
“Chegarei às quatro”, disse-me Maria.  
Oito.  
Nove.  
Dez.

E a tarde penetrou  
no horror da noite  
indo-se da janela  
para o frio de dezembro.

As minhas costas, rindo,  
cintilavam os candelabros.

Ninguém me reconheceria agora.  
Este corpanzil,  
massa de nervos crispados,  
geme.  
Quem há de querer um tal corpanzil?  
Nele, no entanto, quantos desejos!

É fácil dizer que pouco importa,  
que temos corpo de bronze  
e o coração feito dum metal gelado.

À noite, desejamos  
abafar os sons metálicos  
no macio da ternura feminina.

Eis-me então  
imenso  
debruçado à janela  
fundindo a vidraça  
sob a frente escaldante.  
Virá o amor ou não?  
Será grande ou pequeno?  
Como há de ser grande  
se seu corpo é tão pequenino?

Talvez lhe baste  
tão só um amorzinho  
desses que se assustam  
com o grito das buzinas  
e preferem o tilintar  
dos guizos das carruagens.

Espero ainda.  
Horas e horas.  
Meu rosto toca  
o rosto bexiguento da chuva.  
Espero ainda  
e o bramido ondulante das ruas  
me faz estremecer.

A meia-noite,  
com uma faca nas mãos,  
me fere, me degola.  
Bravo! As doze horas tombaram,  
como no cadafalso a cabeça de um condenado.  
Nas vidraças  
gotas de chuva se torciam  
num ríctus  
como as quimeras uivantes, noturnas,  
da Notre-Dame de Paris.

Maldita!

Ainda não estás satisfeita?  
Em breve, um grito  
vai destroçar-me a boca.  
Atentamente, escuto:  
como um doente que do leito  
lentamente se ergue,  
um nervo salta.  
Vem e vai  
lento, lento,  
logo se contorce  
vibra e galopa.  
Logo depois já são três  
a dançar infernais  
num sapateio louco.  
Do teto do andar inferior  
caem pedaços de cal.

Os nervos  
grandes  
pequenos  
inumeráveis  
enfurecidos saltam,  
até que, de pernas bambas, tremem.  
E noite a dentro meu quarto é espessa paisagem  
onde meus olhos turvos não encontram passagem.

Súbito, rangeram as portas  
como se todo o hotel fossem mandíbulas  
a rilhar dente sobre dente.

Entraste. Brusca como um desafio.  
E amassando a camurça das luvas  
disseste:

— Sabes? Vou me casar.

— É?

Pois bem, casa-te!

Não faz mal.

Agüentarei o golpe.

Não vês como estou calmo?

Dir-se-ia o pulso de um morto.

Te lembras deste teu lema:

“Jack London, dinheiro, amor, paixão”?  
Desde então foi que vi:  
tu és uma Gioconda  
que é preciso roubar!  
E afinal te roubaram.

De novo, cheio de amor,  
retiro-me do jogo.  
Na curva de minhas pálpebras  
acende-se uma aurora dourada.  
Por que não?  
Numa casa incendiada  
se instalam às vezes  
vagabundos sem teto.  
Pretendes irritar-me?  
Dizes que tenho menos  
esmeraldas de loucura  
do que copeques  
a bolsa de um mendigo?  
Não te esqueças!  
Bastou irritar-se o Vesúvio  
para que Pompéia um dia se perdesse.

Eh! senhores  
amadores de sacrilégios,  
carnificinas e crimes,  
já vistes o mais terrível?  
Meu rosto  
quando estou  
absolutamente tranqüilo.  
*Eu* para mim é pouco.  
Algo se empenha em sair de mim  
como um louco.

Alô!  
Quem fala?  
Mamãe?  
Mãe!  
Teu filho está esplendidamente enfermo.  
Tem um incêndio no coração.  
Dize às manas Ludmila e Olga

que ele já não sabe pra onde ir.  
Que cada palavra  
até a mais leve graça  
que lhe sai da boca ardente  
salta como uma prostituta nua  
fugindo de um bordel em chamas.

As gentes farejam:  
— “Cheira a queimado!”  
Chamaram a quem?  
Brilham capacetes...  
São inúteis essas botas gigantes...  
Dizei aos bombeiros  
que subam ao coração em chamas  
com um par de carícias!  
Eu mesmo  
derramarei de meus olhos  
tonéis de lágrimas.  
Deixai que eu me apóie  
em meu próprio peito.  
Saltarei, saltarei, saltarei!  
É inútil. Tudo desaba.  
Jamais fugirás de teu próprio coração.

No rosto queimado  
pela fenda dos lábios  
um beijo carbonizado  
assoma  
pronto a saltar.

Mãe!  
Não posso mais cantar.  
No templo de meu coração  
o altar está em chamas!  
Palavras e números  
como figuras ardentes  
fogem de meu crânio  
como crianças de uma casa em fogo.  
Era assim que o pavor  
de não poder agarrar-se nas nuvens  
erguia os braços-labaredas do *Lusitânia*.

Ante a tímida gente  
que vive na paz caseira  
ergue-se um halo de incêndio  
de mil olhos.

Ó meu derradeiro grito!  
Dize aos séculos futuros  
pelo menos isto:  
Que eu estou em chamas.

(1915)

## À ESQUERDA!

*Aos marinheiros russos*

Em frente, marche! Basta de falar!  
O tempo dos oradores já passou.  
Hoje tem a palavra  
o Camarada Mauser!  
Não há outra lei senão a da natureza.  
Somente Adão e Eva estão com a verdade.  
Abaixo as leis, abaixo as cadeias!

Fustiguemos a carroça da história.  
À esquerda, à esquerda, à esquerda!  
Em frente, à conquista  
dos Oceanos!  
Tendes canhões em vossos navios de aço.  
Já esqueceste como os fazer falar?  
Que a coroa abra uma goela  
quadrangular,  
que o leão britânico ruja  
que importa?  
A comuna está em marcha  
e manterá a vitória!  
À esquerda, à esquerda, à esquerda!

Aqui é a sombra e a morte, mas lá longe  
do outro lado das montanhas  
o sol se levantou sobre um mundo novo.  
Lá, além das planícies,  
o solo estremece sob os passos inumeráveis  
de homens impávidos e livres.  
Camaradas, nós somos um rochedo de granito.  
Os bandidos da *Entente* se arremessam contra ele.  
Mas nada abaterá a Rússia Soviética.  
À esquerda, à esquerda, à esquerda!  
Eles não puderam furar os olhos atilados da água  
que olha e compreende as lições do passado.

Avante, pois, meu povo, e já que o pegaste  
estrangula teu carrasco!  
A trombeta dos bravos já soou o alarme.  
Nossos estandartes aos milhares avermelham o céu.  
Só a rota dos traidores é que conduz à direita.  
À esquerda, à esquerda, à esquerda!

(1918)

## GUERRA e PAZ \*

### PRÓLOGO

Vós outros tendes sorte.  
A vergonha não cai sobre os mortos.  
Logo cessais  
de odiar os assassinos mortos.  
Julgais  
que o mais puro dos líquidos lava  
o pecado da alma que se evola.

Tendes sorte.  
Mas eu  
como levarei meu amor à vida  
através das fileiras,  
através do estrondo?  
Apenas um passo em falso  
e a migalha do último e pequenino amor  
rolará para sempre num torvelinho de fumo.

Aqueles que regressam  
que lhes importa  
vossas tristezas?  
Que falta lhes faz  
a franja de alguns versos?  
Basta-lhes um par de muletas  
com que renguear pelo resto da vida.  
Tens medo?  
Covarde!  
Te matarão!

E tu,  
tu poderias viver escravo  
cinquenta anos mais.  
Mentira!

---

\* Deste longo poema, traduzimos apenas o prólogo, a dedicatória, trechos da 3.<sup>a</sup> parte e a 5.<sup>a</sup> e última parte.

Sei  
que na lava do ataque  
serei o primeiro  
em audácia,  
em valor.

Ah! que bravo recusaria atender  
ao toque de rebate do futuro?  
Mas na terra  
hoje  
sou o único arauto das verdades em marcha!

Hoje estou exultante!  
Sem desperdiçar nem uma gota,  
despejei minh'alma até o fim.  
Minha voz,  
a única humana,  
entre lamentos e gemidos  
ergue-se à luz do dia.

Depois  
atai-me a um poste,  
fuzilai-me!  
Por causa disso  
haverei de mudar?  
Na frente  
desenharei um alvo  
para que nítido se destaque  
quando apontem.

## DEDICATÓRIA

*A Lila.*

8 de outubro.  
1915.  
Dados do tempo  
que contemplou a cerimônia  
de minha incorporação como soldado.

“Escutai!  
Todos,  
até os inúteis devem viver.  
Não se pode,  
não se pode enterrar os vivos  
na tumba das trincheiras e abrigos.  
Assassinos!”

Não ouvem.  
A um sargento de cem quilos  
fizeram-lhe a barba  
de orelha a orelha.  
Um tiro certo na frente,  
depois vos condecoram  
com a cruz do recruta.

Chegou a minha vez  
de partir para oeste!  
Marcharei e marcharei tanto  
até que teus olhos me chorem  
lendo o anúncio: “As Baixas”  
impresso em letras miúdas.

.....

Salve, Nero!  
Queres ver  
o maior dos espetáculos?  
Hoje  
pelejam

Estados contra Estados  
dezesseis gladiadores escolhidos.  
Como comparar  
as lendárias matanças dos Césares  
com as que agora vemos?  
A mais monstruosa hipóbole  
comparada com esta guerra  
parece delicada como a aurora  
iluminando o rosto de uma criança.

Nero,  
como rodopiará a roda de teu riso  
quando souberes que hoje  
o mundo todo  
é um novo Coliseu  
e que as ondas de todos os mares  
na arena se estenderam  
macias como um veludo.  
As montanhas são tribunas  
e os cumes dentes partidos nos combates.  
Debaixo das catedrais do céu  
esqueletos mais esqueletos  
ardem por sobre as arquibancadas.  
Há incêndios na terra,  
alaridos sangrentos das multidões.  
Como aranha dependurada no céu  
toda a Europa está incendiada.

.....  
E quando entraram na arena os combatentes  
no desfile pomposo e deslumbrante,  
lançados num teatro grandioso  
com o estrondo e troar de tantas tropas,  
o globo terrestre comprimiu os polos  
e esperou contendo a respiração.

.....  
A terra,  
as águas,  
o ar estão trespassados.  
Por toda parte,

por onde passo  
a alma enlouquecida  
estala implorando aos gritos:

“Basta, basta de guerra!

Cessai!

A terra já está nua!”

E, perseguidos, os mortos correm,  
correm ainda um instante  
os corpos sem as cabeças.

.....

Ninguém sabe

se se passaram dias ou anos  
desde que nos campos tombou  
a primeira gota de sangue da guerra  
que desde então goteja  
dia a dia.

.....

Todos os recantos,

pântanos,

carrascais,

caminhos

foram igualmente regados

com sangue humano.

Por toda parte

as botas deixaram marcas

como se pisassem

a massa fumegante do mundo.

Um operário em Rostov

num domingo

quis tirar água para seu samovar

e retrocedeu assombrado.

Em todas as torneiras

corria o mesmo líquido colorido.

No telégrafo

as máquinas Morse se esganiçavam.

As cidades trocavam desaforos.

Parece que foi

na aldeia de Vagankov  
que um coveiro não pode mais.

V

Talvez  
não sobre ao tempo-camaleão  
mais nenhuma cor.  
Ainda um estertor  
e tombará rígido, sem alento.

Talvez,  
bêbada de fumos e combates  
a terra jamais levante a cabeça.

Talvez... Não!  
Não pode ser!  
Mais dia menos dia  
o pantanal dos pensamentos se fará cristal.  
Mais cedo ou mais tarde  
a terra verá a púrpura que esguicha dos corpos.  
Acima dos cabelos eriçados de espanto  
torcerá os braços, gemendo:  
"Meu Deus, que fiz eu!"

Não, não pode ser!  
Peito,  
guarda-te da avalanche do desespero,  
a felicidade futura tateia e apalpa.

Quereis?

De meu olho direito  
tirarei  
todo um bosque em flor!  
Sonhos,  
multiplicai vossos pássaros prodigiosos!  
Cabeça,  
transborda de entusiasmo e orgulho!  
Cérebro meu,  
construtor sábio e alegre,  
põe-te a reconstruir cidades!

Àqueles  
cujos dentes ainda

rangem de cólera,  
venho  
com a aurora de meus olhos luminosos.  
Terra,  
levanta teus milhares de Lázaros  
e endominga-os  
com alvas togas lunares!

Oh! alegria, alegria!  
Através das nuvens de fumaça  
vejo  
a claridade das faces.  
Eis que  
a primeira a abrir o olho moribundo  
é a Galícia,  
que entre as ervas esconde  
o flanco dilacerado.

Jogando fora a carga dos canhões,  
as corcundas aprumando,  
no céu levando os brancos cabelos ensangüentados,  
surgem os Alpes,  
os Balcãs,  
o Cáucaso,  
os Cárpatos.

E por cima deles,  
mais alto ainda,  
dois gigantes.  
Um levanta o corpo dourado e roga:  
"Aproxima-te!"

De meu leito lavrado pelas bombas ergo-me,  
corro, em tua direção.  
É o Reno  
que com lábios úmidos  
lambe a cabeça do Danúbio destroçada pelas minas.

Até as colônias,  
que se escondem atrás das muralhas da China,  
até o areal onde se perde a Pérsia,

cada cidade que uivava  
farejando a morte  
agora se ilumina.

Murmúrios.

A terra toda  
descerra os lábios negros.  
E mais forte  
do que o estampido de um furacão  
ouve-se o grito:  
"Jurai  
que a mais ninguém haveis de ceifar!"  
E eis que, saindo das tumbas,  
os ossos enterrados se cobrem de carne.

Alguma vez, já se viu  
pernas amputadas  
procurarem seus donos  
e cabeças decepadas  
os chamarem pelos nomes?  
Pois eis que um escalpo  
salta sobre um crânio,  
pernas acorrem para um aleijado:  
ei-las lá, sob ele, vivas.

Do fundo dos mares e oceanos  
sobem à tona  
náufragos redivivos, navegando.  
Sol!

Aquece-os com tuas mãos,  
com a língua de teus raios,  
reacende-lhes os olhos!

Rimos-te nas barbas  
tempo velho, enrugado!  
Sãos e salvos volveremos a nossos lares!  
Então  
por cima de Russos,  
Búlgaros,  
Alemães,  
Judeus,

por cima de todos,  
sobre um céu firme  
rubro de incêndios,  
lado a lado,  
se puseram a brilhar sete mil cores  
de mil arco-íris diferentes.

E acima dos restos dos povos,  
acima dos bandos de gente dispersa,  
rolou como um eco assombroso:

“Aaaah! . . .”

Abria-se assim  
um dia tão prodigioso  
que os contos de Andersen,  
como cachorrinhos recém-nascidos,  
se arrastavam a seus pés.

Agora é quase incrível  
que eu tenha andado  
sombrio e tateante  
no crepúsculo das ruelas.

Hoje

uma mocinha qualquer  
tem mais sol  
na unha do dedo mindinho  
do que antes havia sobre todo o globo terrestre.

O homem  
com seus grandes olhos divisa toda a terra.  
Parece um menino orgulhoso  
com seu traje novinho —  
a liberdade —  
solene e risível.

Como sacerdotes  
que para recordar o drama da redenção  
se aproximam com a hóstia  
cada país  
vem ao homem com seus presentes:

“Toma”.

“A imensa América  
entrega o poder de suas máquinas!”

“Itália dá suas cálidas noites napolitanas.  
Para quem se sente sufocar,  
eis o abano de folhas de palmeiras”.

“Para aquele que gela no frio do Norte,  
eis o sol ardente da África”.

“Tu que te queimas ao sol da África,  
para ti  
as neves da montanha do Tibet”.

“A França  
entrega a púrpura dos lábios  
de primeira entre as mulheres”.

“Vem a juventude da Grécia  
com a nudez perfeita de seus corpos”.

“De quem são as poderosas vozes,  
que melhor se entrelaçam num canto?  
A Rússia  
abre seu coração  
num hino de fogo”.

“Homens,  
a Alemanha vos traz  
seu pensamento polido pelos séculos”.

“De suas entranhas de ouro  
a Índia extrai  
suas oferendas!”

“Glória ao homem,  
pelos séculos dos séculos,  
glória e vida ao homem!  
A todos os que vivem sobre a terra,  
glória, glória, glória!”

Até perder o fôlego!  
E aqui estou eu.  
Chego cauteloso,  
enorme,  
desajeitado.  
Oh! que esplêndido estou  
envolto na mais luminosa  
das minhas inumeráveis almas!

Cruzam-se os cumprimentos.  
Passo entre a gente festiva.  
Ah! maldito coração  
não batas tanto assim!  
Ei-la,  
ei-la que vem ao meu encontro.

“Bom-dia, minha Amada!”

E cada cabelo seu  
anelado, dourado,  
acaricio demoradamente.  
Oh! que ventos do sul  
fizeram este milagre  
de meu coração já enterrado?  
Teus olhos florescem como duas clareiras.  
Neles me rojo alegre  
como um garoto.

E tudo ao derredor  
ri.  
Bandeiras.  
Centenas de bandeiras coloridas.  
Passam.  
Nos ares se alçam.  
Multidões.  
Desfilam.  
Se apressam.  
Em cada jovem a pólvora de Marinetti,  
em cada ancião a sabedoria de Hugo.

Para sorrir  
faltam lábios à capital.

Todos,  
fora das casas,  
nas praças,  
ao ar livre!  
De cidade a cidade  
joguemos como bolas de prata  
a alegria,  
os risos,  
o bimbalar dos sinos!

Já ninguém sabe  
se é isto ar  
ou flor ou pássaro!  
Tudo canta,  
tudo se perfuma  
e se enche de cores!  
E as faces se iluminam como ante fogueiras  
e a mente se embriaga com o mais doce dos vinhos.  
Não só as gentes  
têm o rosto florido de alegria.  
Os bichos anelaram os pêlos cheios de graça.

Os mares, ontem extravasantes, rugidores,  
deitam-se a nossos pés.  
Os couraçados —  
parece incrível  
que antes semeassem a morte —  
seus porões para sempre  
esqueceram a pólvora.  
Agora  
aportam a baías tranqüilas  
com uma infinidade  
de bugigangas inofensivas.

Os canhões,  
a quem podem assustar agora?  
Esses aí,  
tão ternos,  
seriam capazes de destruir?  
Pastam  
como bois pacíficos num campo

diante das casas.  
Vêde,  
não é uma farsa,  
nem um riso de sátira:  
em pleno meio-dia,  
bem comportados,  
em fila por dois,  
os czares brigões passeiam,  
sob a vigilância de amas-secas.

Terra,  
donde nos vem tanto amor?  
Imaginai:  
lá longe,  
sob uma árvore,  
Caim foi visto  
jogando xadrez com o Cristo.

Tu não vês nada?  
Franzes os olhos? Queres ver?  
Teus olhinhos — como duas fendas —  
abre-os!  
Olha,  
em meus grandes olhos  
abertos como o pórtico duma catedral.

Homens!  
Amados e não amados,  
conhecidos e desconhecidos,  
desfilai por este pórtico num vasto cortejo!  
O homem  
livre —  
de que vos falo —  
virá,  
acreditai,  
acreditai-me!

(1918)

## O POETA-OPERÁRIO

Grita-se ao poeta:  
"Queria te ver numa fábrica!  
O que? versos? Pura bobagem!  
Para trabalhar não tens coragem".  
Talvez  
ninguém como nós  
ponha tanto coração  
no trabalho.  
Eu sou uma fábrica.  
E se chaminés  
me faltam  
talvez  
sem chaminés  
seja preciso  
ainda mais coragem.  
Sei.  
Frases vazias não agradam.  
Quando serrais madeira  
é para fazer lenha.  
E nós que somos  
senão entalhadores a esculpir  
a tora da cabeça humana?  
Certamente que a pesca  
é coisa respeitável.  
Atira-se a rede e quem sabe?  
Pega-se um esturjão!  
Mas o trabalho do poeta  
é muito mais difícil.  
Pescamos gente viva e não peixes.  
Penoso é trabalhar nos altos-fornos  
onde se tempera o ferro em brasa.  
Mas pode alguém  
acusar-nos de ociosos?  
Nós polimos as almas  
com a lixa do verso.  
Quem vale mais:  
o poeta ou o técnico

que produz comodidades?  
Ambos!  
Os corações também são motores.  
A alma é poderosa força motriz.  
Somos iguais.  
Camaradas dentro da massa operária.  
Proletários do corpo e do espírito.  
Somente unidos,  
somente juntos remoçaremos o mundo,  
fá-lo-emos marchar num ritmo célere.  
Diante da vaga de palavras  
levantemos um dique!  
Mãos à obra!  
O trabalho é vivo e novo!  
Com os oradores vazios, fora!  
Moinho com eles!  
Com a água de seus discursos  
que façam mover-se a mó!

(1918)

## A EXTRAORDINÁRIA AVENTURA ACONTECIDA A VLADÍMIR MALACOVSKI, CERTO VERÃO, NO CAMPO.

Puchkino, Monte Akula aldeia de Rumiantzov,  
a 27 verstas de Iagroslav por estrada de ferro.

Cem sóis flamejavam no horizonte.  
O pleno verão se despejava em julho.  
Um tremendo calor boiava no ar  
e isto aconteceu no campo.  
Puchkino tem às costas  
a corcunda do Monte Akula  
enquanto a seus pés  
uma aldeia retorce a casca enrugada  
de seus telhados.  
Atrás da aldeia havia  
um buraco  
onde todos os dias  
lento e majestoso  
o sol se escondia.  
E a cada manhã  
dali se levantava  
rubro como sempre  
para inundar o mundo.  
Dia após dia  
aquilo se repetia  
até que acabou por me irritar  
terrivelmente.  
Enfim, num acesso de cólera  
capaz de tudo abalar de medo,  
gritei direto à cara do sol:  
“Ei, tu! Desce daí!  
Sai dessa cova piolhenta!”  
Gritei-lhe nas bochechas:  
“Tu, pedaço de vagabundo  
vives deitado num berço de nuvens  
enquanto eu tenho que ficar  
aqui sentado  
seja inverno ou verão

a desenhar cartazes”.

Bradei-lhe nas barbas:

“Espera!

Escuta, seu carranca de ouro,  
por que, em vez de flandar por aí,  
não vens me fazer uma visitinha?”

Que fiz eu!

Agora estou frito!

Eis que

em minha direção

o sol em pessoa

avança.

Suas pernas de luz

a largos passos

marcham sobre os campos.

Fingindo não estar assustado

ensaio a retirada.

Seus olhos agora

atingem o jardim.

Já o atravessam agora.

Através das janelas,

portas,

frestas,

penetra a massa solar.

E logo ao entrar,

recobrando o fôlego, diz

numa voz de baixo-profundo:

“Pela primeira vez

desde a criação do mundo

suspendi minha função.

Tu me convidaste?

Pois então, poeta,

tomemos o chá.

E não dispenso a geléia!”

Olhos lacrimejantes —

eu estava louco de calor —

apontei-lhe o samovar:

“Bem, queira sentar-se

meu astro!”

Ah! que diabo me fez soltar

aqueles insultos ao sol!  
Encabulado  
sentei-me na ponta da cadeira  
com medo do que pudesse acontecer.  
Mas do sol fluía  
uma estranha, serena luz  
e dentro em pouco  
já à vontade  
os dois nos pusemos a conversar.  
Falei-lhe de coisa e loisa  
e de como a Rosta me arrasava.  
Disse-me então o sol:  
“Não te aflijas tanto.  
Faze tudo o que te cabe.  
Pensas, por acaso,  
que para mim é fácil  
isso de iluminar?  
Experimenta e verás!  
Mas, visto que assumi  
o encargo de dar luz à terra,  
pois então ilumino  
o melhor que posso!”  
E assim charlamos  
até o escurecer . . .  
perdão, até o momento  
em que antes era noite.  
Pois que espécie de escuridão  
pode existir  
quando o sol está presente?  
Já agora, íntimos um do outro,  
nos tuteamos familiarmente.  
Já agora, amigavelmente,  
dou-lhe palmadinhas nas costas.  
Então disse o sol:  
“Bem, cá estamos, meu velho.  
Tu e eu formamos uma dupla.  
Voemos, poeta,  
à altura das águias.  
Cantemos  
para espantar as trevas do mundo.

Eu derramo luz  
e tu outro tanto fazes  
esparzindo teus versos".  
O muro das sombras,  
prisão das noites,  
tombou  
ao impacto gêmeo  
dos canhões solares.  
Feixes de luz e versos  
brilhai quanto puderdes!  
Se o outro se fatiga  
e a noite pretende espichar  
sua estúpida cabeça sonolenta  
então compete a mim  
erguer-me e brilhar  
para que de novo ressoe  
o carrilhão do dia.  
Iluminar sempre  
por toda parte,  
até o último alento  
iluminar!  
O resto não importa.  
Tal é o meu lema,  
igual ao do sol.

(1920)

## O REUNISMO

Mal a noite se torna madrugada  
cada qual a seu trabalho vai,  
Vão para a “Firma”  
para a Cia.  
para a S.A.  
para a Ltda.  
e nos escritórios desaparecem.

Derrama-se em torrente a papelada  
mal se entra nesses escritórios.  
Procure-se entre cem —  
o mais importante! —  
os empregados estão sumidos nas reuniões.

Então apareço eu e pergunto:  
“Quem pode me atender?  
Estou aqui há não sei quanto tempo”.  
— “O camarada Ivan Ivanitch está em reunião  
com o Comissário Geral do Povo para as Questões do Vinho”.  
Crispada de inumeráveis estrelas  
a luz apenas pisca.  
Repito. Respondem:  
— “Peço-lhe para voltar daqui a uma hora.  
Está em reunião  
tratando da compra de tinta  
para a Cia. etc., etc., etc., S.A.”.

Uma hora depois —  
Nem um funcionário  
sequer um contínuo aparece...  
tudo limpo, ninguém!

Todos, até os 22 anos,  
estão lá em cima, numa reunião do Komsomol.

A noite vem caindo.

Subo ainda

até o último andar deste meu lar temporário.

“Já chegou o camarada Ivan Ivanitch?”

— “Não. Ainda reunido

com A, B, C, D, E, F, G, & Cia.”

Na tal reunião

entro como um furacão,

abrindo caminho com pragas selvagens.

Que vejo!

Corpos pela metade, sentados.

Céus!

Onde estarão as outras metades?

“Decepados!

Assassinados!”

Correndo como um louco,

ponho-me a gritar.

Diante de tal quadro fico alucinado.

Ouçõ então

o mais calmo dos funcionários

observar:

“Eles estão em duas reuniões ao mesmo tempo”.

A vinte reuniões por dia —

e às vezes mais —

temos que assistir.

Por isso somos forçados

a em dois nos dividir!

Uma metade está aqui,

a outra

lá longe.

Não pude dormir, assombrado.

A luz da manhã me colheu estremunhado.

“Oh! peço somente uma

mais uma reunião

para acabar com tantas reuniões!”

(1922)

## AMO

*A Lila Brik*

### COMUMENTE É ASSIM

Cada um ao nascer  
traz sua dose de amor,  
mas os empregos,  
o dinheiro,  
tudo isso,  
nos resseca o solo do coração.  
Sobre o coração levamos o corpo,  
sobre o corpo a camisa,  
mas isto é pouco.  
Alguém  
imbecilmente  
inventou os punhos  
e sobre os peitos  
fez correr o amido de engomar.  
Quando velhos se arrependem.  
A mulher se pinta.  
O homem faz ginástica  
pelo sistema Muller.  
Mas é tarde.  
A pele enche-se de rugas.  
O amor floresce,  
floresce,  
e depois desfolha.

### GAROTO

Fui agraciado com o amor sem limites.  
Mas, quando garoto,  
a gente preocupada trabalhava  
e eu escapava  
para as margens do rio Rion  
e vagava sem fazer nada.  
Aborrecia-se minha mãe:

“Garoto danado!”

Meu pai me ameaçava com o cinturão.

Mas eu,

com três rublos falsos,

jogava com os soldados sob os muros.

Sem o peso da camisa,

sem o peso das botas,

de costas ou de barriga no chão,

torrava-me ao sol de Kutaís

até sentir pontadas no coração.

O sol se assombrava:

“Daquele tamaninho

e com um tal coração!

Vai partir-lhe a espinha!

Como, será que cabem

nesse tico de gente

o rio,

o coração,

eu

e cem quilômetros de montanhas?”

#### ADOLESCENTE

A juventude tem mil ocupações.

Estudamos gramática até ficar zonzos.

A mim

me expulsaram do quinto ano

e fui entupir os cárceres de Moscou.

Em nosso pequeno mundo caseiro

brotam pelos divãs

poetas de melenas fartas.

Que esperar desses líricos bichanos?

Eu, no entanto,

aprendi a amar no cárcere.

Que vale comparado com isto

a tristeza do bosque de Boulogne?

Que valem comparados com isto

suspiros ante a paisagem do mar?

Eu, pois,

me enamorei da janelinha da cela 103

da “oficina de pompas fúnebres”.

Há gente que vê o sol todos os dias  
e se enche de presunção.  
“Não valem muito esses raiozinhos”  
dizem.

Eu, então,  
por um raiozinho de sol amarelo  
dançando em minha parede  
teria dado todo um mundo.

#### MINHA UNIVERSIDADE

Conheceis o francês,  
sabeis dividir,  
multiplicar,  
declinar com perfeição.  
Pois, declinai!

Mas sabeis por acaso  
cantar em dueto com os edifícios?

Entendeis por acaso  
a linguagem dos bondes?

O pintainho humano  
mal abandona a casca  
atraca-se aos livros  
e a resmas de cadernos.

Eu aprendi o alfabeto nos letreiros  
folheando páginas de estanho e ferro.

Os professores tomam a terra  
e a descarnam  
e a descascam

para afinal ensinar:

“Toda ela não passa dum globinho!”

Eu com os costados aprendi geografia.

Não foi à toa que tanto dormi no chão.

Os historiadores levantam  
a angustiante questão:

— Era ou não roxa a barba de Barba Roxa?

Que me importa!

Não costumo remexer o pó dessas velharias!

Mas das ruas de Moscou  
conheço todas as histórias.

Uma vez instruídos,

há os que se propõem  
a agradar às damas,  
fazendo soar no crânio suas poucas idéias,  
como pobres moedas numa caixa de pau.  
Eu, somente com os edifícios, conversava.  
Somente os canos d'água me respondiam.  
Os tetos como orelhas espichando  
suas lucarnas atentas  
aguardavam as palavras  
que eu lhes deitaria.  
Depois  
noite a dentro  
uns com os outros  
palravam  
girando suas línguas de catavento.

#### ADULTOS

Os adultos fazem negócios.  
Têm rublos nos bolsos.  
Quer amor? Pois não!  
Ei-lo por cem rublos!  
E eu, sem casa e sem teto,  
com as mãos metidas nos bolsos rasgados,  
vagava assombrado.  
À noite  
vestis os melhores trajes  
e ides descansar sobre viúvas ou casadas.  
A mim  
Moscou me sufocava de abraços  
com seus infinitos anéis de praças.  
Nos corações, nos relógios  
bate o pêndulo dos amantes.  
Como se exaltam as duplas no leito de amor!  
Eu, que sou a Praça da Paixão,\*  
surpreendo o pulsar selvagem  
do coração das capitais.  
Desabotoado, o coração quase de fora,  
abria-me ao sol e aos jatos d'água.  
Entrai com vossas paixões!

---

\* Antiga praça de Moscou, atual Praça Púchkin.

Galgai-me com vossos amores!  
Doravante não sou mais dono de meu coração!  
Nos demais — eu sei,  
qualquer um o sabe —  
o coração tem domicílio  
no peito.  
Comigo  
a anatomia ficou louca.  
Sou todo coração —  
em todas as partes palpita.  
Oh! quantas são as primaveras  
em vinte anos acesas nesta fornalha!  
Uma tal carga  
acumulada  
torna-se simplesmente insuportável.  
Insuportável  
não para o verso  
de veras.

#### O QUE ACONTECEU

Mais do que é permitido,  
mais do que é preciso,  
como um delírio de poeta  
sobrecarregando o sonho:  
a pelota do coração tornou-se enorme,  
enorme o amor,  
enorme o ódio.  
Sob o fardo,  
as pernas vão vacilantes.  
Tu o sabes,  
sou bem fornido,  
entretanto me arrasto,  
apêndice do coração,  
vergando as espáduas gigantes.  
Encho-me dum leite de versos  
e, sem poder transbordar,  
encho-me mais e mais.

#### CLAMO

Levantei-o como um atleta,  
levei-o como um acrobata,

como se levam os candidatos ao comício,  
como nas aldeias se toca a rebate  
nos dias de incêndio.

Clamava:

“Aqui está, aqui! Tomai-o!”

Quando este corpanzil se punha a uivar,  
as donas

disparando

pelo pó, pelo barro ou pela neve,  
como um foguete fugiam de mim.

— “Para nós, algo um tanto menor,  
algo assim como um tango...”

Não posso levá-lo

e carrego meu fardo.

Quero arremessá-lo fora

e sei, não o farei.

Os arcos de minhas costelas não resistem.

Sob a pressão

range a caixa torácica.

TU

Entraste.

A sério, olhaste

a estatura,

o bramido

e simplesmente adivinhaste:

uma criança.

Tomaste,

arrancaste-me o coração

e simplesmente foste com ele jogar

como uma menina com sua bola.

E todas,

como se vissem um milagre,

senhoras e senhoritas exclamaram:

— A esse amá-lo?

Se se atira em cima,

derruba a gente!

Ela, com certeza, é domadora!

Por certo, saiu duma jaula!

E eu de júbilo

esqueci o jugo.  
Louco de alegria  
saltava  
como em casamento de índio,  
tão leve,  
tão bem me sentia.

#### IMPOSSIVEL

Sozinho não posso  
carregar um piano  
e menos ainda um cofre-forte.  
Como poderia então  
retomar de ti meu coração  
e carregá-lo de volta?  
Os banqueiros dizem com razão:  
“Quando nos faltam bolsos,  
nós que somos muitíssimo ricos,  
guardamos o dinheiro no banco”.  
Em ti  
depositei meu amor,  
tesouro encerrado em caixa de ferro,  
e ando por aí  
como um Cresco contente.  
É natural, pois,  
quando me dá vontade,  
que eu retire um sorriso,  
a metade de um sorriso  
ou menos até  
e indo com as donas  
eu gaste depois da meia-noite  
uns quantos rublos de lirismo à toa.

#### O QUE ACONTECEU COMIGO

As esquadras acodem ao porto.  
O trem corre para as estações.  
Eu, mais depressa ainda,  
vou a ti,  
atraído, arrebatado,  
pois que te amo.  
Assim como se apeia

o avarento cavaleiro de Púchkin,  
alegre por encafuar-se em seu sótão,  
assim eu  
regresso a ti, amada,  
com o coração encantado de mim.  
Ficais contentes de retornar à casa.  
Ali vos livrais da sujeira,  
raspando-vos, lavando-vos,  
fazendo a barba.  
Assim retorno eu a ti.  
Por acaso,  
indo a ti não volto à minha casa?  
Gente terrena ao seio da terra volta.  
Sempre volvemos à nossa meta final.  
Assim eu,  
em tua direção sempre me inclino  
apenas nos separamos  
mal acabamos de nos ver.

#### DEDUÇÃO

Não acabarão com o amor,  
nem as rugas,  
nem a distância.  
Está provado,  
pensado,  
verificado.  
Aqui levanto solene  
minha estrofe de mil dedos  
e faço o juramento:  
Amo  
firme,  
fiel  
e verdadeiramente.

(1922)

## A PROPÓSITO DISTO \*

A FÉ

Distendei vossa espera o quanto quiserdes —  
tão clara,

duma clareza tão alucinante  
é minha visão

que, dir-se-ia,  
bastava o tempo de liquidar esta rima,  
para, grimpendo ao longo dum verso,  
entrar numa vida maravilhosa.

Eu não preciso indagar  
o que e como.

Vejo-o,  
nítido,  
até os últimos detalhes,

no ar,  
camada sobre camada,  
como pedra sobre pedra.

Vejo erguer-se,  
fulgurando no pináculo dos séculos,  
isento de podridões ou poeira,  
o laboratório das ressurreições humanas.

Eis o calmo químico,  
a vasta fronte

franzida  
em meio à experiência.

Num livro, “Toda a Terra”,  
procura ele um nome.

“O Século Vinte... vejamos,  
a quem ressuscitar?”

A Maiacovski talvez...

Não, busquemos matéria mais interessante!  
Não era bastante belo esse poeta”.

Será então minha vez de gritar

---

\* Damos, aqui, apenas o final do poema, que é longo, conservando os títulos marginais do original.





Ressuscita-me,  
nem que seja só porque te esperava  
como um poeta,  
repelindo o absurdo quotidiano!  
Ressuscita-me,  
nem que seja só por isso!  
Ressuscita-me!  
Quero viver até o fim o que me cabe!  
Para que o amor não seja mais escravo  
de casamentos,  
concupiscência,  
salários.  
Para que, maldizendo os leitos,  
saltando dos coxins,  
o amor se vá pelo universo inteiro.  
Para que o dia,  
que o sofrimento degrada,  
não vos seja chorado, mendigado.  
E que, ao primeiro apelo:  
— Camaradas!  
atenta se volte a terra inteira.  
Para viver  
livre dos nichos das casas.  
Para que  
doravante  
a família  
seja  
o pai,  
pelo menos o Universo;  
a mãe,  
pelo menos a Terra.

(1923)

## VLADÍMIR ILITCH LÊNIN \*

Tempo, começarei a história de Lênin.  
Mas não porque a dor tenha passado.  
Tempo, é que de uma angústia cortante  
se fez uma dor clara e consciente.  
Tempo, solta de novo ao vento  
as palavras de ordem de Lênin.  
Por acaso seremos nós  
que nos vamos desmanchar  
numa poça de lágrimas?  
Nosso saber é nossa força, nossa arma.  
As pessoas? São como barcos fora d'água.  
Antes que tenham vivido o seu pedaço  
uma infinidade de variados moluscos  
gruda-se-lhes ao casco.  
E após, tendo varado a furiosa tormenta,  
a gente se assenta mais perto do sol  
para retirar a barba verde das algas  
e a gelatina alaranjada das medusas.  
Eu, eu me limpo sob a luz de Lênin  
para seguir avante com a revolução.  
Tenho medo destes versos  
ante mim tendidos às centenas.  
Como um menino temo a falsidade.  
Se sobre sua cabeça formarem uma auréola,  
temo que ocultem  
a autêntica, a humana, a sábia,  
a imensa frente de Lênin.  
Receio que as procissões, os mausoléus,  
a admiração, seus estatutos e regras,  
possam afogar numa doce unção  
a simplicidade de Lênin.  
Temo por ele, como por minhas pupilas:  
Alerta contra a mentira  
ao gosto dos confeitores!

---

\* Traduzimos apenas alguns trechos deste poema que constitui todo um livro.

O coração vota  
e o dever dita: escreverei.  
Toda Moscou: um rumor estremece o solo gelado.  
Sobre as fogueiras acesas  
derrete-se a noite frígida.  
Que fez ele? Quem é, de onde vem?  
Por que lhe prestam tantas homenagens?  
De minha memória sai uma palavra após outra.  
A nenhuma digo; fica-te pra lá!  
Ah! a miséria da oficina das palavras!  
Onde pescar a que melhor convém?  
Temos sete dias na semana  
e num dia doze horas.  
Ninguém a si mesmo sobrevive.  
A morte não costuma apresentar desculpas  
se o relógio funciona mal.  
Achamos mesquinho o calendário  
e dizemos: época  
e dizemos: era.  
À noite dormimos.  
De dia agimos.  
Agrada-me beber água  
se é nossa água em nosso copo.  
E se um por todos se torna  
senhor do fluxo dos fatos,  
nós o chamamos profeta,  
nós o chamamos gênio.  
Somos gente sem pretensão.  
Se não nos chamam, não nos metemos.  
Desde que agrademos à nossa mulher  
já nos damos por contentes.  
E se acontece que alguém,  
feito de uma só peça,  
não se modela por nós  
concluimos daí: "Tem um ar de rei!"  
Ou nos admiramos: "É um dom divino!"  
É assim que se diz. Nem tolice, nem malícia.  
Palavras no ar, que se dissipam, fumaça.  
Que se pode extrair de tais nozes vazias?  
Isso não fala nem ao coração, nem ao tato.  
Como medir Lênin com tal toesa?

Não vimos,  
cada um com seus próprios olhos,  
essa *era* entrando-nos pela porta  
apenas tocando o umbral?  
Será possível  
que de Lênin também se fale  
como de um "chefe pela graça de Deus"?  
Tivesse ele sido divino ou como um rei  
e, todo furor, sem me poder conter,  
eu, de frente, interceptaria o cortejo  
contra a multidão dos admiradores.  
Encontraria palavras troantes para maldizer.  
Mesmo espezinhado,  
mesmo meus gritos espezinhadados,  
eu lançaria blasfêmias ao céu  
e sobre o Kremlin despejaria a bomba: Abaixo!  
Mas Dzerjinski  
com passo firme acompanha o féretro.  
A Tcheka poderia deixar seus postos.  
De milhões de olhos,  
dos meus, dos meus dois olhos,  
lágrimas geladas caem sobre as faces.  
Não! Hoje a dor é veraz no coração gelado.  
Hoje enterramos ao mais terrenal  
dos homens que viveram sobre a terra.  
Terrenal,  
mas não desses que só sua gamela enxergam.  
Vendo, num relance, o conjunto da terra  
ele dominava o que o tempo oculta.  
Como vós, como eu, exatamente igual.  
Somente, talvez, na comissura dos olhos  
o pensar lhe pregueava um pouco mais a pele  
e talvez sejam mais duros e maliciosos  
seus lábios finos.  
Não com a dureza dos sátrapas em seus carros,  
que te esmagam com um simples mover de rédeas.  
Humano, carinhoso para os camaradas,  
para o inimigo, a dureza do ferro.  
Ele tinha, como nós as temos, suas fraquezas.  
Curara-se das enfermidades, sem se deitar.  
Assim, a mim o bilhar me exercita o olho.





Aqui,  
noutro extremo do corredor,  
passou Lênin esgueirado,  
sem ser notado.  
Iam ao combate  
conduzidos por Lênin,  
mesmo sem conhecê-lo —  
só pelos retratos!  
iam gritando,  
tropeçando,  
lutando,  
com insultos mais afiados que navalhas,  
assim iam os soldados.  
E naquela tormenta  
de ferro e desejada,  
Ilitch,  
como que sonhando,  
andava  
parava,  
e estirava o olho franzido,  
com os braços cruzados às costas.  
Eu sabia  
que tudo seria descoberto e compreendido,  
estava certo de que  
com aquele olhar  
se pescaria  
a raiz do grito camponês  
e a vontade  
dos operários da “Putilov”.  
Em seu cérebro prodigioso  
se moviam  
centenas de governos.  
Nele se concentravam  
mais de 150 milhões de anelos.  
Ele, naquela noite,  
pôs o mundo na balança  
e de madrugada disse:  
— A todos,  
a todos,  
a todos!  
Aos que estão fartos do sangue das trincheiras!

A todos os escravos!  
A todos os escravizados!  
Todo o poder aos soviets!  
A terra para os camponeses!  
A paz para os povos!  
Pão aos famintos!

.....  
Por que não começam?  
Por que a presidência está quase vazia?  
Por que estão os olhos mais vermelhos que os palcos?  
Por que Kalinin mal se mantém de pé?  
Aconteceu alguma desgraça?

Qual?

Não pode ser!

Aconteceu com ele?

Será possível?

O teto parecia baixar como asas de corvo.  
As luzes do grande teatro se puseram a tremer.  
Ficamos quase às escuras.  
Sou a desnecessária campanha da presidência.  
Kalinin, dominando-se, se pôs de pé.  
As lágrimas não as podia impedir.  
Brilhavam-lhe na barba fina,  
nos bigodes, nas faces.

Os pensamentos se baralhavam.

O sangue latejava nas têmporas,  
nas veias.

— “Ontem,  
às seis horas e cinquenta minutos,  
faleceu o camarada Lênin”.

(1924)

## O REGRESSO

Regressai à casa, pensamentos.  
Desposai-vos,  
abismos d'alma e do mar.  
Aqueles  
que acham tudo belo e bom  
são,  
a meu ver,  
simplesmente uns tolos.  
Estou no pior camarote  
de todos os camarotes.  
A noite inteira,  
sobre minha cabeça  
sapateiam,  
a noite inteira,  
sacudindo a paz de meu teto,  
agita-se a dança,  
geme a cantiga:  
"Ai, Mariquinha,  
teus belos olhos  
são para mim..."  
Por que seriam para mim?  
Para mim que não tenho francos?  
E Mariquinha  
(basta um assobio)  
por cem francos  
tem-na qualquer freguês.  
Não é tanto dinheiro assim, que impeça... não.  
E o intelectual  
remexendo as melenas sujas  
arranjar-lhe-ia uma máquina de costura  
para que cosesse  
ponto por ponto  
a seda de seus versos.  
Os proletários  
vêm ao comunismo  
partindo da terra.

Terra de minas,  
foices  
e gadanhos.

Eu,  
do céu poético,  
me arrojo ao comunismo  
porque sem ele  
para mim  
não há amor.

Que importa  
que eu mesmo me exile  
ou que ao diabo me tenham mandado?

O aço das palavras enferruja,  
o cobre da voz enegrece.

Para que ir  
sob chuvas estrangeiras  
molhar-me,  
apodrecer,  
enferrujar?

Eis-me aqui,  
em pleno oceano,  
abatido,  
mal dedilhando  
as teclas de minha máquina.

Eu sinto que sou  
uma usina soviética  
de fabricar felicidade.

Quereis colher-me  
como uma flor silvestre  
depois das fadigas  
de um dia de trabalho?

Não!  
Quero  
que o Plano do Estado sue nos debates  
dando-me tarefas para todo o ano.

Quero  
que o comissário do Tempo  
pese e considere  
aquilo que eu penso.

Quero  
que, como trabalhador qualificado,

o coração receba o prêmio  
da imensidade do amor.

Quero  
que, findo o trabalho,  
o gerente feche meus lábios,  
a cadeado.

Quero  
que a pena  
se equipare à baioneta.

Quero  
que sobre a produção de ferro e aço  
e sobre o trabalho de fazer versos  
dê informes ao Bureau Político  
o camarada Stálin,

dizendo:

“Vindo das camadas operárias,  
atingimos os mais altos níveis.  
Na União das Repúblicas Soviéticas  
a compreensão dos versos  
ultrapassa os níveis da ante-guerra. . .”

(1925)

## DESATAI O FUTURO!

O futuro

não virá por si só  
se não tomarmos medidas.

Pega-o pelas orelhas, komsomol!

Pega-o pela cauda, pioneiro!

A comuna

não é uma princesa fantástica  
com quem

de noite se sonha.

Calcula,

reflete,

mira bem

e avança!

embora sejam miudezas.

O comunismo

não reside apenas

na terra,

no suor das usinas.

Senão também no lar,

à mesa,

nas relações de família,

nos costumes.

Aquele que

no decorrer do dia

anda rangendo palavrões

como um eixo de carroça

ressecado,

aquele que

fica pasmado

quando geme a balalaika,

esses

não atingiram o talhe

do futuro.

Nas trincheiras

manejar metralhadoras,

não é apenas nisso

que consiste a guerra.

O ataque  
à família,  
ao lar,  
não é para nós  
ameaça menor.  
Quem não agüentou  
a tarefa doméstica  
e dorme  
no bem-bom  
das rosas de papel,  
esse  
não atingiu o talhe  
da poderosa vida  
do porvir.  
Qual uma peliça  
o tempo é também  
roído  
por vermes quotidianos.  
Às vestes poeirentas  
de nossos dias  
cabe a ti, komsomol, sacudi-las!

(1925)

## A PONTE DE BROOKLYN

Solta,  
Coolidge,  
um grito alegre.  
Para o que é bom  
não mesquinharei palavras.  
Com os elogios  
podes ficar rubro  
como a bandeira de nosso continente,  
embora não sejas senão  
*United States of America.*  
Como à igreja vai  
o fervoroso crente,  
como, simples e severo,  
entra o monge na cela,  
assim eu,  
entre as sombras cinzentas do crepúsculo,  
humildemente entro  
na ponte de Brooklyn.  
Como numa cidade,  
entre nuvens de pó,  
penetra o vencedor,  
atrás de seus canhões  
compridos como girafas —  
assim eu, cheio de orgulho,  
famélico de vida,  
subo orgulhoso  
pela ponte de Brooklyn.  
Como o embevecido pintor  
crava a vista,  
enamorada e aguda,  
na Madona do museu,  
assim eu,  
debaixo do céu  
semeado de estrelas,  
contemplo Nova York  
através da ponte de Brooklyn.



empinada por cima das cinzas finais,  
então, —  
                  assim como de pequenos ossos  
                                  mais finos que agulhas,  
renascem  
                  os imensos sáurios  
                                  dos museus, —  
a partir desta ponte,  
                  o geólogo dos séculos,  
saberia  
                  reconstruir  
                                  os dias presentes.

Dirá:  
— Esta pata de aço  
unia prados e mares,  
daqui  
          a Europa  
                  se lançava para o Oeste,  
perdendo ao vento  
                  as plumas indígenas.

Aquele lado ali  
                  lembra uma máquina—  
reflitamos —  
                  braços bastantes  
para,  
          com um pé de aço  
                                  pousado em Manhattan,  
atrair para si  
                  os lábios de Brooklyn?

Pelos fios  
                  da rede elétrica —  
sei —  
          era a época  
                  que se seguiu ao vapor —  
aqui  
          as gentes  
                  já gritavam pelo rádio

aqui,  
          as gentes  
                                  já voavam em avião.

Aqui,  
a vida  
para uns  
era folgança,  
e para outros  
imenso queixume de fome.  
Daqui,  
os desempregados  
se atiravam de cabeça  
no Hudson.  
E assim minha tela  
se distende,  
sem detença,  
ao longo da cordoalha sonora  
até o pé das estrelas!  
Vejo —  
aqui,  
de pé, esteve Maiacovski,  
de pé,  
tecendo poemas,  
palavra por palavra.  
Contemplo a ponte de Brooklyn  
como, pela primeira vez,  
um esquimó olha um trem,  
grudo-me a ela  
como um carrapato à orelha.  
Oh! a ponte de Brooklyn  
há poucas que a igualem.  
Sim. . .  
Isso vale!

(1925)

## VERSOS PARA CRIANÇAS

### *O Que é Bom e o Que é Mau*

Titubeante, o menino Tonio,  
Um dia, disse a seu pai:  
"Meu pai, me sinto confuso  
E a razão não vejo qual,  
Nunca sei o que é bom,  
Nem tampouco o que é mau,  
Com a sua autoridade  
Responda, meu pai, se sabe!"  
Segredos de alguém revelar  
É o que há de pior!  
Mas em versos vou contar  
O que disse o pai ao menor.

Se o vento põe tetos no chão,  
Se o céu numa torrente chora,  
Sair é mau e só um doido então  
Arrisca o seu nariz de fora.  
O sol venceu a chuva e o frio  
E no alto voltou a brilhar?  
Assim é bom vir para a rua  
Trabalhar, passear ou brincar.

OB,  
aio

Ter a cara cor de alcatrão  
Ou suja que nem chaminé  
Dá coceira e a pele tigna  
E um mal, sem dúvida, é.  
Gostar de água e de sabão,  
Os dentes, a roupa escovar,  
Os cabelos pentear, isto é bom,  
Isto sim, é coisa exemplar.

Meninos que mordem, batem  
Nos pequenos, nos fedelhos  
Está errado, não permito,  
Aqui lhes dou meus conselhos.

Para sempre os advirto:  
Jamais bater nos menores  
Eis uma norma a guardar.  
Meninos que assim procedem  
A gente tem que estimar.

Se este destrói seus brinquedos  
E os livros rasga, fagueiro,  
Aquele, que é pioneiro, clama:  
“Fica-lhe mal, companheiro!”  
Porém, se aos livros ele ama  
E não anda a gazetear,  
Então vai bem e terá fama  
Entre mil a se destacar.

Ter medo de um pobre corvo?  
Fugir em vez de o enfrentar?  
Covardia! E fica feio  
Se a coragem lhe faltar.  
Simples aves de rapina  
A gente não deve temer  
Pois a vida nos ensina  
Quanto vale combater.

Camisa branca qual jasmim  
Torná-la cor de tição  
Não lhe parece ruim?  
Pois é coisa de vilão!  
Trazer sapatos brilhantes  
Assim é que deve ser  
Para pequenos ou grandes  
A limpeza é um dever.

Tudo que vive, cresce.  
O porco já foi leitão.  
A criança que ora nasce.  
Depois será cidadão.  
Tonio ouviu todo este tom  
E ao pai respondeu no final:  
“Sempre farei o que é bom,  
Nunca farei o que é mau”.

(1925)

## VERSOS PARA UM ÁLBUM ILUSTRADO

Virem a página:  
aqui um elefante,  
ali uma leoa.

Mostro-lhes o elefante.  
Ei-lo, reparem!  
Ele não é mais  
o rei dos animais.  
Mas, simplesmente,  
o seu presidente.

Neste nosso livrinho  
o elefante, a elefanta  
e os elefantinhos  
parece que estão vivos.

Grandões, como dois ou três andares.  
As orelhas enormes  
como se fossem abanos.  
Têm na frente, sobre a goela,  
uma cauda,  
que convém chamar de “tromba”.

Quanta água precisam beber?  
Quanta roupa hão de gastar?  
Seus filhotes mesmo  
são da altura de nossos papais.

O crocodilo é o terror das crianças.  
É melhor não mexer muito com ele.  
É verdade que ele mora dentro d'água.  
E neste momento está invisível.

Eis o camelo!  
Às costas carrega  
pessoas e cargas.  
Habitante do deserto,

bebedor de água choca,  
é um incansável trabalhador . . .  
O camelo é  
uma besta de carga.

O canguru. Que engraçado!  
Seus braços são muito curtos,  
mas, em compensação,  
suas pernas são  
duas vezes mais compridas.

A girafa  
tem o pescoço tão comprido  
que não acha um colarinho  
para sua camisa.  
Só mesmo uma girafinha  
é que consegue abraçar-se  
ao pescoço da girafa.

Nada mais engraçado  
do que um macaco!  
Por que está ele imóvel  
como uma estátua?  
Tirando a cauda,  
não é um homem direitinho?

No inverno, eles sentem frio.  
Esses bichos vieram da América.  
Vocês já viram todos eles?  
Está na hora de voltar.  
Boa-noite, bichinhos!

(1926)

## AO CAMARADA TEODORO NETTE \*

*Homem e Navio*

Estremeci.

Não era um fantasma de além-túmulo.

O porto

ardendo

num calor de metal fundido

abria-se

para receber

o camarada

“Teodoro Nette”.

É ele mesmo.

Reconheci-o

pelos óculos-bóias

que está usando.

Salve, Nette!

Prazer em te ver vivo,

nessa vida de chaminés,

cabos

e cordas.

Aproxima-te!

Tens muito calado?

De Batum até aqui

viajaste um pedaço!

Te lembras, Nette,

quando eras homem

quanto chá tomávamos

no teu pequeno camarote?

Não tinhas pressa.

A nosso redor já todos roncavam

e tu franzindo as pálpebras

à luz de um toco de vela

a noite toda palavras

sobre Romka Jacobson\*\*.

---

\* Teodoro Nette, amigo de Maiacovski, foi correio-diplomático soviético e morreu defendendo as malas postais sob sua guarda.

\*\* Romka Jacobson, filósofo, amigo comum de Teodoro Nette e do poeta.



navios,

poemas

ou coisas maiores.

Gente como eu

jamais deveria morrer.

Mas, já que existe um fim,

quisera —

é meu único desejo —

encontrar a morte

como a encontrou

o camarada Nette.

(1926)







centenas de cigarros deverás fumar,  
antes de extraíres a palavra valiosa,  
das funduras artesianas da alma humana.

E serão menores os impostos.

Tire-se uma roda aos zeros.

Um rublo e noventa

custam os cem cigarros.

Um rublo e sessenta

custa o sal fino.

Em seu questionário

há muitas perguntas.

— Fez viagens ou não?

E se lhe respondo

que nestes quinze anos

tenho viajado como centenas de Pégasos?

Coloque-se o sr.

no meu lugar.

E se eu lhe disser

que sou um condutor do povo

e que, por minha vez, trabalho para servi-lo?

A classe operária

vibra em nossas palavras

e somos nós

motores proletários

da pena.

A máquina da alma

gasta-se com os anos.

E então dizem:

para o arquivo!

Acabou-se,

já é tempo!

Ama-se menos,

a gente atreve-se menos,

e minha cabeça,

com o tempo,

já não baterá pelas paredes.

Vem então

a mais terrível das amortizações,

a amortização

da alma e do coração.





## MEU MELHOR VERSO

O auditório arremessa  
suas perguntas ferinas,  
insiste num desafio de papeletas:  
"Camarada Maiacovski,  
leia seu melhor verso".  
Enquanto penso  
talvez ler-lhes este  
apanhado sobre a mesa  
ou talvez aquele outro;  
enquanto revejo  
meu velho arsenal poético  
e, muda, a sala espera,  
o secretário do *O Operário do Norte*  
lentamente

a meu ouvido

disse...

E eu gritei, saindo do tom poético,  
mais alto do que as trombetas de Jericó:

"Camaradas:

Os trabalhadores

e as tropas de Cantão

tomaram Shanghai!"

Como se amansassem o aplauso

com as palmas da mão

crescia a ovação,

crescia em força.

Cinco,

dez,

quinze minutos,

o salão aplaudia.

Parecia que a tormenta

cobria léguas e léguas

em resposta a todas as notas chamberlênicas

e rodava até chegar à China,

afastando os torpedeiros de Shanghai.

Não comparo

a melhor geléia poética,

qualquer das maiores glórias poéticas,  
com a simples notícia de jornal,  
se a esta  
nosso auditório aplaude.

Haverá por acaso  
liga de maior força  
que a solidariedade  
da colméia operária?  
Aplauda,  
    obreiro têxtil,  
aos desconhecidos  
    e queridos  
coolies da China!

(1927)

## MARAVILHOSO

Como um fundo de barrica  
da lua  
ilumina  
o palácio de Livádia.  
Sobe a lua ao zênite,  
derrama-se sobre o mar,  
inunda a terra,  
o mundo  
e Livádia.  
Nos palácios do czar —  
sanatório de mujiques.  
A lua parecia  
um peru em êxtase.  
Seu olhar  
espantado  
de seda prateada  
nos muros do palácio, fixava um cartaz:  
“Terça-feira próxima  
uma palestra  
do camarada Maiacovski”.  
Aqui mesmo,  
ali ao lado,  
o czar em pessoa  
corria de sala em sala,  
de bilhar em bilhar.  
Aqui onde  
o Romanov  
tapeando os jogadores  
suas bolas alojava,  
sob aplausos  
do seu séquito,  
aqui falo eu  
aos camponeses  
sobre a forma  
dos versos  
e sobre seu conteúdo.

Campainha.

A lua se eclipsou,  
eis-me no estrado,  
à luz das lâmpadas.  
Sentados à minha frente  
homens de Riazan,  
de Tula,  
çoçam de quando em quando  
suas grandes barbas russas,  
com os dedos eriçando  
as mechas fulvas.  
Todas essas faces claras,  
mais claras que guardanapos,  
quando é preciso são graves,  
quando é preciso sorriem.  
Aquele que  
dos Sovietes  
duvida,  
que venha comigo  
e ficará ébrio de felicidade.  
Onde já se viu isso:  
num palácio... ler  
O que?  
Versos!  
Para quem?  
Para mujiques!  
Um tal país  
desafia qualquer concorrência.  
Onde já se viu  
conceber tais coisas!  
Penso  
em tudo isso  
como num prodígio.  
Isto aconteceu  
e ainda mais.  
Vejo:  
vão saindo  
depois da palestra  
dois mujiques  
grandes como elefantes.

Sob um globo de vidro  
os dois a sós  
se detêm.  
O primeiro  
ao segundo  
observa:  
“Micha,  
repara que bonito é  
este último  
versinho”.  
E, por longo tempo ainda  
no Livádia,  
pelos caminhos amarelos,  
semelhantes sussurros  
se ouviram  
ao pé das fontes azuis.

(1927)

## E ENTÃO QUE QUEREIS? . . .

Fiz ranger as folhas de jornal  
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.

E logo

de cada fronteira distante  
subiu um cheiro de pólvora  
perseguido-me até em casa.

Nestes últimos vinte anos

nada de novo há  
no rugir das tempestades.

Não estamos alegres,  
é certo,

mas também por que razão  
haveríamos de ficar tristes?

O mar da história

é agitado.

As ameaças

e as guerras  
havemos de atravessá-las,  
rompê-las ao meio,

cortando-as  
como uma quilha corta

as ondas.

(1927)





Com que volúpia  
a casta de policiais  
me açoitaria, crucificaria  
por ter eu nas mãos,  
o passaporte da foice  
e do martelo,  
o passaporte soviético.  
Como um lobo  
estraçalharia  
à burocracia.  
As credenciais  
não lhes tenho respeito.  
Que vão  
para o diabo  
todos os papéis,  
mas este . . .  
Da profundidade  
de meus bolsos  
retiro  
este grande documento  
de que estou provido.  
Lede,  
invejai-me!  
Eu sou cidadão  
da União Soviética!

(1929)

## À PLENA VOZ

Respeitáveis camaradas  
herdeiros e descendentes!

Deste tempo revolvendo  
as fezes petrificadas,  
estudando estes nossos dias trevosos,  
talvez

não saibas  
quem fui eu.

Talvez,  
esmiuçando os problemas de hoje,  
exibindo erudição,  
um sábio

vos diga  
que fui outrora  
um cantor d'água fervida,  
inimigo ferrenho  
d'água da bica\*.

Professor!  
Tire esses óculos-bicicletas!  
Eu mesmo falarei  
de meu tempo  
e de mim.

Eu, inspetor sanitário,  
carregador d'água,  
fui chamado, mobilizado  
pela Revolução,  
parti para o *front*,  
para longe dos jardins senhoriais da poesia,  
caprichosa dama.

Ela tinha um belo jardim:  
água,  
ar,  
um coração,  
um leito.

---

\* Alusão à campanha sanitária preventiva da cólera, da qual o poeta participou, durante os anos da guerra civil.

“Desci a meu jardinzinho  
Para colher o rosmaninho”.

Tais versos —

frisados a Mitreikas  
cacheados a Krudreikas —\*

jorram de algumas bocas,  
em outras são como baba.  
Que o diabo os leve!  
Aos suspiros não dão tréguas,  
bandolinam às sacadas:  
Tara-tina, tara-tina,

ten. . .

Pouco honroso seria,  
se entre tais rosas  
minha estátua surgisse,  
na praça  
onde cospem tuberculosos,  
a meretriz,  
a sífilis.

Eu,  
de Agitprop\*\*  
tenho a boca repleta.  
Poderia fornecer-vos

romances aos metros;  
seria mais fácil  
e pagam melhor.

Mas, eu me continha,  
pisando a garganta  
de minha própria canção.

Escutai,  
camaradas herdeiros,  
ao agitador,  
ao locutor em chefe!

Abafando  
a torrente de poemas,  
passarei por cima  
de líricos livrinhos,  
para falar aos vivos  
como se vivo fosse.

---

\* Poetas menores da época, já completamente esquecidos.

\*\* Abreviatura de Agitação e Propaganda.

Chegarei até vós  
no comunismo longínquo,  
mas não  
como os cantores saudosistas  
à moda de Essênin.

Meu verso chegará  
através do cume dos séculos,  
por cima das cabeças  
de poetas e governos.

Meu verso chegará,  
não como chega a seta lírica de Cupido,  
nem como velha moeda  
às mãos do numismata,  
nem como a luz  
das estrelas extintas.

Meu verso  
com esforço  
irromperá  
de sob o peso dos anos  
e grosseiro,  
pesado,  
gritante,  
há de chegar,  
como a nossos dias chegou  
o aqueduto de Roma,  
tal como o fizeram os escravos.

Entre pilhas de livros,  
túmulos de poemas,  
ao descobrir  
o ferro de minhas estrofes,  
vós, com respeito, as apalpareis,  
como a velhas armas,  
perigosas.

Eu,  
com a palavra,  
não costumo acariciar  
ouvidos;  
nem ciciar  
semi-obscenidades  
a orelhinhas virgens

escondidas,  
sob cabelos inocentes.  
Minhas páginas desfilando  
como tropas,  
as linhas do *front*  
eu as passo em revista.  
Os versos se perfilam  
pesados como chumbo,  
prontos para morrer,  
ou para a glória imortal.  
Os poemas postados  
como um canhão atrás doutro,  
apontam à distância,  
com seus títulos  
de letras enormes.  
Os ditos mordazes,  
minhas armas preferidas,  
ei-los prontos,  
sofreado o cavalo,  
a lança em riste,  
com rimas agudas,  
prestes a galopar  
lançando um grito de guerra.  
E todas essas tropas  
até os dentes armadas,  
que vinte anos de vitórias  
atravessaram,  
a ti as dou,  
até a última folha,  
a ti,  
planeta proletário.  
Todo inimigo  
da classe operária  
é desde muito  
meu inimigo jurado.  
Tivemos  
sob a bandeira vermelha,  
anos de sacrifício,  
dias de fome.  
Mas,  
cada tomo de Marx,  
nós o abríamos

como se fossem janelas,  
e, mesmo sem ler,  
saberíamos  
onde ficar,  
de que lado  
lutar.

Nós,  
a dialética,  
não aprendemos em Hegel.  
No fragor dos combates  
entrava-nos ela  
pelos versos,  
enquanto  
sob nossas balas,  
os burgueses fugiam,  
como nós deles  
fugíamos outrora.

Que atrás do gênio,  
como viúva inconsolável,  
a glória se arraste,  
acompanhando o enterro.  
Morre, verso meu,  
morre como um soldado raso,  
anônimo como tantos  
tombados num assalto.

Pouco me importa  
o bronze dos monumentos!  
Rio-me  
do fulgor frio dos mármoreis!  
Partilhar a glória?

Aqui  
entre nós:  
tenhamos por único  
monumento coletivo,  
edificado  
por todos,  
o socialismo.

Herdeiros,  
arrolhai vossos dicionários,  
para que



levantarei  
qual uma carteira bolchevique  
todos os cem tomos  
de meus livros partidários!

(1930)



## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA PELO TRADUTOR

*Almanach Ouvrier et Paysan*, Librairie de l'Humanité, Paris, 1926.

Andrade, Mário

*A Escrava Que Não é Isaura*, São Paulo, 1925.

Arout, Gabriel

*7 Poètes de la Révolution Russe*, Editions de la Lucarne, Toulon, 1945.

Balashov, P.

"El Gigante de la Poesia Soviética", in *Literatura Soviética*, n.º 11, Moscou, 1947.

Burlamaqui Kopke, Carlos

"O Sentido Libertário da Obra de Maiacovski", in *Fronteiras Estranhas*, Livraria Martins Editora, 1946.

David, Jacques

*Anthologie de la Poésie Russe*, Stock, 4.<sup>a</sup> ed., Paris, 1946.

Ehrhard, Marcelle

*La Littérature Russe*, col. *Que sais-je?*, Paris, 1948.

Fevralski, A.

"Maiacovski y el Mundo Hispánico", in *La Literatura Internacional*, n.º 5, Moscou, 1945.

Fréville, Jean

*Trechos Escolhidos de Marx, Engels, Lênin e Stálin Sobre Literatura e Arte*, Ed. Calvino Ltda., Rio de Janeiro, 1945.

Gaucheron, Jacques

"Maiacovski Présent", in *La Nouvelle Critique*, n.º 42, Paris, 1953.

Guerrero, Lila

*Antologia de Maiacovski, Su Vida y Su Obra*, Editorial Claridad, Buenos Aires, 1943.

Instituto M. E. L.

*O Gênio da Revolução Proletária*, Ed. Calvino Ltda., Rio de Janeiro, 1945.

*Lettres Françaises*

Números de 21-4-51, 27-6-52, 7-1-54 e 14-4-55.

Maiacovski, V. V.

*Izbrannie Cotchinenia*, Goçudarstvennoe izdatelstvo, Moskva, 1949.

Mancisidor, José

"Presencia de Maiacovski", in *La Literatura Internacional*, n.º 4, Moscou, 1944.

- Marshall, Herbert  
*Mayakovsky and his Poetry* (Compiled by), Pilot Press, London, 1945.
- Pérus, Jean  
*Introduction à la Littérature Soviétique*, Editions Sociales, Paris, 1949.
- Polónski, Viacheslav  
*La Literatura Rusa de la Epoca Revolucionaria*, Editorial España, Madrid, 1932.
- Rais, Emmanuel et Jacques Robert  
*Anthologie de la Poésie Russe*, Bordas, Paris, 1947.
- Robin, Armand  
*Quatre Poètes Russes*, Aux Editions du Seuil, Paris, 1949.
- Struve, Gleb  
*Soviet Russian Literature (1917-1950)*, University of Oklahoma Press, Norman, 1951.
- Triolet, Elsa  
*Maiacovski, Poète Russe*, Pierre Seghers, Éditeur, Paris, 1945.  
"Maiacovski et Nous", in *L'Ecrivain et le Livre ou La Suite Dans les Idées*, Editions Sociales, Paris, 1948.  
*Maiacovski, Vers et Proses de 1913 à 1930*, Les Éditeurs Français Réunis, Paris, 1952.
- Yarmolinsky, Avrahm  
*A Treasury of Russian Verse*, The MacMillan Company, New York, 1949.
- Zhdánov, A.  
"Sur les Revues *Zvezda* et *Leningrad*" in *Sur La Littérature, la Philosophie et la Musique*, Les Editions de la Nouvelle Critique, Paris, 1950.

## ÍNDICE

Prefácio .....	3
A Vida de Maiacovski .....	5
Antes de Outubro .....	5
Maiacovski e a Revolução .....	20
O Alvorecer da Literatura Soviética .....	27
A Cena Literária Soviética .....	30
Maiacovski no Trabalho e na Luta. Viagens .....	45
Os Inimigos do Poeta .....	60
Maiacovski nos Debates Públicos .....	71
O Pedestal Minado .....	77
O Jubileu do Poeta .....	83
A Morte do Poeta .....	88
Antologia Poética de Maiacovski .....	95
A Propósito da Tradução .....	95
Estrela .....	97
A Blusa Amarela .....	98
A Flauta Vertebrada .....	99
A Nuvem de Calças .....	109
À Esquerda! .....	116
Guerra e Paz .....	118
Dedicatória .....	120
O Poeta-Operário .....	131
A Extraordinária Aventura Acontecida a Vladímir Maiacovski, Certo Verão, no Campo .....	133
O Reunismo .....	137
Amo .....	139
A Propósito Disto .....	147
Vladímir Ilitch Lênin .....	151
O Regresso .....	158
Desatai o Futuro! .....	161
A Ponte de Brooklyn .....	163

Versos Para Crianças	
<i>O Que é Bom e o Que é Mau</i> .....	167
Versos Para Um Album Ilustrado .....	169
Ao Camarada Teodoro Nette	
<i>Homem e Navio</i> .....	171
Conversa Sobre Poesia Com o Inspetor de Impostos da Literatura	174
Meu Melhor Verso .....	180
Maravilhoso .....	182
E Então Que Quereis? .....	185
Versos Sobre o Passaporte Soviético .....	186
À Plena Voz .....	189
Bibliografia .....	197

EISENSTEIN E O "AMARELO DA 2.ª INT"  
 MALAKOVSKI E SEU PROLETARIADO  
 [TROTSKI = "N' COLA"]  
 "PR NÓS DEU REVOLUÇÃO, APESAR DE  
 GLAUBER?"